

Ichazo

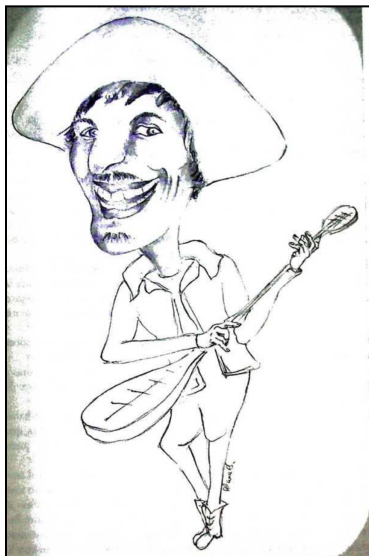
Treinamento Arica

Ego-Plan – Sugestionabilidade – Vivendo em um mundo de possibilidades, ele pode ser manipulado por um parceiro inteligente

NARANJO

2019: Dramatis personae: Enneatypes, cinema e literatura / Dramatis personae: Enneatypes, cinema e literatura

- *E7 sexuais*. Neste caso, Ichazo utilizou o termo 'sugestionabilidade', que poderíamos entender ao mesmo tempo que uma capacidade onírica que confunde sonhos com realidade, e uma capacidade de enfeitiçar, hipnotizar e enganar, brincando assim com a sugestionabilidade dos outros. A gula sexual, em sua intensidade impaciente, sonhos do que quer e o persegue com excessiva avidez, mas paz, confiança e falta compromisso com a vida em seu coração – o que, por sua vez, alimenta sua busca impaciente.



E7 SEXUAL, UM PRONTO

- O E7 sexual é um sonhador entusiasmado que confunde seus sonhos com a realidade, mas também é inteligente, uma pessoa que sabe se virar e que se move e fala rápido.

- Uma definição excepcional do E7 sexual está condensada nesta descrição do personagem: nem o próprio Gigi sabe muito bem como vai alcançar a fama, já que o esforço e o trabalho não lhe agradam muito.
- Por outro lado, pode-se apreciar a sugestionabilidade do E7 sexual, ao confundir a sua fantasia, projectada no futuro, com a realidade, e também a rebelião de carácter, quando diz: «E embora muitas vezes não tenha dinheiro , nem para pagar uma xícara de café, Gigi ainda será Gigi."
- Mais tarde, Momo se reencontra com Gigi, que se tornou uma famosa contadora de histórias, como tantos E7s sexuais que divertem nossas noites isoladas em frente à televisão:
- No fragmento a seguir você pode ver em Gigi a impulsividade, a verborragia e a tendência à ansiedade do subtipo sexual Sete, que ele tenta atenuar com comprimidos, bem como sua resignação a um inferno pelo menos confortável.
- Disco. Mais uma vez, encontramos o sexual E7 representado de forma caricatural por Puck, um elfo travesso em A Girl's Dream.
- James Joyce. Esse tipo psicológico também aparece em muitas obras famosas, como Os Papéis Póstumas do Clube Pickivick, de Dickens (na forma de um engraxate muito divertido), ou em Madame Bovary, onde Rodolfo tenta seduzir a protagonista exagerando seu sofrimento. para não ser amado. Uma pessoa inexperiente pode pensar que Rodolfo é um E4, mas não é incomum que um E7 sexual seduza através de seu sofrimento, e é pertinente mencionar que os brasileiros, que possuem essa cultura Sete, vivenciam fortemente o sentimento coletivo de saudade ou saudade, que é como uma falta doce, uma falta mais terna que amarga.
- Embora a vida de James Joyce pareça tudo menos uma ilustração de saúde mental, ele foi considerado por muitos como o escritor mais importante do século XX e uma pessoa realizada, na medida em que levou uma vida criativa e bem-sucedida. Embora eu não pretenda julgar o valor do seu trabalho, suspeito que a maneira como você sacrificou sua vida pelo seu trabalho envolveu a substituição da vida pela fantasia - assim como um E7 sexual, que fica sonhador demais.
- Logo relatos indicaram que James passava mais tempo na enfermaria do que na sala de aula e, para piorar sua saudade, sofreu uma injustiça que nunca esqueceu e nunca perdoou. O perdão era um anátema para ele. Esta citação alude a algo que por si só nos faz pensar mais num E4 do que num E7, e é que num E7 sexual pode haver uma grande

sensibilidade que o leva a refugiar-se na doença antes da grosseria da vida. disse, em geral, que Joyce sofria não apenas do entusiasmo maníaco excessivo de um Sete, mas também da depressão de um Quatro.

- Aqui estão outras informações relevantes para sua sugestionabilidade ou suscetibilidade à absorção em um mundo ideal:
- Eu diria também que esse episódio deixa claro que Joyce era uma E7 sexual, e não social: Depois que mais uma criança morreu, o pai desesperado tentou estrangular a mãe, agarrou-a pelo pescoço e gritou: "Agora, por Deus, é hora de acabar com isso." James jogou seu pai no chão e o prendeu ali enquanto sua mãe fugia para a casa de um vizinho.
- A história de Estêvão descreve, como bom representante do guloso E7, seu vício pelo prazer e pela vida confortável, evitando tudo que lhe causa desprazer, o incomoda ou o frustra. Sua forma de expressar essa gula, como faz o E7 sexual, é através do prazer que seu mundo de fantasia lhe proporciona, palavras, jogos mentais, conceitos e imagens, que lhe permitem se defender de uma realidade cotidiana incômoda que o deprime.
- Apaixonado, um E7 sexual coloca sua gula não na busca por sexo, mas na saudade de encantamento. Por isso, entrega-se a experiências fantasiadas de amor ideal, mágico, platônico, desprovido de carne e impulso. Naturalmente, Stephen se vê como alguém especial, com a honrosa missão de tornar real, sem nenhum esforço de sua parte, o amor idealizado; a magia, como ele acredita, garantirá que tudo seja perfeito...
- José Arcádia Buendía. O E7 sexual também pode ser reconhecido em José Arcadio, patriarca da família Buendía e pai do Coronel Aureliano Buendía no romance Cem Anos de Solidão, de García
- Personagens Ilustração cinematográfica do sexual E7 Guido A vida é bela (Roberto Benigni, 1997)
- O que foi narrado até agora apresentou muitas características próprias do E7 sexual, como a loquacidade, a imaginação, a capacidade de improvisação, a rapidez, o otimismo, o entusiasmo, a simpatia, a rebeldia ou o atrevimento; mas além dessas características, o que se destaca no filme não é o caráter patológico de tais traços quando servem à criação de uma falsa realidade, mas a possibilidade de que possam servir ao amor e à sobrevivência com plena consciência do sofrimento e do infortúnio. Em outras palavras, é-nos mostrada a possibilidade de que o mesmo ego que normalmente constrói uma falsa realidade sirva à vida; e com isso somos convidados não apenas a compreender uma forma elevada de expressão deste personagem, mas também algo mais universal, que

pode ser resumido no conselho de um rabino de que não basta triunfar sobre o diabo, mas que é preciso usá-lo. a serviço de Deus.

2017: Ensayos Sobre La Psicología dos Eneatipos / Essays on the Psychology of the Enneatypes

E7 sexual ilustra filme sobre **Lope de Vega**, um dramaturgo espanhol que Cervantes descreveu como um monstro devido à sua extraordinária produtividade. O filme biográfico mostra-o como uma personagem fascinante e também como um charlatão, como é típico da sua personagem, e também como um narcisista irreverente, incapaz de aceitar limites.

E7S: Félix Lope de Vega (Alberto Ammann) em Lope (Andrucha Waddington, 2010)

E7S: Sugestionabilidade. Tendência “sonhadora” que reprime a percepção da dor e embeleza as coisas através da idealização.

Gula sexual. Na sua intensidade impaciente, ele sonha com o que quer e persegue-o com avidez excessiva, mas no seu coração falta-lhe paz, confiança e entrega à vida, o que por sua vez aumenta a sua busca impaciente.

Se pensarmos num 7 sexual, porém, a combinação de rapidez e impulsividade nos lembra o macaco, que também possui características de simpatia e invasividade problemática.

2012: 27 Personagens em Busca do Ser: Experiências Transformacionais à Luz do Eneagrama / 27 Personagens em Busca do Ser: Experiências Transformacionais à Luz do Eneagrama

E7 Sexual – Sugestionabilidade



O sete sexual é não terrestre, mas celestial. Ele é não estou interessado nas coisas deste mundo. É a gula das coisas do um mundo mais elevado e mais avançado. O E7 sexual é o que poderíamos chamar um sonhador. Para defini-lo, Ichazo usou a palavra sugestionabilidade, que entendo como a paixão imaginar algo melhor do que a realidade desolada. É a paixão de encantar a realidade, fantasiar, pintar as coisas de rosa. Em outras palavras, é uma forma de idealização. Se a palavra para o E5 social é totem – totemizar é um tipo de superidealização – aqui é antes uma idealização do comum: o sete sexual olha as coisas com o otimismo de quem está apaixonado. Eles dizem isso o amor é cego. Pode ser que o sete sexual seja cego no mesmo sentido. Ele é muito entusiasmado. Sua paixão é sonhar, ir em direção à doçura do imaginado em vez de entrar em contato com o comum e não é uma realidade tão interessante. Carl Abraham, um colaborador de Freud que tinha um olho melhor do que Freud para a descrição de personagens, falou de um personagem completamente otimista em todos os sentidos: -Estou bem, você está bem, está tudo bem. E é claro que isso pode ser muito terapêutico... para qualquer um que não seja um sete. Ou, dito de outra forma: a vida virtuosa é boa para quem não é freira.

A transformação no E7 sexual de Enrique Villatoro Aspectos que ficam para trás no processo terapêutico Pensar. Hoje sinto mais desconfiança no pensamento racional e mais credibilidade na sensação e no instinto. Não escuto tanto o fluxo intelectual, o que me torna mais fácil silenciar aquele ruído mental interno de multipossibilidades, planos, oportunidades, ideias emocionantes e assim por diante. Este silêncio interno também se manifesta num maior silêncio externo, em menos conversa. Ficou para trás andar pelo mato conversando, emocionando-se com a própria fala. Agora há mais precisão e capacidade de usar melhor a linguagem, tanto nas palavras exatas quanto na estruturação do discurso, e posso especificar com mais precisão o que quero expressar. Não tenho tanta necessidade de exteriorizar essas ideias e possibilidades maravilhosas que surgem na mente porque você mesmo não acredita nelas: são menos importantes, apanham menos e não se auto-sugerem tanto. Acontece de forma semelhante com

planejamento constante. Há menos antecipação do futuro, menos contos da leiteira e mais contacto com a realidade, tanto interna, com o que se sente, como externa, com o que está a acontecer: é um ser mais no aqui agora. Sinto mais desconfiança na improvisação ou numa força divina que tudo resolve, o que vejo como uma evitação e uma fuga, que implica mais e melhor preparação das coisas, e uma realização por si mesmo, com aceitação do que acontece. Há menos necessidade de estratégias antecipatórias. Nesta mesma linha de desconfiança no próprio raciocínio, diminuiu o apego a idealizações, fantasias e sugestões. É mais fácil reconhecer e desmontar fantasias, diferenciando-as da realidade.

Há mais realismo, um ser mais terreno, mais enraizado e ainda mais primitivo e instintivo. Levo a vida mais a sério, com mais responsabilidade, comprometimento e menos evitação, e a encaro de forma mais adulta e madura. Tenho perdido aquele ponto de humor em tudo, aquela ironia em qualquer coisa e em qualquer ocasião. Não manifesta exclusivamente o aspecto palhaço, despreocupado, como se não afetasse nada, mas pode parecer sério para os outros. Internamente, é mais chato, menos engraçado e interessante porque há menos piadas. Mas, como no intelectual, isso não tem mais graça para mim. Sentir. Há uma sensibilidade mais generalizada, as emoções estão mais à superfície desde tristeza, raiva, dor, raiva, até alegria, satisfação, contentamento... É um sentimento aparentemente menos intenso mas mais verdadeiro, mais autêntico. Você poderia comparar isso a tirar os óculos cor de rosa para poder ver as cores escuras, ou seja, perceber e suportar mais dor, frustração, desânimo e todas aquelas sensações desagradáveis sem ter que manipular sua própria percepção da realidade. A insatisfação e o que não agrada são sentidos e manifestados de forma cada vez mais clara e direta. Há menos auto-engano, falsidade e manipulação. Por outro lado, aparece mais transparência consigo mesmo e com os outros na expressão de sentimentos (agradáveis ou desagradáveis), dizendo o que quer ou não quer, para que aquela imagem de nada aconteça, de estar bem crônico com cara de palhaço feliz e envolto em ironia e aparente alegria, diminui. Nesse sentido, surge uma faceta de mais reclamação que chega até a conseguir se mostrar mesquinha e protestante.

Fica para trás buscar aceitação, valorização, reconhecimento à custa de falsificar e manipular com a sedução, a cara boa e a não expressão do que dói ou não gosta. Com esta maior integridade e transparência nas divergências, a rebelião é diminuída na forma de agressão passiva, boicote e resistência oculta, ironia prejudicial, e assim por diante. Há mais honestidade nesse aspecto. Tanta inquietação e ansiedade ficam para trás. Havia um estado permanente de alerta e ativação, sem saber o quanto era uma forma defensiva ou o quanto era uma forma oportunista e egoísta, possivelmente ambas. Em geral, não há mais tanta sensação de estar ameaçado ou de que a vida é como uma selva em que

sobreviver é um esforço excessivo, só possível para os mais experientes. Esta diminuição da angústia interior tem a ver com uma maior consciência e ligação com o medo, com as dificuldades e limitações. Antes vivia um superdimensionamento da crença no poder com tudo que, na realidade, tão pouco escondia o sentimento e o desconforto que isso causava. Conduta. Em primeiro lugar, há uma diminuição considerável do movimento físico. Isso implica maior estabilidade ao poder ficar mais tempo parado, sem se movimentar, no mesmo lugar e com a mesma atividade. Por um lado, já não existem tantas frentes ou atividades simultâneas e, por outro, não existe esse sentido de provisório na vida, no sentido de que um dia chegará aquele futuro idílico e promissor em que tudo será tranquilidade, paz e felicidade. Tome consciência de que este momento já existe, aqui e agora. Existe um ser mais tranquilo, mais equilibrado, como se antes, tanto interna como externamente, houvesse constantemente uma vibração e um salto de um lugar para outro por falta de consistência, solidez e firmeza.

A transformação tem a ver com descobrir um lugar interno onde você pode parar, onde há paz e tranquilidade e, simplesmente, nada precisa ser feito. Além disso, esta diminuição da agitação, oscilação crónica, permite canalizar a atividade e facilita uma maior concentração e centralização. Há uma maior capacidade de focar no que se faz em cada momento. No concreto, isso se manifesta no fato de que, aparentemente, menos coisas são feitas, mas, em vez disso, há mais disciplina e as que são feitas são concluídas. Há menos frentes abertas e mais autodomínio em conseguir fazer uma coisa de cada vez, não como antes, quando se acreditava que poderíamos fazer várias ao mesmo tempo. O mundo deixou de ser um grande mercado de ocasiões extraordinárias que devem ser aproveitadas, onde, quanto mais você tira, mais você tem e aproveita. Embora isso tenha causado muita empolgação e entusiasmo pela grande quantidade de cenários que se abriram, o custo emocional foi alto pela dispersão e ansiedade que causa pela dificuldade de não poder estar em todos os cenários ao mesmo tempo e ter desistir de algo. Diante desta dispersão pelas multipossibilidades e pela quantidade de experiências, surge o concreto, a rotina, a disciplina, a austeridade, valorizando as situações de maior qualidade e profundidade. Agora, o grande e tentador mundo externo foi reduzido a uma esfera menor: casa, trabalho, família, alguns relacionamentos, espiritualidade e pouco mais. O foco da atenção é direcionado mais para dentro do que para fora. Ao olhar e priorizar o externo, o público, o exterior, passou a valorizar o interno, o pessoal, menos espetacular e luminoso por fora, mas mais próprio, mais íntimo, simples e profundo. Há uma mudança na regra de medir, valorizando mais o que você tem em vez do que falta ou vai faltar. Causa mais desconforto a perda do que já é necessário abrir mão do possível, por mais interessante que pareça. É mais conservador. Como diz o ditado, “mais vale um pássaro na mão do que cem voando”.

De certa forma, não se trata apenas de conseguir sustentar o próprio desejo, o impulso, o gatilho que desencadeou a voracidade, mas também que esse mesmo desejo tenha sido focado em outros interesses. A excitação produzida pelo consumo de muitas experiências transformou-se na tranquilidade de saborear menos experiências mas com mais profundidade. O oportunismo foi reduzido ao descobrir que o que realmente me atraiu foi a excitação de tudo novo. Não é que antes fosse necessário mais, mas que foi digerido pior, simplesmente porque não houve tempo para fazer a digestão. Agora, embora seja em menor quantidade, chega mais ao fundo, aprofunda e aproveita mais. A mudança também tem a ver com agir sem tantas expectativas e sem colocar tanto entusiasmo na ação ou auto-sugestão de que o que será feito será tão emocionante e espetacular; é necessária uma autoconfiança diante dessa busca pela intensidade e pelo extra em tudo, além de manter um menor nível de ativação, de excitação. Na verdade, trata-se de sustentar a monotonia, a rotina, os costumes. Esse futuro promissor que se vende já não é credível. Automaticamente, dá-se mais atenção ao real, ao presente. O sete sexual age como aquele que chega em uma confeitaria e pede de tudo um pouco para experimentar de tudo, e até come misturando os diferentes sabores. Assim, as nuances não se distinguem e a satisfação consiste apenas em ter tentado de tudo, em não ter perdido nada. Agora gosto de comer um bolo inteiro e saboreá-lo. Em suma, sinto-me mais satisfeito.

Novos traços e características que aparecem no personagem

A seguir apresentarei com mais detalhes uma série de novidades e aspectos que surgiram nesse processo de amadurecimento psicoespiritual. A ordem de apresentação não significa que sigam uma determinada hierarquia, mas que constituam diferentes frentes e caminhos de desenvolvimento e evolução simultâneos e paralelos de tal processo de maturação. Um dos aspectos mais marcantes foi descobrir o silêncio, entendido como diminuição do ruído interno, diminuição da interação com o mundo exterior e um trabalho de atenção e filtragem de percepções. Por um lado, esta diminuição do ruído permite-me acalmar a constante e permanente efervescência e efervescência mental, até atingir um ponto de centramento em que a mente está mais controlada sobre si mesma. Dessa forma, é possível ficar menos preso aos estímulos externos, menos tentado a bicar o que o mundo oferece. Hoje tenho mais controle das minhas próprias percepções e da direção que o foco da atenção toma. Embora os sentidos estejam abertos, visão, audição, sentimento, e a mente perceba isso, ela não vai atrás de tais percepções. Neste lugar interno de silêncio, além de poder se tornar independente e se desligar dos ruídos externos (não só auditivos, mas de qualquer tipo de estímulo), não são gerados novos ruídos internos (pensamentos, fantasias, estratégias). É claro que tudo isto tem a ver com falar menos, tanto de palavras exteriores como também em termos do próprio discurso interior: literalmente, pensar menos.

Também abre um espaço de maior escuta do que está ali. Em vez de sermos tão ativos na captação de estímulos sensoriais ou na apreensão de conceitos e ideias, há uma maior receptividade; a busca dá lugar à simples descoberta. Pelo simples fato de parar de tentar alcançar algo, desaparece grande parte do esforço e, conseqüentemente, a excitação e a ansiedade que obscurecem a própria percepção da realidade.

Quanto menos você faz e menos reage, mais as coisas fluem. É um pouco paradoxal no sentido de que se sai do “eu”, mas, em vez disso, se encontra mais. Um eu menos protagonista, menos cume, mas mais aberto, tranquilo, amplo e livre. É como se alguém tivesse saído do primeiro plano do palco da experiência, onde tentava controlar e dirigir tudo, para agora dar uma espécie de retrocesso e se colocar num segundo nível, mais como espectador, deixando a vida fluir sem tanta intervenção manipuladora e interessada. Desse afastamento do protagonismo surge uma espécie de sexto sentido, de intuição que orienta e direciona para onde a energia está e se movimenta a cada momento. Também favorece a contemplação e facilita maior liberdade de movimentos. A partir daí, quase qualquer atividade ou sensação torna-se uma forma de conexão e contato consigo mesmo. Outro aspecto digno de nota é a quietude. De uma forma muito simples, a quietude é como ter descoberto um lugar íntimo onde você pode parar, não fazer nada e descansar. Surge uma sensação de tranquilidade generalizada, como se as rotações do motor tivessem abrandado. Há menos atividade, tanto de pensamentos e sensações quanto a nível corporal. É uma consciência da excitação extra, do esforço que estava sendo colocado na vida sem um objetivo específico e do desgaste que isso acarretava: quanto mais você corria, mais demorava para chegar não sei onde. Quietude é ter descoberto aquele lugar onde você pode descansar a cabeça, descansar e relaxar quase indefinidamente, porque tudo tem uma importância relativa e uma transcendência. Essa quietude surge da diminuição de tantos processos analíticos, julgamentos e contaminações mentais do bem/mal, adequado ou não adequado, e assim por diante. Já não existem tantos extremos, tudo tem seu lugar e você não precisa se preocupar tanto. Reduz a dualidade e a divisão entre quem faz e a ação. Aquele que constantemente observa, pergunta e questiona fica mais confuso; assim, a atividade muda e a própria ação ocupa toda a consciência. Em última análise, há uma maior aceitação do que está acontecendo a cada momento. É um certo pasotismo que, ao contrário da indulgência, não é evitativo, mas se conecta com algo semelhante a um todo, está bem, não falta nada, nada precisa ser feito, e a um sentimento de plenitude, plenitude e satisfação no aqui e agora.

Com esta relativização da realidade, em que não importa tanto o que é a percepção em si, mas como e de onde ela é percebida, reduz-se o apego e a necessidade de alcançar, de alcançar, de resolver ou de

esclarecer qualquer coisa. Da mesma forma, a voracidade muda e não é mais tão agressiva ou selvagem. É claro que o impulso e a vontade de engolir continuam, mas podem ser sustentados com mais facilidade, colocando-se no centro de si mesmo, onde tudo se torna mais relativo, descontraído e com menos pretensões. A estrada ficou mais espaçosa e com menos referências.

Este processo e experiência de se deixar levar por este novo olfato tem a ver, precisamente, com estar puramente no presente, aberto e fundido com o que acontece. E assim esse presente se torna maior, se abre enormemente, como se entrasse em outra dimensão muito sutil.

Embora possa ser percebido, é impossível descrevê-lo porque no ato de tentar essa abertura é interrompida e o eu volta ao primeiro plano. No instante, nenhuma avaliação da experiência pode ser feita, o presente não pode ser apreendido. Esta quietude não é forçada, rígida ou congelada, mas é fluida: o movimento é reconhecido a partir do repouso. Ao andar de bicicleta, a estabilidade e o equilíbrio são alcançados com o próprio movimento, e tentar ficar totalmente imóvel é quando você cai. O fluxo de ideias e percepções não distrai a quietude, mas aumenta com o reconhecimento dos próprios pensamentos. Se você tentar congelar a consciência e a atenção, elas serão bloqueadas; se você as deixar oscilar livremente com uma consciência observadora, elas se estabilizarão por conta própria.

Um terceiro aspecto neste processo de amadurecimento é a simplicidade, a simplicidade, a austeridade, no sentido de não complicar tanto as coisas, de tornar a vida mais fácil, mais concreta, menos complexa e com menos ramificações desnecessárias. Trata-se de se posicionar em um lugar mais focado e recolhido, onde o foco de atenção não é tão aberto nem tão ativo. Como se o radar de busca permanente estivesse desconectado e não perscrutasse mais persistentemente o horizonte das experiências.

Fisicamente seria fechar um pouco os olhos, os ouvidos e o resto dos sentidos, fechar até o músculo interno do raciocínio, do pensamento. Os sentidos, o mundo, a vida tornam-se mais sóbrios, não tanto porque há menos quantidade mas porque há menos voracidade e apego a essa aparente abundância. Este distanciamento perceptivo não é um recuo do isolamento, mas uma maior capacidade de renúncia e desapego no sentido de uma maior capacidade de dizer não às tentações que atraem e incitam a cair, em suma, naquilo que não é tão prioritário.

Essa simplicidade também envolve tirar a emoção, os enfeites e os fogos de artifício das coisas. A experiência em particular e a vida em geral são menos transcendentais e espetaculares do que se pensa. Isso reduz a tentativa constante de injetar entusiasmo e sugestões extras para tornar a experiência mais interessante ou valiosa do que realmente é. O volume da vida é reduzido. Torna-se mais natural, mais espontâneo, menos providente e antecipatório com o que pode acontecer. Deixa de planejar ou montar

estratégias de sucesso permanentemente antes de qualquer evento. Finalmente, simplicidade também significa estar um pouco além da consciência dividida. Cada vez, os diferentes aspectos da vida estão menos fragmentados e separados: família, trabalho, pessoas, espiritualidade. Existe um funcionamento mais holístico e global entre as diferentes áreas. O próximo aspecto a destacar na transformação é o da orientação para a espiritualidade e, principalmente, do despertar para a devoção, entendendo-a como doação a algo e a todo guia maior que um, que se encarrega dos níveis superiores, com a proteção, segurança, ordem e descanso que isso implica. O sentimento é semelhante ao da entrega de um filho, mas ao contrário da criança caprichosa que espera ser dada, entrega-se pela tranquilidade e pela confiança filial de que há alguém que sabe o que fazer em cada momento; isso permite que a criança se solte e seja puramente criança, sem ter que se sobrecarregar com papéis ou responsabilidades que não lhe correspondem. É uma sensação de estar pleno, protegido e, novamente, em um lugar interno e externo onde você pode descansar. Da mesma forma, este lugar facilita ser mais honesto, mais responsável e, paradoxalmente, mais adulto. Com essa dedicação, aceitação e abertura para algo superior, o posicionamento na vida torna-se mais claro e permite fazer o que corresponde com mais empenho, envolvimento e presença.

Paralelamente à devoção, surgem a humildade e a compaixão. Por um lado, implica olhar mais para o outro, vê-lo, levá-lo em conta, perceber que os outros também têm as suas necessidades, os seus sofrimentos, os seus interesses. Perceba que eles são outro eu. Por outro lado, tem a ver com ser menos autocentrado, menos interessado em si mesmo, menos caprichoso, menos infantil, e com poder valorizar e sentir-se mais satisfeito com o que existe: ser menos rentável e oportunista ao levar em conta ter em conta os interesses dos outros e não pensar unilateralmente nos seus próprios. Dito de outra forma, humildade e compaixão têm a ver com estar mais consciente do narcisismo e do seu aliado, o picaresco. Devemos perceber o quão difícil é para nós colocar o outro em primeiro lugar, ceder, ou simplesmente ver e levar em conta os outros, porque imediatamente a estratégia parece sempre avançar e não se esgotar. A mudança vem do reconhecimento e do aprofundamento do que está por trás dessa busca pela grandeza, pelo interesse, pelo lucro para si mesmo. Por um lado, existe a sensação de se sentir pequeno, inseguro e, até certo ponto, em condições inferiores. Por outro lado, existe uma grande desconfiança de que a autoridade será justa e proporcionará segurança e proteção. Com tal forma de pensar, parecia mais confiável tornar-se a própria referência, a própria autoridade, com um sentido interessado de justiça, segurança e autoproteção. Um E7 tem sua mente programada para sobrevivência e astúcia. Quase em qualquer oportunidade surge o pensamento e o plano de como obter algo benéfico. O antídoto é o compromisso consigo mesmo e com o que se quer e deseja, é se permitir ser transparente e honesto,

expressando com mais clareza o que se quer ou o que o incomoda. Você consegue expressar as demandas mais claras e também sustentar mais a frustração do próprio desejo e falta. Esta honestidade e transparência consigo mesmo e com o mundo é o antídoto para a rebelião e a conspiração oculta.

Paradoxalmente, não há tanto interesse nas relações sociais, nas pessoas, nos contactos. Com o processo psicoespiritual surge uma maior consciência do aspecto antissocial de E7. Agora tenho mais vontade de estar comigo mesmo ou com os meus, e não tanto de descobrir quem é mais estranho. O que antes era uma dolorosa solidão que se traduzia em abandono, marginalização, rejeição e medo, agora é segurança, conforto, descanso. O facto de gozar de maior honestidade, transparência e franqueza na expressão dos desejos e necessidades liberta-nos de ter de aparecer, de ter boa aparência, o que facilita poder entrar e sair do contacto com os outros.

O sentimento geral é de maturidade, de se tornar mais adulto, sério, sensato e criterioso. Deixar de se sentir uma criança dependente do mundo para assumir as obrigações e tarefas, tornar-se mais presente e competente no mundo, e entender a responsabilidade não como um fardo ou um peso, mas como uma liberdade para poder escolher e decidir por si mesmo. No meu processo, passei de me sentir bloqueado por medo da rejeição, a não ser adequado, a não saber exatamente como me comportar (como se houvesse um jeito certo, um ser à altura da tarefa, em um determinado nível que você está não tenho certeza de conseguir) confiar mais em mim e me dar mais credibilidade, sem tantos julgamentos invalidantes e neutralizantes, sem tantas dúvidas ou medos. Isto representa uma libertação a um nível muito essencial que tem a ver com dar-se permissão para ser como é, sem críticas, sem julgamento, com aceitação sem esforço. É uma permissão genuína que não nasce da dúvida: não é preciso escolher nada. Não há escolha entre melhor ou pior, certo ou errado, a permissão começa antes do próprio dilema. A ação surge como uma mola que simplesmente brota sem se perguntar se é melhor fluir para a esquerda ou para a direita.

A maturidade implica maior resistência à dor e à frustração. Em vez de parar para sentir a falta, a armadilha típica do E7 sexual é que a frustração de não ter algo seja substituída por uma fantasia rósea que satisfaz de forma substituta. Tamanha é a insistência mental com argumentos lógicos que sustentam a fantasia que, antecipadamente, você começa a gostar dela. Isso significa um desligamento da sensação de desconforto causado pela falta: a ilusão se constrói para não assumi-la, e também perde progressivamente a consciência da realidade, a tal ponto que, rastejando cada vez mais entre as próprias mentiras, o sete sexual torna-se incapaz de distinguir a fantasia da realidade.

A interrupção deste ciclo evitativo é alcançada quando o impulso do próprio desejo é sustentado sem necessariamente atuá-lo, tanto no seu aspecto de atração pelo novo e estimulante quanto na evitação do desagradável, da frustração, do doloroso. Paciência, serenidade e temperamento cresceram. Ser capaz de sustentar o anseio e o desejo com maior tolerância, calma e coragem, e não se deixar alterar tão facilmente pelas circunstâncias externas, é um dos grandes frutos. A solidez se manifesta na estabilidade interna e na perseverança externa. É como se a força de vontade tivesse sido revigorada e fortalecida. Há mais diligência, disciplina, determinação, a ponto de conseguir ficar na rotina, no repetitivo, no chato e relutante.

A forma de entrar nesta paragem interna, nesse descanso e tranquilidade, consiste na ligação e descoberta do corpo como outro lugar de si onde estar. Isso começa saindo da sua cabeça, deixando de ser cognitivo o tempo todo. Para fazer isso, você tem que se tornar dono do seu próprio desejo, para poder segurar o desejo, o apetite, o desejo. No início foi especialmente difícil sustentar o impulso de sempre ter que genitalizar e sexualizar as relações, principalmente com as mulheres, que sempre procurei como elemento de excitação, novidade, ativação, e também de reconhecimento, validação, e assim por diante. Depois desta melhor gestão do desejo sexual, vem a domesticação da tentação perante outros estímulos diversos, por exemplo com drogas e estados alterados de consciência, ou com o desejo consumista e doce de qualquer tipo de experiências que possam produzir excitação, entusiasmo e novidade, e que também são normalmente usados pelos setes para evitar sensações desagradáveis. Por fim, serve para poder sustentar a atração neurótica de ir sempre atrás dos próprios pensamentos, sensações e percepções. E esse é um aspecto muito sutil do processo.

Intuições sobre o estado de autorrealização

Um dos principais temas da transformação psicoespiritual é deixar de olhar para o céu como uma fuga da terra, ou seja, tornar-se mais realista, mais terreno e até visceral. Esta maior objetividade implica menos defesa cognitiva na forma de sugestão, fantasia, ilusão e, conseqüentemente, menos manipulação e autoengano, tanto para si como para os outros. Não há tanta cabeça, tanta racionalidade, e há mais coração, mais emotividade. O pensamento e o planejamento concretizam-se e sistematizam-se, são mais reais e menos cósmicos. Os esforços e as energias são concentrados de forma mais metódica, com maior diligência, perseverança e determinação. Esta maior presença e envolvimento no que se faz permite-nos usar a estratégia e a programação como busca de maior comprometimento e não como evitação, fuga ou oportunismo. Para isso, é útil confiar que a felicidade está em trabalhar no momento presente e se obtém passo a passo e pouco a pouco, não de repente ou avidamente. Nesse sentido, a honestidade e a

transparência são fundamentais. Por um lado, com maior contato e consciência do que sente, quer e precisa em todos os momentos e, por outro, com maior autoconfiança e integridade em demonstrar e se governar a partir disso, expressando tanto o que não gosta e gratidão e reconhecimento aos Outros. Isto implica ser mais confrontador, direto e claro, em vez de partir da retaguarda, do oculto, do manipulador, do boicote ou da rebelião típica de E7.

Teria a ver com assumir-se como autoridade e tornar-se responsável pela própria vida. Ou seja, desenvolver mais seriedade, comprometimento e presença não só diante dos outros, mas, principalmente, diante de si mesmo, diante das próprias sensações, desejos, objetivos.

Ajuda nesse caminho ser capaz de segurar e olhar para a dor, a frustração e as sensações desagradáveis. Esteja mais em contato com suas próprias insatisfações e ao mesmo tempo valorize o que você tem. Busque mais satisfação no real, na qualidade e profundidade da vida do que na quantidade e variedade. Confie mais no que a vida traz ao invés de passar do medo e do pavor para a carência, para a insatisfação e, a partir dessa confiança, desistir da estratégia preventiva. Também ajuda a gerar uma sólida autoconfiança interna, confiando nos próprios recursos e reconhecendo as limitações, em vez de apelar à falsa tranquilidade e ao desenvolvimento de confiar na improvisação e que as coisas se resolverão por si mesmas, o que ainda é um comportamento evitativo. Serve para estar na vida com maior tranquilidade, simplicidade, simplicidade e até ingenuidade, em oposição ao desordenado, obscuro, ramificado e enrolado que existe num sete sexual. É conveniente procurar mais espaços sem preencher nada, mais tempos de inatividade sem atividade externa ou interna. Claro, isto significa mais silêncio, menos palavras e mais escuta. O objetivo é viver sem evitar nada do que surge ou aparece, sem fugir para um futuro idílico tão típico deste personagem planeador.

A espiritualidade de um sete sexual transformado não é tão fantástica ou ideal, mas mais prática e materializada em fatos e ações concretas. Por exemplo, é possível desenvolver generosidade, colaborações e tarefas mais altruístas e altruístas, bem como maior dedicação devocional e compaixão baseada em realmente ver o outro por si mesmo, não como um meio de engordar o ego de “quão bom eu sou”. No processo, despertou em mim um senso de humor e otimismo mais aberto e limpo, menos irônico, escapista e ofensivo, entendido não como mais um mecanismo de defesa e agressão, mas como uma forma de desapego e leveza diante da vida. É uma capacidade de desfrutar e de fazer com que os outros desfrutem com um otimismo contagiante proveniente da transparência e da honestidade.

Não é que o ego e a neurose tenham parado de fazer as suas, mas suas travessuras e escapadas são cada vez menos irritantes, porque o caráter é menos indomável. Como aqueles cães que têm uma coleira bem

comprida, com um mecanismo que permite ao dono dar um puxão a qualquer momento para pegar a corda e fazer o cachorro vir. Dependendo da situação, a guia é mais longa ou mais curta, mas o cão é sempre governado. Observo um distanciamento e distanciamento dos impulsos e hábitos neuróticos, mas não da repressão e sim da consciência de sua existência. Às vezes, também tenho a capacidade de aproveitá-los como sementes para desenvolver mais consciência e atenção. Não se trata, portanto, de evitar nada, mas de integrar e gerir melhor o que existe.

Sugestões para trabalho terapêutico com um sete sexual

Do ponto de vista terapêutico, os E7 em geral – e os sexuais em particular – costumam procurar a terapia seja por uma crise aguda da qual não conseguem escapar, ou por curiosidade, para experimentar um novo brinquedo de ilusão e fantasia. No caso de uma crise, superados os primeiros sintomas mais dolorosos, é fácil para o sete sair do processo enganando-se com a convicção de se acreditar melhor do que realmente é e contentar-se com um curativo em vez de uma cura profunda. No caso de frequentar a terapia por curiosidade, passada a excitação e a ilusão iniciais, juntamente com o facto de começar a abordar questões mais dolorosas, facilitarão a fuga para outros assuntos mais motivadores e menos angustiantes. Portanto, existe alguma dificuldade em que pessoas com esse tipo de carácter consigam ter constância suficiente no processo para, dessa forma, entrar em maior profundidade. Portanto, uma das primeiras dicas aos terapeutas que atendem aos setes sexuais nada mais é do que fazê-los notar a importância de criar um clima favorável ao desenvolvimento da perseverança, da paciência e do comprometimento com a terapia para que o processo se desenvolva. A partir daí, pode ser útil reconstruir sessões periodicamente em pacotes de um determinado número. Isto permitirá, por um lado, realizar miniprocessos com a sua adequada integração e encerramento. Por outro lado, garantiremos que o processo não seja interrompido repentinamente com fuga de fuga ou rebelião, e deixaremos a porta aberta para que, se desejar, possa retomar o processo num outro momento. Com isto, iremos dar-lhe espaço e flexibilidade suficientes para que possa entrar e sair com certas margens de liberdade.

Também é muito útil despertar um pouco da sua própria curiosidade. Deixa você com um pouco de fome de uma sessão para outra. Desta forma, aproveitaremos a sua própria gula, insinuando-lhes ou mostrando-lhes que existe um lugar melhor do que aquele que habitam psicologicamente e que podem alcançar algo mais essencial do que aquilo que vivem. Diante de um E7 sexual é necessário, de fato, encontrar o meio-termo entre um quadro terapêutico claro, conciso e firme, e uma certa suavidade, delicadeza e amplitude para favorecer a sua confiança. Se lhe forem impostos limites muito fortes e rígidos, ele interromperá a terapia; se os limites forem muito suaves, tenderá a invadir o espaço do

terapeuta e escapar do processo. É importante encontrar o equilíbrio para não invadir, para respeitar a terapia e não confundir o terapeuta com um amigo; ao mesmo tempo, também é necessário que você sinta um clima de tranquilidade, encorajamento e confiança, para que você entre aos poucos e consiga se abrir e se deixar cair na dor. Tudo isso significará um cabo de guerra constante em que você terá que ser lembrado dos limites durante quase todo o tratamento. Será um processo de enfrentamento contínuo mas muito delicado, uma luta branda com muito acolhimento e proteção para quando começar a cair. Será necessário dar-lhe espaço para que possa ser mostrado sem arrastar o terapeuta, seduzindo-o e enganando-o com suas confusões. Será algo como deixá-los acreditar que têm o poder. Esse dar e receber, com certeza, desgasta muito o terapeuta, pois o E7 sexual vai colocar os limites que a gente marca para testar constantemente.

O desafio é o lado intelectual, a racionalização como mecanismo de defesa. É preciso se distanciar o suficiente para não ficar viciado em seus jogos, armadilhas e filigranas mentais. É preciso colocar tudo na peneira para tentar diferenciar o rol da experiência, a manipulação da autenticidade, a fantasia da realidade. Trata-se dos sete sexuais aprendendo aos poucos a calar-se e a ouvir-se desde outros níveis. Nesse sentido, o trabalho corporal costuma funcionar muito bem para silenciar o ruído mental contínuo. É preciso captar a sua confiança a partir da capacidade de acolher a sua dor, a sua sensibilidade e fragilidade. Será necessário que transmitamos segurança, tranquilidade e incentivo para que cheguem o mais longe que puderem, comuniquem-lhes que é melhor um pouco, desde que seja genuíno, do que querer avançar muito com a falsidade. Devemos apoiar a autenticidade, a honestidade e a transparência genuínas. Vamos ajudá-los a entrar em contato com o sentimento do que não tiveram, do que lhes faltou, tirando-os da fantasia de ter tudo e facilitando o contato com a dor. Essa entrada na dor – a descida ao poço – costuma ser um momento muito delicado do processo. Tem a ver com lembrar e chorar pelo passado, pela infância. É uma consciência do autoengano em que estiveram imersos e do tempo que perderam. É uma consciência da vulnerabilidade, da insegurança, do medo, do sentimento de abandono e da solidão.

Neste momento, você precisará de muito acolhimento, compreensão, incentivo e esperança de que o caminho seja continuar por aí. Nesse ponto a resistência pode aparecer na forma de atrasos e falhas até que, diretamente, ele escape para não retornar. Portanto, é importante ter desenvolvido previamente um vínculo sólido e genuíno baseado na confiança. Neste momento é importante enraizá-lo, no sentido de que encontre suportes internos diferentes da razão: a terapia será um lugar interno (e externo) onde poderá parar, depositar-se. De qualquer forma, os estados depressivos são um sinal de que o processo está

avançando. Por fim, deve-se destacar que é necessário não perder nenhuma das manipulações do sete. À medida que se envolvem e conquistam a confiança do terapeuta, é necessário denunciá-los cada vez com mais rigor. Não importa que ele acredite estar no controle da terapia, desde que não a utilize para agredir ou fugir com expressão de rebeldia. Nesse caso, será necessário desvendar progressivamente esse jogo, frustrá-lo, para que cada vez mais se possa expressar uma maior honestidade no campo terapêutico. Basta acrescentar que, como recurso eficaz, pode ser útil utilizar o mesmo mecanismo: o sentido de humor e a ironia, tendo em conta que é uma área que os sete geralmente manejam muito bem.

1997: Transformação através do Insight: Eneatipos na Vida, Literatura e Prática Clínica

- A sessão seguinte é com um E7 sexual, onde o A questão dominante é a polaridade entre a rebeldia profunda e o charme superficial. Geralmente, pessoas com esse caráter são fora de contato com sua raiva e deslocar sua rebeldia de sua situação original (em conexão com seus pais) para questões abstratas do mundo. Em vista disso, a presente sessão é bastante excepcional. Danny sabe muito bem, desde o início, que ele teve problemas para ficar com raiva com o pai porque o pai dele era muito charmoso; no entanto, ele segue eficazmente as minhas instruções, e o acto simbólico de decepar a cabeça do seu pai na dramatização de um sonho antigo parece ter provocado um verdadeiro passo no seu processo de libertação. Ele emerge com uma melhor compreensão da sua situação atual e diz que agora tem uma percepção mais realista do seu pai.

1995: Eneatipos em Psicoterapia

2. VII sexuais:

Repórter: Bem, entre os VII sexuais a primeira coisa que realmente notamos é que não tínhamos pais permissivos. Em vez disso, é como se nos tivessem imposto obrigatoriamente a sobriedade.

- Os pais dizem: “Não seja uma criança caprichosa”, ou alguma coisa sobre a sobriedade como algo obrigatório.

- Além disso, entre as mulheres disseram que: “Você não precisa de nada se fizer o que eu mando”.

- E diante disso desenvolvemos, por um lado, uma rebeldia, como uma vingança: “Vou ficar com tudo”, “Não preciso de nada de você, não vou te pedir para nada”, “Não preciso do outro, o outro precisa de mim”, “Eu mereço” e também: “Se você me disser 'não', você não me ama”.
- E há também outra parte, como um fundo de culpa em que alguém diz para si mesmo: “Fiz algo errado”, “Eu fiz uma armadilha para mim mesmo”, “Devo admitir meu truque”, “É errado agradar a si mesmo” e “Eles dirão ‘não’ se eu pedir diretamente”. Por isso também se desenvolve a estratégia para obter do outro o que se deseja.
- Havia diferenças entre os homens e as mulheres. As mulheres tinham um pai permissivo. Com os homens, quem era permissivo, acima de tudo, era a mãe. O pai era mais espartano.
- Havia também outro tipo de ideia que era assim: “Viva e deixe viver”, “Você tem que descobrir por si mesmo”. Além disso, um sentimento ou ideia como “Cresça rápido para sair de casa”.
- E uma ideia muito profunda e subjacente que diz: “Não posso ceder à dor porque ninguém vai me tirar disso. Terei que fazer isso sozinho”, certo? “Ninguém vai cuidar de mim.”

E há também, como disse Paco (Paco Peñarrubia), uma coisa que não sabemos... Falamos pouco sobre isso, mas é como um paraíso perdido ou viver no paraíso. Vários de nós tivemos uma experiência traumática muito cedo na infância e lembramos o que veio antes desse trauma como sendo uma infância muito feliz, muito alegre, muito afortunada. Então temos a ideia de que o paraíso na terra ainda existe, como se ainda tivéssemos o paraíso, um paraíso perdido. Não sei muito bem como dizer isso.

Claudio: Sinto-me tentado a perguntar uma coisa. Ultimamente tenho encontrado alguns VII cuja experiência não é tanto de um paraíso perdido, mas de uma infância muito dolorosa. E eu não sabia disso. É como se existisse uma ideia maluca de que o sofrimento é mais catastrófico para outras pessoas, como se fosse necessário tomar precauções extras para se proteger do sofrimento porque há muita catástrofe associada à ideia de sofrimento.

Repórter: Discutimos como, no relacionamento com os pais, eles demonstraram seu amor por nós, mas nunca nos disseram que nos amavam. Era como se, “sem sentimentos”, embora as coisas sejam feitas, demonstradas, haja toque. Mas algo que não está presente é dizer: “Eu te amo”. Depois, tem tudo isso sobre a experiência traumática, ter consciência da dor e de ter se sentido muito sozinho e abandonado. Isso também saiu. É como se, em algum momento, algo tivesse quebrado e....

Cláudio: Como se o otimismo, como um hipomaníaco, fosse uma defesa contra o contexto depressivo.

1994: Caráter e Neurose: Uma Visão Integrativa

- Para esclarecer isso, é necessário salientar que apenas o subtipo de autopreservação do tipo VII do eneagrama é visivelmente um oportunista com faro apurado para vantagens; no subtipo social o interesse próprio está mais escondido atrás de uma fraternidade amigável, enquanto o subtipo sexual é o de um sonhador cujos interesses não são deste mundo.

Guloso

Fonte:

https://docs.google.com/document/d/17Lp8yIe0gTUj7stnohnUTtSPa5rekrUibD4opRuU_fg/edit

- Ele substitui a qualidade no vínculo amoroso pela quantidade no encontro sexual, mostrando-se insaciável na conquista erótica, diferentemente dos subtipos social e sexual, que têm muito mais dificuldade em especificar situações eróticas, além do uso de artes sedutoras do intelectual.
- Ao contrário dos idealistas sociais e sexuais do E7, o E7 conservador pode ser implacável se a sua segurança estiver comprometida, e é geralmente mais propenso ao confronto e à violência do que os outros subtipos do E7, um eneatipo que, por si só, é pouco dado à agressão física.
- O subtipo conservacionista é menos disciplinado que o social E7, mas mais que o sexual, e tende a demonstrar grande capacidade de trabalho. Da mesma forma, sua autoindulgência encontra um claro limite na proteção daqueles que considera parte de seu clã, demonstrando mais indulgências do que autoindulgência. Apresenta maior grau de permissividade hedonística que o subtipo social, mas menor que o sexual.
- Por outro lado, poderíamos definir o E7 sexual como um idealista que muda seus ideais conforme sopra o vento de seus caprichos, sem muita consciência de suas contradições, geralmente crédulo e que se enquadra perfeitamente na descrição de um sonhador que voa alto, com uma permissividade hedonista muito elevada, uma grande falta de disciplina e uma maior tendência à satisfação imaginária dos seus desejos. Muito mais fantasioso, etéreo, poético e sonhador que os demais subtipos gananciosos, o sexual é

mais emotivo, terno e excitável, e tende a viver em uma realidade virtual em que tudo está bem e todos estão bem. É o mais dependente oral entre os E7, aquele que se entrega à gula com maior seriedade e sem dissimulação, e o mais autoindulgente e acrítico consigo mesmo. De acordo com as instruções psíquicas de Horney, o E7 sexual vai em direção aos outros. Ele é um integrador, um sedutor cuja ferida (intimidade) o leva compulsivamente a um encontro íntimo que mais tarde não consegue sustentar, mostrando-se um escapista ou experimentando acessos de raiva infantil à menor frustração de suas expectativas. Dentre os vários subtipos de E7, o sexual tende a habitar e perseverar em nenhum outro lugar que não seja uma dimensão infantil, como defesa contra as dificuldades e frustrações da vida. Não é em vão que se diz que ele é um Peter Pan; ele não assume responsabilidades, não cumpre suas obrigações, não quer ser adulto. Ele é invadido por uma espécie de alegria, tende a idealizar a si mesmo e aos seus dons particulares. No sentido narcisista, ele é o mais egocêntrico e, portanto, o mais desconectado da realidade. A tal ponto que, quando não é engraçado, tende a ser irritante e cansativo e, acima de tudo, muito invasivo.

- E o subtipo sexual, na sua falta de contacto com a realidade, parece alheio a assuntos como o serviço, apesar das suas boas intenções.
- Além de ser o eneatipo com maior desenvolvimento do amor erótico entre os personagens mentais, o E7 é, em segundo lugar, um personagem admirador, que assume as formas de idealização (no caso do subtipo social), auto-idealização (sexual subtipo) e pseudo ou anti-idealismo (no subtipo conservação, que tende a ir contra). Estabelecendo um tipo característico de amor terciário, Claudio Naranjo divide os três subtipos do E7 em compassivo (conservação), erótico (sexual) e admirativo (social), sendo verdade que o E7 conservacionista costuma atuar com certa orientação materna, protegendo a sua, enquanto o E7 sexual tem uma atitude celebratória diante da vida mais compatível com o livre arbítrio de sua criança interior ou eros, e o E7 social é o mais admirador ou idealizador.
- Já o E7 sexual tende a exagerar ao combinar cores vivas com acessórios bastante exóticos (penas, estética pouco ortodoxa. O E7 social tende, mais do que à sobriedade, a se desinteressar de aspectos como moda ou vestir-se bem. Em um No nível morfológico, os E7 sexuais são geralmente caracterizados por bocas e dentes grandes, traços juvenis, olhos grandes e muito vivos e a expressão sorridente permanente de alguém muito jovem. são comuns mandíbulas proeminentes e volumosas, com bochechas generosas e

rostos largos e um rosto menos angelical, mais marcadamente terreno que os sociais ou sexuais (têm mais “cara de mau”).

- No jogo de polaridades típico de cada eneagrama, podemos observar entre os E7, por um lado, os idealistas prestativos e sociais e os fantasistas e encantadores sexuais, e por outro, a conservação cínica, prática e terrena do E7, não em todos idealistas.
- Como convém a esta característica, destacam-se pela mentalidade prática, muitas vezes também pela gula sexual e pelos poucos preconceitos no campo erótico, bem como pela enorme capacidade de apoio ao clã ou ao círculo íntimo onde, como é habitual em todos Sete conservacionistas, geralmente ocupam o lugar do chefe da família.

CAPÍTULO 1; A PAIXÃO NA ESFERA DO INSTINTO: COMO A GULA ATUA NO SEXUAL

Quando a paixão da gula invade o instinto sexual, a ênfase está na tentativa de viver num estado extraordinário de exaltação, de idealização cheia de possibilidades e esperança. A energia psíquica é investida numa abordagem encantada e fantasiosa que reprime a necessidade instintiva de se tornar uma sedução mental. A gula torna-se um desejo de mais prazer através da sedução intelectual visando a satisfação de idealizações e sonhos e não de necessidades instintivas. O sexual E7 idealiza o outro e vive em sua cabeça uma relação que só serve para manter uma idealização de si mesmo, perdendo assim a natureza do instinto. A busca pelo prazer íntimo e sexual torna-se um sonho romântico de múltiplas satisfações, enquanto no fundo existe o medo da entrega. Ele está mais interessado em ser cronicamente apaixonado por experiências de vida, pessoas e coisas. É como se o sexual E7 olhasse a vida com olhos de amante. Ele idealiza o outro, ele o inventa. E vive consigo na cabeça uma relação que só serve para manter outra idealização: ele mesmo. A busca pelo prazer íntimo e sexual torna-se um sonho romântico de múltiplas satisfações, por medo da entrega ele usa o prazer, o riso e o humor para se relacionar, com a ilusão de ausência de frustração e abandono. Ele nega os aspectos do sofrimento que podem limitar sua excitação ou, ironicamente, os minimiza. Alegria! Sua especialidade é transformar qualquer transe negativo em positivo. E crie um objeto de amor que lhe dê satisfação. A busca do prazer, energia natural do instinto sexual, é canalizada para satisfazer-se com suas próprias criações mentais. O impulso sexual torna-se um contínuo florescimento mágico de pensamento. No fundo, um interesse em chamar a atenção através da graça, simpatia ou talento, a fim de nutrir uma autoimagem narcisista de uma criança inteligente e simpática. Diz-se que o amor é cego, e o Sete sexual, com esse olhar de amor, vive

com entusiasmo, mantendo uma cegueira diante dos limites da existência. E quando percebe que as dificuldades são intransponíveis, consegue convencer a todos, começando por si mesmo, de que não vale a pena trabalhar pelo objetivo. A vida do E7 sexual é um frenesi ardente de experiências. O volume da vida aumenta insaciavelmente numa aparente alegria que encobre o desconforto interno, na tentativa de escapar da dor e do medo. Na verdade, ele não está muito em contato com o que é prazeroso. Por trás da efervescência há inquietação e ansiedade que se transformam em agitação e movimento. Associa prazer com velocidade e intensidade, confundindo quantidade e qualidade. A felicidade, para ele, está em não encontrar limites para o impulso ou o desejo, e por isso se envolve em situações comprometedoras, sentindo-se entusiasmado e colocando a própria vida à prova. Na fuga para a intensidade, na ausência de fronteiras, ao fazer o que lhe apetece a cada momento, sente-se vivo.

“Já quando criança tive muita liberdade e autonomia, graças ao fato de sempre conseguir convencer meus pais sobre minhas capacidades de me locomover pelo mundo. Dessa forma consegui impedir que eles me controlassem como meus colegas fizeram. Quando meus pais se separaram, faltavam regras claras na rotina, então tive mais liberdade de movimento, sem limites. Aprendi que tudo é possível e que posso fazer o que quiser.” (ILÁRIA)

Essa voracidade de autonomia e excitação constante faz do E7 sexual um personagem bastante impaciente, com impulsividade de se lançar de uma experiência a outra. Como uma criança que quer agora, porque o tempo de espera até conseguir satisfazer o seu desejo é um mal-estar. É difícil segurar o vazio. E quando ele quer alguma coisa, ele vai. Poderíamos dizer que seu desenvolvimento psicosssexual se fixou na fase oral, com uma dependência de satisfação ligada ao prazer que advém do cuidado materno. A boca e os lábios são seus órgãos eleitos de prazer. A sucção é a base do vínculo afetivo, para que o que vem do outro se torne algo próprio. A paixão da gula define exatamente o apego apaixonado de um personagem que quer sempre incorporar cada vez mais o bem que o mundo exterior oferece, com a ilusão de que isso pode trazer de volta o amor e a felicidade que perdeu na infância. Freud fala de um canibalismo que reconhecemos no subtipo sexual de E7, ávido pela sua alimentação. Com um egocentrismo que não reconhece o outro como um indivíduo autoexistente, mas como alguém que pode oferecer algo de bom. Ele é um narcisista que coloca a satisfação de suas necessidades no centro de qualquer relacionamento. Essa ganância também aparece em comportamentos que dependem de qualquer coisa que possa oferecer satisfação à gula: tabaco, álcool, comida, sexo e drogas. Tudo, sempre

mais. A criança não desenvolveu a capacidade de se tornar independente de uma mãe que, para satisfazer a sua frustração, seduziu-a prometendo-lhe gratificação ilimitada. Ao fazer a mãe se apaixonar, ele aparentemente consegue tudo, mas perde o contato com a profunda necessidade de intimidade calorosa. Já adulto, continuará a confundir o prazer de se encher de leite materno com o das relações genitais entre adultos, o amor com a permissividade. A combinação de ilusão, entusiasmo e planejamento fantástico é o que o Sete sexual chama de prazer. O deleite é um prazer mental: uma ideia antecipada do que você irá vivenciar. Mais do que curtir, o sexual E7 fica excitado e exaltado, por algo que não precisa ser prazeroso. Ele confunde consumir com desfrutar, movimento com desfrutar, efervescência com bem-estar. Alegra-se com o presente com as potencialidades do futuro, com o que pode ser, e não com o que é real aqui e agora. Está mais na fantasia do que na própria realidade.

“Até conhecer minha esposa eu não sabia o que era realmente desfrutar. Percebi que estava consumindo e devorando, mas não desfrutando ou saboreando.” (ENRIQUE)

A atração por qualquer estímulo gratificante ou que simplesmente chame sua atenção o deixa nervoso e mutável. É um personagem rápido e inconstante que, quando quer alguma coisa, vai em frente descaradamente, podendo beirar a insolência. A excitação permanente confunde o sentimento, e por isso se confunde e se localiza entre os caracteres emocionais.

“Sempre fui um mau aluno. Desde pequeno me interessei por mil coisas ao mesmo tempo. Depois de praticá-los por um tempo, alguns deles deixaram de me interessar com a mesma rapidez. Mas o que foi aprendido permanece, a sensação do que foi vivido não desaparece. muito bem. (RICARDO)

O humor tem sido sua especialidade. Tudo é fonte de piadas, que ele utiliza como ferramenta de interação social. Para seduzir e dar bem. Ou atacar sutilmente com uma rebelião passiva através de ironias e da mais ácida engenhosidade.

“Envelheci e, como fui criado com o mínimo esforço e na falta de um bom treino, fui um péssimo aluno. Logo desenvolvi outra atitude, que foi a que, com o tempo, me deu poder sobre os outros: a ironia. esta foi para mim durante muito tempo uma ferramenta que preencheu o vazio que, por falta de estudos, e pela minha vulnerabilidade e pelos meus medos, me tornou inferior aos outros. Quando alguém se sentia

mal, sempre tinha o álibi para dizer que estava brincando. O engraçado é que eu não aceitava piadas de ninguém e também era muito sensível.” (PEDRO)

O E7 sexual demonstra uma clara resistência em adquirir as responsabilidades que a fase adulta acarreta, para gerir as dificuldades. Eterno filho, não é capaz de aceitar as consequências de seus atos. Ele se recusa a crescer por causa de sua identificação com a satisfação infantil. Apresenta marcada imaturidade emocional, com forte insegurança e grande medo de não ser amado e aceito. Esta resistência ao crescimento acarreta grande dificuldade em cuidar de si e dos outros ou de estabelecer relações de igualdade, especialmente com o parceiro. Na verdade, sua imaturidade infantil facilmente o torna um risco para eles. Ele se esconde atrás de desculpas ou mentiras para esconder sua incapacidade de crescer. Ele fala de projetos fantásticos, negócios incríveis, grandes casos amorosos... Essas fantasias (geralmente impossíveis de realizar) permitem-lhe seduzir com promessas de um mundo sem dor, e culpar o outro pelo mal que lhe acontece.

“Enquanto estava na universidade, lembro-me de um grande medo de me mostrar incapaz e de não estar à altura da tarefa, por isso evitei qualquer confronto com os professores. Confronto que me teria permitido superar as deficiências que tinha. O orgulho, misturado com a subestimação de mim mesmo, me afastou daquilo que poderia me fazer crescer. Depois, mesmo que minhas habilidades tenham melhorado, ainda havia insegurança e medo de não ter o conhecimento necessário para administrar minha vida profissional.”

O Sete sexual presume ser legal. É a vida da festa. Sedutor habilidoso de meninas ou rapazes, mesmo em idades notoriamente inadequadas. Ele parece muito seguro de si, até arrogante e arrogante, e isso é apenas uma fachada para esconder seus medos e indecisões. Por trás de seu sorriso quase imperecível e de sua apresentação como uma pessoa jovial e divertida, goza, esconde alguém tremendamente inseguro, com medo da solidão.

“Depois que me casei, minha esposa se cansou desse meu comportamento [da ironia] e me fez ver o dano que isso causava aos outros, mas principalmente a ela, porque às vezes eu a usava para zombar e continuar sendo o centro da discussão. grupo. Isso me fez mudar de tática e usar outra que ele também conhecia bem: a de falar de tudo mesmo sem saber quase nada, com muita paixão e, principalmente, não deixar os outros falarem. Ouvir, para mim, era supérfluo, o importante era eu e mostrar minhas

habilidades como orador, que dominei muito bem no combate corpo a corpo, mas não diante de uma plateia, pois meus medos se manifestaram ali, devido à falta de confiança em mim mesmo.”

A insegurança também se reflete no campo afetivo. Apesar de sua aparente independência e autonomia, o E7 sexual necessita de grandes doses de carinho e atenção, principalmente de um parceiro que possa oferecê-las. Porém, por não ter consciência dessa necessidade, quando o relacionamento fica um pouco mais sério e passa a exigir cada vez mais comprometimento e responsabilidade, ele fica assustado e geralmente acaba provocando o rompimento.

“Naquela época eu estava namorando há seis anos e meio, incluindo um ano e meio de convivência. Quando cheguei do SAT III resolvi cortar e depois de seis dias fiz a mala e saí de casa. Nas conversas com minha companheira, ela me disse insistentemente para ficar: para dar uma chance ao que foi construído. Naquela época, essas palavras eram chinesas básicas para mim. Eu realmente acreditei que estava partindo em busca, por uma ideia superior à de estar em casal. Sempre lembro da cara da minha ex-companheira nas discussões, como exorbitante, de não entender nada, e eu, com uma passividade que despertava muita raiva nela. Uma completa falta de registro em mim do que eu estava destruindo num piscar de olhos. Além de quão destrutivo e prejudicial foi alguém tirar o chão de você de forma tão abrupta e violenta. Um balde de água fria.”

“Tomei a decisão de terminar um relacionamento repentinamente e no dia seguinte saí da casa onde morávamos juntos. Há muito tempo que estava insatisfeito, mas tinha medo de que o relacionamento fracassasse; é por isso que ele investiu muita energia para se sustentar. Lembro-me muito bem que quando ele voltou do programa introdutório ao SAT e me contou o que havia vivenciado, senti que aquela era a oportunidade. Eu tomei a decisão; Informeimei a ele que o relacionamento havia acabado e agi sem voltar atrás. Não senti nenhuma empatia pelo que ele estava vivenciando. Mantive um distanciamento frio igual em intensidade à confluência que ocorreu durante todos os anos que passamos juntos tentando fazer o relacionamento funcionar.”

Também podemos encontrar muitos E7 sexuais que, por medo da solidão, por necessidade de carinho... permanecem em relações definidas pelo conflito. No entanto, geralmente são infiéis, pelo menos mentalmente, simulando em sua fantasia múltiplos relacionamentos com pessoas diferentes.

“Em todas as sessões de terapeuta que tive, no vagão do metrô, em quase todos os grupos, encontrei uma mulher por quem me apaixonei profundamente.”

“Em geral, reconheço que o que me falta no meu parceiro se manifesta com fantasias de me apaixonar por alguém que tem características que me faltam.”

Vemos nas histórias da sexual E7 como as crianças têm se apegado à mãe ou ao pai, numa ambivalência de idealização e, ao mesmo tempo, de evitar a experiência de serem “comidas” por eles.

Como todas as crianças E7, o subtipo sexual assume a tarefa de fazer feliz a mãe muitas vezes deprimida ou sofredora. Sem muitas possibilidades de sucesso, mas com a ilusão permanente de obter o seu amor, dando-lhe vida com a sua graça e alegria.

Essa ilusão se repete na vida adulta com a compulsão de seduzir e vender ao parceiro a distração de seus infernos, enquanto ele foge dos seus se distraíndo. Manter-se comprometido com um parceiro desperta o terror de ficar preso ali, sem liberdade e sem vida própria.

Na sexualidade, encontra prazer em seduzir e em conquistar admiração. Ele gosta da usurpação cognitiva do outro: não está tão interessado no amor e, às vezes, nem na consumação do ato sexual (mais do subtipo conservação), mas na excitação da conquista e do enamoramento. Com relativa frequência, uma vez conquistada a outra pessoa, ela nem chega à relação sexual, ou quase se torna uma mera formalidade porque, no fundo, o brinqueado da motivação e da excitação de tentar alcançá-la se esgotou.

O que você quer é verificar repetidamente se você consegue cativar. Uma vez conquistada uma pessoa, ela pode passar para a próxima, para mostrar que não lhe resistem. As mulheres ou os homens tornam-se presas que, uma vez “caçadas”, tornam-se troféus. É relativamente comum no E7 sexual acompanhar as pessoas com quem você fez sexo, como uma maratona de sedução. Esta história de capturas é uma grande fonte de fantasia e ilusão para engordar a autoimagem.

Quanto mais troféus, mais vale um.

Este confisco da atenção não se consegue sem pilhagem e manipulação, o que alimenta a sua ideia narcisista de acreditar-se acima dos outros.

“Planejei meus encontros com a pessoa de quem gostava de uma forma muito complexa e eficaz. Preparei respostas possíveis. Seduzi e fiz amizade com conhecidos dela, mesmo que não tivesse muito interesse em conhecê-los, para coincidir mais com ela. Assim, consegui encontros aparentemente casuais e um tanto mágicos com ela, descobri mais tarde que tinha muito medo de um encontro sincero e aberto com a garota em questão. A idealização da menina era total, pois mal a conhecia. Conhecendo-a um pouco, todo esse amor por ela desapareceria imediatamente.”

O sexual Seven gosta de passar o tempo antes de “comer um donut”, aquecendo o ambiente com palavras e gestos. Ele é um sedutor intelectual e não físico, com uma sensualidade que sugere desejo baseada no humor, nos olhares, na engenhosidade e até nos detalhes. Como poesia, flores para a namorada... Ele planeja a conquista sem pausa e praticamente seduz, e até faz o amor, na e com a cabeça.

“Tenho habilidade em usar exatamente as palavras que quero dizer, sugerir ou pedir o que quero de forma tangencial, indireta e sutil para conseguir o que quero. O uso preciso das palavras e os jogos de linguagem favorecem minhas manipulações sutis. Com isso, ele criava atmosferas de mistério para ficar mais interessante: frases inacabadas, segundas intenções, mensagens meio escondidas, mensagens duplas, enigmas...”

A língua é uma forma de se masturbar cognitivamente, de se entregar ao deslumbramento das próprias ideias: “Eu sou tão legal!”. Enquanto fala, ele fica deslumbrado com o quão interessante é o que está dizendo e com o quão inteligente ele é. Ele é tão autorreferencial que só ouve a si mesmo. Ele se deleita com as próprias palavras ainda que, educadamente, deixe um espacinho para o outro apresentar seu comentário, já pensando no que vai responder: continua recriando sua fala interna, não se cala nem no silêncio. Ele imediatamente confundiu sintonia intelectual com sintonia sentimental ou sexual. A sintonização intelectual em si é uma sedução.

“Acho que comecei a aproveitar essa capacidade (de falar e convencer) para compensar a falta de amor. Quando criança tive a convicção de não poder ser escolhido. Numa competição, perderia com certeza. Então me apoiei na capacidade de falar e imaginar para atrair amor e admiração. Na adolescência descobri que também existia o prazer sexual, que eu poderia oferecer, a ser escolhido. Eu senti que ser “fácil” era a única maneira de conseguir um cara; Além disso, nunca me senti bonita ou digna de profundo interesse.

Essa atitude perdurou até que eu tivesse um relacionamento real, que teria terminado rapidamente se eu não tivesse manifestado meu interesse em um relacionamento sério com meu parceiro. Até então, meus relacionamentos duravam dois ou três meses, talvez porque estivessem apenas ligados à sexualidade que eu oferecia com a ilusão de que se tornariam um vínculo profundo e longo com o tempo.”

O subtipo sexual é o mais desligado do corpo entre os E7. Ele não presta muita atenção ao que acontece com ele no nível corporal. Talvez o seu corpo constitua uma espécie de lastro para dar rédea solta à visão utópica do seu ego. As necessidades físicas são inconvenientes para aproveitar plenamente a vida. Às vezes ele se abandona fisicamente, evitando até as mínimas frustrações e obrigações de ter um corpo com necessidades que precisam ser atendidas.

Esta negligência do corpo manifesta-se em áreas como a higiene ou a saúde. Há resistência em descobrir ou aceitar-se doente; ele não quer sentir desconforto e é capaz de se auto-sugerir para evitar dores físicas.

É, entre os E7, aquele que é mais “pendurado, menos terra e material. E para “voar” melhor, deixe o corpo para trás. Principalmente o Sete social mantém uma relação melhor com seu corpo: se cuida melhor, se alimenta melhor (é até excessivamente arrumado), se arruma e cuida da sua imagem. Também a conservação E7, cuja ligação com o prazer o torna tão gourmet, tem uma melhor ligação com o terreno e os sentidos.

Esse mesmo caos e descuido se manifesta na maneira de se vestir e se arrumar. Um Sete sexual muitas vezes pode ser distinguido pelo seu estilo de vestir, na fronteira entre a originalidade e a caricatura. A anarquia é quase total na combinação de vestimentas como as cores. O gosto para roupas é escasso, podendo fazer composições de formatos, cores e tamanhos feios, que quase machucam os olhos. Nesse sentido, pode ser extravagante e bizarro, com uma originalidade que é tão engraçada e burlesca quanto grotesca e ridícula. Esse descuido também acompanha a tendência de encontrar prazer não no corpo ou nos órgãos genitais, mas na mente e na fantasia.

Há neste personagem uma alegria na demora, no prolongamento da excitação. Por exemplo, a nível sexual, ele adora manter uma erecção e adia o orgasmo tanto quanto possível, por vezes até evitando-o. Ele costuma adiar a consumação, receber o prêmio, aproveitar o gol, não tanto porque não goste, mas pelo que significará a subsequente queda de entusiasmo. No momento em que passa, a excitação passa e surge o relaxamento ou mesmo a depressão.

Esse alongamento prazeroso da excitação não acontece apenas na relação sexual. Estende-se à realização de qualquer projeto e experiência agradável (evitam-se diretamente os desagradáveis). De alguma forma, ele aguarda o “orgasmo cósmico” em todas as experiências de vida. Aumente a intensidade do gozo futuro deixando o bom para o final, para que a experiência dure mais e permita continuar fantasiando, numa ilusão cada vez mais prazerosa até que, finalmente, chegue o ápice. Dessa forma, o E7 sexual acaba se tornando uma espécie de ejaculador mental dentro de seus mundos imaginários.

“Acredito que o limite oculto é a compulsão de querer chegar ao ápice da experiência, o momento que dá o máximo prazer. Aquela experiência que é a mais elevada, que pode satisfazer tudo, que pode preencher tudo. Acredito que essa busca é o que me torna um otário sem limites. Um oral otimista sem precedentes.”

Por trás desta tendência de adiar a realização está não apenas o adiamento da queda energética que ela implica, mas também um grande medo do fracasso, de não ser suficiente, de não ser válido. Não corresponder à imagem idealizada que você criou no outro. A antecipação catastrófica inconsciente de uma eventual frustração pode levá-lo a iniciar relações sexuais ou uma vida sexual compartilhada mais tarde do que outros personagens (não tanto a nível individual, já que geralmente começa a se masturbar bem cedo, além de fazê-lo com relativa frequência). Esse medo do fracasso, aliado ao nervosismo causado pela ativação cognitiva contínua, favorece a disfunção sexual por superexcitação.

O instinto sexual distorcido, no seu sentido literalmente erótico, expressa-se nesta personagem não como uma busca espontânea de prazer, mas como uma tendência à sedução mental e ao abuso da sugestão e à criação de atmosferas de fantasia destinadas a alimentar a autoimagem narcisista. , em vez de nutrir a pele, os sentidos e as emoções. Procura exultação ilusória em vez de fazer amor silenciosamente (espontaneamente, livremente, abertamente) e desfrutar do contato sexual.

Ao contrário do que parece, o E7 sexual costuma ter muitos problemas para desfrutar da sexualidade. Num campo onde o prazer pode parecer garantido para um glutton, ele fica neurotizado e substitui o contato genuíno por substitutos lascivos e narrativas por outras não gráficas que o distanciam de um contato sexual mais genuíno.

CAPÍTULO 2; A NECESSIDADE NEURÓTICA CARACTERÍSTICA

A paixão do E7 sexual é definida como sugestionabilidade, entendida como o impulso neurótico de atrair o outro e a si mesmo. É uma paixão por encantar, por conseguir um look que faça você se sentir especial. E também para se encantar, para construir uma bolha de felicidade onde você possa passar a vida com tranquilidade, longe do sofrimento.

O Sete sexual se especializou em fazer alegria, não só para ele, ele sabe espalhar. E fascinar, emocionar e hipnotizar, para que o outro fique preso em suas histórias e não dê espaço para desconfortos, conflitos ou cobranças. É um menino que quer confundir a mãe com palavras e gestos sedutores para que ela não perceba algo que ele fez de errado e, ao mesmo tempo, consiga a satisfação de fazê-la rir. Dessa forma ele atende a duas necessidades: não é punido e se sente bem por ter tirado a mamãe das preocupações. A autoimagem ideal é alimentada, embora o sentimento de culpa permaneça como ruído de fundo, do qual ele se defenderá durante toda a vida, inventando justificativas novas e imaginativas.

A sugestionabilidade é uma distorção com a qual ele foge de um mundo emocional que não aprendeu a sustentar e, sobretudo, do vazio. Enchendo-se de imagens fantásticas de uma vida paralela, e acreditando nelas, compensa a sua falta de confiança na natureza do desenvolvimento da vida. Com a sugestionabilidade você evita a disciplina e o esforço envolvidos na satisfação de uma necessidade. Saltando para a fantasia, ele evita verificar se consegue ou não atingir seu objeto de desejo, foge de possíveis frustrações e, confundindo ação com pensamento, alimenta sua autoimagem narcisista de tudo.

O vazio é um monstro que lhe aparece na forma de tédio ou de vida medíocre e monótona. O tédio explode o fusível: você pode perder o sentido da vida ou cair em depressão. Tem o sabor da própria morte. O subtipo sexual, mais os demais, fabrica então imagens e planos ilusórios para se sentir vivo. A sugestão é uma forma de evitar a ansiedade e a tristeza, que espreitam em cada esquina. Ele disfarça um espaço interno desagradável em sua fuga para um mundo encantador, assim como reage a algo doloroso com o riso e aparentemente o cobre com humor.

Uma pessoa sugestionável é um entusiasta empenhado em fazer com que as situações pareçam mais bonitas, agradáveis e fáceis do que realmente são. É um idealista que tenta ver a vida com óculos coloridos e sonha até a fosforescência. Otimista crônico, ele é adepto de reciclar qualquer fato negativo em algo interessante, bem-humorado e até divertido, transformando merda em chantilly. Ele é um sonhador a tal ponto que acaba não distinguindo a realidade da ficção, caindo na própria ilusão e no encantamento. Claudio Naranjo o definiu como um encantador encantado consigo mesmo. É, nesse sentido, o mais iludido dos três subtipos dos Sete, pois se engana e nem se dá conta disso, ao inflar balões de mundos ideais aos quais permanece apegado. Ele não tem os pés no chão.

“Na minha mente, imaginei continuamente situações e experiências fantásticas. Quando jovem participei em competições de ciclismo e depois o simples facto de ver uma corrida de bicicleta na televisão fez-me identificar com o vencedor ou com o doméstico que se sacrificou até ao fim. Lembro que me senti um comentarista com ênfase ao pronunciar meu nome... Senti a emoção e até arrepios no corpo, como se realmente estivesse ali. Fiquei tão emocionado que até chorei de emoção porque na minha cabeça senti que tinha conseguido.”

Ainda criança, o sexual E7 aprendeu a sobreviver inventando uma realidade maravilhosa, na qual se refugiou, convencendo-se de que era real e verdadeira. Conseguiu assim evitar o medo de não ser amado, visto, quando estava doente ou triste, oferecendo apenas aquela imagem de criança feliz e feliz que seus pais poderiam sustentar. Assim aprendeu a se sentir bem e muito pronto para resolver a falta, alimentando aquele narcisismo que o sustenta nos momentos ou relacionamentos frustrantes, apoiado no malabarismo que faz nas situações mais difíceis e na capacidade de se afastar do outro. outro fascinado ou confuso, contagiado pela mesma fantasia.

Em outras palavras, ele desenvolveu a capacidade de afetar os outros, influenciando sua forma de pensar para levá-los a agir da maneira que lhe interessa. Manipulador experiente em um mundo ávido por ilusão, este E7 oferece felicidade e isso o torna atraente aos olhos dos outros. Exala aquela fragrância de otimismo onde eles são sutilmente seduzidos. O seu poder de contágio convence-o do seu valor e esta autoconvicção tem, por sua vez, o poder de fascinar.

“Percebi que respondo a coisas que não sei inventando a resposta. Falo com muita confiança e charme, sem saber que estou realmente inventando. Eu mesmo acredito no que explico.”

Constrói uma bolha mental que sustenta a credibilidade da quimera que se conta. E também funciona como filtro para eventuais frustrações. Uma situação dolorosa se transforma em algo engraçado, envolto em educação e galanteria.

Mais do que convincente, ele difunde seus pontos de vista através de suas próprias convicções. Pois bem, o encantamento, o feitiço, não se dá só através da palavra, mas com todo o seu ser. A sugestão significa uma encenação adequada que inclua o corpo. O sexual E7 é um mímico falante que se move rapidamente de um lado para o outro; Isso chama a atenção dos outros e torna difícil para eles pensarem com calma. Fale com altos e baixos no tom de voz, adaptado ao conteúdo do discurso. Nenhum detalhe escapa ao seu olhar incisivo; ele sabe a cada momento onde está a atenção do outro. O rosto gesticula com caretas, piscadelas, tiques...

Quanto mais credibilidade e aparência de solidez aquela pessoa tiver no sonho, mais cumprirá sua dupla função de analgésico e repressor da raiva diante dos limites e dificuldades que todo relacionamento acarreta, para evitar confrontos e conflitos. O sexual E7 é um estrategista que deixa alegremente o outro com seu problema, sem sentir a responsabilidade ou a necessidade de se definir dentro dos relacionamentos e dos fatos da vida. Um escapista habilidoso de compromissos e complicações.

A sua posição multipossibilidade facilita-lhe tomar a opção mais excitante, bela e agradável em cada momento, mantendo a viabilidade e a credibilidade de uma fantasia que se adapta às circunstâncias externas que podem ameaçá-la.

Nesse sentido, o vôo constante para frente e nunca mais para trás é característico dos Sete sexuais. Assim que uma fantasia é ameaçada de dismantelamento, ela reage encobrindo-a com outra ilusão, com uma invenção ainda mais grandiosa. Diante de uma mentira que pode ser descoberta, outra maior, que surpreende ainda mais. Não deixa rachaduras por onde a frustração possa entrar.

Essa combinação de uma ampla gama de pontos de vista e rapidez no manejo provoca uma invasão mental, nele mesmo e nos outros. Não há tempo para processar cada uma das múltiplas opções com que o sexual E7 metralha. Não é um brainstorming, é uma chuva torrencial. São tantos pensamentos que ele se impede de fluir e sentir a vida mais simples. Quanto ao seu

interlocutor, e dada a rapidez e a quantidade de argumentos que lhe chegam, não tem tempo para pensar ou gerar contra-argumentos ou resistências, e logo se vê tão envolvido na fantasia do Sete sexual que é difícil para sair.

“Lembro-me, nas minhas travessuras juvenis, que com um amigo entrávamos furtivamente em boates fingindo ser repórteres de uma revista de moda. Entramos com uma câmera espetacular, com um super flash com que deixamos todos deslumbrados, tirando muitas fotos. Quando chegamos ao proprietário, contamos-lhe uma história de que o seu clube tinha sido escolhido para uma reportagem, com a qual acabou por nos convidar para bebidas e outros. Foi todo um processo de gestão do proprietário e do ambiente em todos os sentidos, ao nível da palavra, com os movimentos para tirar as fotos de determinados ângulos e locais, na entrevista, inventados, com gestos de interesse e espanto, de te contar histórias e anedotas sobre a revista e o nosso trabalho, etc. Tratava-se de captar a atenção dele em várias frentes e de uma forma muito rápida para que ele nem tivesse tempo de pensar no que estava acontecendo. Às vezes nos envolvíamos tanto com o jornal que até pensávamos em fundar uma revista de verdade. Outras vezes tivemos que improvisar uma saída rápida porque a situação ficou difícil. O que mais nos deu prazer foi, ao sair do clube, rir sabendo que a câmera não tinha filme.” (ENRIQUE)

O sexual E7 é um personagem entusiasmado, possivelmente o mais exaltado de todo o eneagrama. Na verdade, esta paixão ardente é um dos efeitos que, como se fosse uma droga, ele procura no seu consumismo ganancioso de experiências de vida. Quando o nível de excitação cai ou se torna difícil de sustentar, ele salta para outro estágio onde encontra uma nova fonte de ilusão. Essa variabilidade o torna inconstante. Ele inicia atividades que não termina e é tão criativo quanto instável.

“É difícil para mim terminar as coisas, porque imediatamente começo novas. Embora eu leia com frequência, há anos que não termino um livro, por melhor ou interessante que seja. Sempre tem um livro ainda mais interessante para ler que vou começar mas, com certeza, não vou terminar.” (ROGER)

Embora num suposto estado de alegria permanente, sendo algo construído na fantasia, essa euforia é frágil. Ou seja, pessoas com esse caráter apresentam altos e baixos de humor frequentes, mesmo sendo sempre vistas de alto astral. Há tendência ao maníaco-depressivo, embora seja difícil perceber o aspecto depressivo, pois, quando toca o desânimo e se sente deprimido, se afasta e desaparece do mundo, comportando-se como um esquizóide. Mostra

apenas os aspectos eufóricos. O E7 sexual defende-se com alegria do seu próprio potencial de tristeza. Paradoxalmente, esta fuga de qualquer desconforto o condena à angústia crônica.

Para o amadurecimento psicológico é necessário um certo sofrimento, mas o sete sexual não pensa assim: “Como o sofrimento pode ser bom?”. Ele tem tanto medo da dor que se defende inventando um prazer futuro, baseado em possibilidades que são não é real. Este estado de ilusão perene, ansiando por um mundo ideal de felicidade permanente, condena-o à insatisfação crônica no presente, gerando uma ansiedade de fundo que o distancia cada vez mais de si mesmo.

Em sua projeção rumo ao futuro promissor, o sexual E7 não para de construir contos de fadas felizes.

“Para mim, é a mente que me tira do sofrimento. Não sou capaz de permanecer nisso conscientemente por muito tempo. Eu projeto. Estou sempre projetando. Quando toco em algo que me insatisfaz, um bloqueio amoroso ou uma deficiência profissional, resolvo na fantasia. Vejo-me dominando tudo, seduzindo tudo, para não continuar sofrendo. E concordo com a infância negada e muito dolorosa. Há muita projeção de se apaixonar, do outro me amar sem limites. Mas estou decepcionado, quase com relógio programado. Há uma fase de entusiasmo, de paixão total, e depois uma queda vertiginosa até aos meus limites e aos do próprio amor.” (ANÔNIMO)

Em seu mundo de fantasia, ele terá o que deseja e não haverá frustração. Em reação ao desconforto, ele planeja infinitamente num estado de potencialidade. É uma esperança crônica de algo bom, feliz, fantástico... A felicidade futura é inventada. No planejamento, ele é capaz de lidar com o desejo e a aversão com alto volume de intensidade.

“No futuro pode aparecer aquele ideal que nunca tive no presente. Portanto, o futuro é sempre melhor que o agora. Às vezes é difícil para mim valorizar tudo o que já tenho no presente, e me preocupo e faço um esforço para alcançar esse futuro perfeito que nunca chega.” (ROGER)

A paixão sexual do E7 pela imaginação carrega consigo uma atração pelo mágico e sobrenatural, especialmente pelos mundos oculto, místico e espiritual. Ele está interessado no misterioso, no metafísico. A abstracção destes territórios dificulta a sua delimitação, concretização e verificação, o que, em última análise, significaria um limite para a sua fantasia transbordante.

O Sete sexual também é fã de truques, charadas e tudo que tenha algum segredo e até milagres. Ele ainda tende a nutrir a crença de que possui algum tipo de dom especial e mágico que atrai as pessoas, convicção que desencadeia sua auto-sugestão contagiante. O mundo normal lhe é insatisfatório e ele explora os limites do conhecimento, do esotérico... É comum encontrá-lo como astrólogo, leitor de tarô, professor de ioga ou meditação, psiconauta, mágico, hipnotizador...

“Tenho uma atração muito forte pela abstração. Estudei matemática e agora me dedico a estudar e pintar pinturas a óleo abstratas.” (ROGER)

“Eu sei mais do que você, sou mais inteligente, mais rápido e minhas ideias são mais originais que as suas, e para manter essa ilusão estabeleço um padrão muito alto para a outra pessoa, examinando-a para descobrir onde ela falha, e assim por diante. Coloco-o internamente numa situação de inferioridade e, portanto, a mim próprio numa situação de superioridade.” (CARMELO)

Em resumo, a motivação básica desse personagem é escapar da dor e da frustração que acompanham a vida. Defende-se com humor do seu descontentamento, iludindo-se, tenta prevenir qualquer desconforto futuro. Agora, como o futuro é imprevisível, que melhor maneira de garantir uma perspectiva promissora e maravilhosa, tornando-se feliz e contente? Assim, o sexual E7 cria em sua fantasia um mundo platônico, virtual e ilimitado que ele adapta à vontade para alcançar o bem-estar.

Até certo ponto, esta abordagem seria adequada, uma vez que a intenção última em tudo o que fazemos é procurar a felicidade e o bem-estar. Porém, o Sete sexual leva essa atitude a tal extremo que, sendo o sofrimento inerente à própria existência, ele se vê na necessidade permanente de escapar da realidade tal como ela é, o que o impede de uma adaptação real ao mundo e do amadurecimento.

CAPÍTULO 3; ESTRATÉGIA INTERPESSOAL E IDEIAS IRRACIONAIS ASSOCIADAS

Por VICENTE LAFUENTE E ENRIQUE VILLATORO

Cada um dos personagens do eneagrama emprega sua própria estratégia adaptativa, com seu defeito cognitivo particular que chamamos de fixação. Essa sua interpretação da realidade se

conecta com a paixão e a sustenta. Desta estratégia nuclear derivam muitas outras convicções sobre a vida, que também não estão em contacto com a realidade atual da pessoa; são ideias malucas ou irracionais.

Uma ideia irracional é uma crença rígida e irreal que faz parte dos valores fundamentais e da identidade da pessoa, que perdeu a consciência de que é uma construção subjetiva e a vive, pelo contrário, como uma verdade absoluta. Dá sentido às suas experiências e fornece referência aos seus comportamentos e relacionamentos consigo mesmos e com os outros. Essas ideias irracionais são geradas na infância, quando a prioridade é a adaptação ao meio ambiente. Na realidade adulta continuam a ter a mesma influência que as crianças, o que limita o nosso leque de respostas adaptativas. Embora nosso ambiente tenha mudado, não temos uma versão atualizada.

Auto-indulgência é o nome dado à fixação E7. E, embora todos aqueles que gostam de doces possam ser muito indulgentes consigo mesmos, é possivelmente mais no subtipo sexual. Tolerância é uma facilidade para perdoar ofensas e julgar os erros dos outros sem severidade. Pareceria mais uma virtude do que uma falha. Contudo, em E7 esta aparente benevolência é complicada e manipuladora. Pelo uso excessivo, porque ele usa para tudo, e para o seu propósito: dar-se permissão para fazer sempre o que quiser e perdoar-se por qualquer falha.

No E7 sexual, a indulgência está a serviço de não se sentir culpado por ter magoado ou por não ter cumprido um compromisso. Serve a falsa imagem narcisista de alguém que acredita que pode fazer qualquer coisa e se orgulha de evitar a tristeza, o desamparo e a sensação de fracasso. A culpa é atribuída às vicissitudes da vida ou aos outros. E se não houver ninguém para culpar, simplesmente esqueça o objetivo a ser alcançado ou as pessoas que você feriu (através do mecanismo de defesa conhecido como negação) e volte sua atenção para o próximo cenário.

A autoindulgência também utiliza o mecanismo de defesa da deflexão, que desvaloriza qualquer estímulo desagradável para que ele desapareça e não o toque profundamente. O E7 sexual é um grande professor em desvalorizar o que não consegue alcançar ou as pessoas que o rejeitam ou sentem que ele não consegue seduzir ou vencer.

É concedida permissão para todo tipo de prazer destinado a satisfazer seu hedonismo e, paralelamente, ele evita qualquer frustração que possa incomodá-lo. Ele justifica que não há

problema em se permitir fazer o que quiser, não apenas garantindo que os outros não fiquem muito chateados, mas também que gostem dele e pareçam legais.

Tal atitude acarreta graves consequências quando se trata de educar. O E7 sexual projeta nas crianças a sua constante necessidade de ter significado. Este mecanismo dificulta-lhe dar limites e regras aos menores, dizendo a si mesmo que o mais importante é a liberdade e a autonomia infantil. É difícil para ele conter a raiva de uma criança diante das frustrações, assim como não sabe conter as suas. Ele se engana ao se convencer de que o amor é dar permissão, quando simplesmente evita a oposição do outro e justifica a sua própria liberdade concedendo aos outros permissão sem limites. Aqui você pode ver a defesa básica da personalidade narcisista, que não aceita rejeição ou autoridade.

Ou seja, o Sete sexual é capaz de viver no mundo sem cumprir formalmente regras ou exigências e, além disso, com a autoconfiança de não ser muito notado, de modo que seu comportamento não só não seja interpretado como uma ameaça, mas que agrada aos outros. É como poder misturar fogo e água sem que um se apague ou o outro evapore. Uma arte de trapaça e travessura.

Uma vez ativada a fantasia do prazer, ela se torna imparável, como uma bola de neve em queda livre, e a única saída que ele vê para descarregar tal nível de excitação é não contê-la. A indulgência na sedução, por exemplo, seria mais ou menos assim: gosto tanto dessa pessoa, gosto tanto dela, tanto, ele é tão especial, tão luminoso, tão lindo, tão, tão... O a sensação é tão grande que eu aguento e tenho que contar para ele, tenho que beijá-lo, não importa se tenho companheiro, agora não importa, a vida tem que ser vivida, tenho que ser fiel ao que sinto... E então ele joga paus o fogo, cada vez maior, para justificar a vontade de ultrapassar os limites, impostos ou pactuados. Da fantasia ele passa à miragem, e daí ao sonho e quase alucinação, podendo vivenciar cenas fictícias e inventadas como reais para justificar qualquer desejo para se livrar da ansiedade.

A auto-indulgência no Sete sexual faz uso do último carpe diem (o momento de tirar do mundo o que lhe interessa), lança uma filosofia barata e concentra-se no presente, esquecendo quaisquer compromissos que tenha assumido anteriormente. A auto-indulgência permite-lhe ignorar o seu passado e as suas possíveis lealdades sob o pretexto de uma suposta bondade para consigo

mesmo, e ele combina isso com a indulgência, o que o ajuda a não olhar para o futuro nem avaliar as reais consequências que os seus actos trarão, ou perdoar a si mesmo se já os cometeu.

É por esta razão que o Sete sexual costuma ser uma pessoa infiel, dada a ter casos amorosos, dos quais se esquece assim que aparece outra pessoa que o deslumbra, com quem pode voltar a sugerir-se e reiniciar o processo.

A leniência utiliza uma ampla gama de argumentos porque é da sua natureza justificar qualquer ação. Os motivos que um E7 sexual pode usar para apoiar suas ações são infinitos e infinitos. Sua poderosa racionalidade é carregada de justificativas e contra-argumentos, teorias extremamente frouxas e adaptáveis ao contexto, mas sempre inclinada a remar com os ventos mais favoráveis e, claro, a favor de seus interesses. O charlatanismo é a manifestação mais clara desse comportamento narcisista.

Da mesma forma, o sete sexual é administrado com um sistema moral e de valores mais amplo e flexível. Dessa forma, você pode evitar a culpa e o remorso, ao mesmo tempo que se sente consistente e até mesmo bem consigo mesmo. Como diz o mestre zen, se você quer controlar uma vaca, não a guarde em um celeiro pequeno, é melhor que ela pasta livremente.

O E7 sexual é um “concededor de indulgências”, como os papas de Roma que comercializavam o perdão aos seus paroquianos. Se ele der permissão aos outros para quebrarem os limites, ele também será capaz de fazê-lo; aqui está a estratégia. Perdoe o que o outro faz para que ele possa fazer o mesmo (se já não o estivesse fazendo). No estilo mafioso, estabelece cumplicidades baseadas na ocultação. Nisso se assemelha ao subtipo conservacionista, com a diferença de que o faz de forma mais estratégica e oculta, enquanto o sexual o exhibe como um talento, de forma narcisista.

Para tanto, ele usa seu dom de palavras e sua rapidez em reunir ideias para persuadir suas vítimas e conduzi-las ao seu campo; sempre com um sorriso. Como se fosse um representante de Dionísio na Terra, ou de Satanás no deserto, tenta astuciosamente, sabendo tocar a tecla de cada um e usando seu charme pessoal. Esse dar permissão ao outro é uma forma de neutralizar suas possibilidades. críticas abertas na esperança de que não sejam responsabilizados pelas suas ações. É uma atitude anarquista, onde cada um pode fazer o que quiser e ninguém interfere. Nesta ausência de restrições, você pode abusar da confiança e permitir que outros abusem da

sua também. Claro, todo envolto numa auréola de suposta felicidade e fingindo que não sabe ou não se atreve a enfrentar o abuso. Além de condescendente, num processo um pouco mais astuto e até perverso, ele pode incitar manipulativamente o outro a se dar as mesmas permissões que ele.

“Tive uma namorada muito modesta e puritana que, por um lado, me fazia sentir uma pessoa muito boa, mas, ao mesmo tempo, quando queria fumar um baseado, fazia-me sentir imoral e lascivo. Sob o argumento de que sendo fumadas fizemos sexo melhor e nos fundimos com mais sucesso, apesar da resistência dela, que ela também fumava.

Mais tarde, o mesmo processo foi repetido com a cocaína. Por um lado, senti um certo remorso por parecer viciado, mas por outro, passou rapidamente o tempo em que me droguei e alcancei o meu objetivo.

Anos depois, depois de nos separarmos, encontrei ela e ela é bastante viciada em cocaína e fez a piada, real, por outro lado, que eu era um tarado porque ela começou a usar comigo. Não uso mais e me sinto muito mal.”

Você também pode se enganar e adiar a gestão da sua desco, dizendo a si mesmo: “Da próxima vez não farei isso; só mais uma vez.”

“Lembro-me que quando éramos crianças entrámos furtivamente na casa do vizinho para roubar figos. Com amigos justificamos essa ação com o argumento de que, uma vez, o ouvimos dizer que quando os figos caíam no chão atraíam ratos para casa. às vezes ríamos pensando que éramos ratos de árvore, o favor que fazíamos a ele sempre prevalecia.

Conscientes da dúvida moral do seu comportamento, os Sete sexuais podem auto-impor, a título de penitência, um sistema compensatório pela permissão que lhes é dada: "Faço isto que sei que é errado, mas em troca faço algo de bom em esse outro sentido." Obviamente, o equilíbrio entre culpa e indemnização é decidido por ele de forma unilateral, com o que a justiça acaba por não ser menos duvidosa.

Na commedia dell'arte italiana, esse personagem pode ser reconhecido no Arlequim, chamado de "servo de dois senhores", e que costuma usar um terno multicolorido, testemunho de sua mudança de opinião. Ou também pode ser justificado com o argumento: “Como os Outros o fazem, também eu tenho permissão para o fazer”. Em todas estas situações compensatórias,

identifica-se primeiro com uma autoridade consistente e firme, com um pai razoável ou com um sistema normativo adequado, mas, assim como ele se rebela contra a autoridade e o pai, acabará se rebelando contra sua própria autoridade interna para finalmente fazer o que quer. Você pode até se justificar com algo tão infantil quanto pensar que ninguém vai. perceber a armadilha, assim como uma criança que se esconde debaixo das cobertas convencido de que ninguém o vê.

“Uma vez minha mãe me perguntou quantas frutas eu havia comido. Eu disse a ela duas maçãs. Ela engasgou, me dizendo que era impossível porque ela só tinha comprado um. Eu me surpreendi imaginando como ela poderia saber.”

Na origem desta condescendência pode estar a benevolência que a mãe teve ao lidar com as faltas do filho. Sua permissividade, que não impôs limites ao quebrar as regras da criança, foi interpretada por ele como um gesto de amor. A criança se sentiu especial e decidiu ignorá-los. Terminará com uma exigência constante à mãe: “Mostre-me que você me ama e deixe-me fazer o que eu quiser”. A autoindulgência, dar-se permissão para fazer o que se quer, refere-se, portanto, a uma expressão de amor, inicialmente da mãe e depois dele, como adulto, para consigo mesmo, enquanto estabelecer limites se traduz como desgosto. Encontramos pais que até sugerem ao filho como evitar a sanção.

“Quando eu tinha sete anos, roubei algum dinheiro da professora que havia deixado a bolsa na aula. Ela descobriu e contou ao meu pai. Mais tarde, no jantar, meu pai me fez um discurso sobre como uma pessoa não deve pegar o dinheiro de outra, sem falar diretamente, e no final me disse que às vezes as pessoas pedem dinheiro emprestado, mas esquecem de dizê-lo. . Fiquei aliviado por ela não ter me punido, mas a consequência foi um sutil sentimento de culpa que permaneceu comigo e, ao mesmo tempo, aprendi que eu poderia mentir e me salvar.”

Muitas vezes também há pais ausentes por trás de um E7 sexual que levam uma vida de engano ou traição às instituições. A criança aprende que ser melhor que os outros é saber evitar punições e que as regras são apenas restrições e não protocolos necessários à convivência. Esta falta de valores torna impossível assumir uma posição adulta contra uma norma quando não a partilhemos e queremos lutar contra ela, como faria alguém que quisesse afirmar-se com maturidade.

“Nasci o sétimo de uma família de sete pessoas e isso levou-me a tornar-me o rei da casa, sendo extremamente mimado não só pela minha mãe mas pelos restantes e por toda a vizinhança. Isso me levou a acreditar no centro do universo e que tudo nele pertencia a mim. Para piorar, fui educado sem limites e superprotegido pela minha mãe e com uma ausência, embora não física, do meu pai no que diz respeito à educação. Logo percebi que com um pouco de choro eu poderia conseguir o que queria, e consegui.”

“Sou o caçula de quatro irmãos. Eu era o protegido da mamãe, seu filho mais querido. Meu pai representava a autoridade máxima. Consegui tudo o que queria seduzindo minha mãe com meu humor e minhas ideias. Depois ela conversava com meu pai e quase sempre o convencia, então no final consegui o que queria sem confrontar diretamente as autoridades.”

Abaixo agrupamos as ideias e crenças irracionais mais comuns em um Sete sexual em quatro blocos. Alguns coincidem com outros subtipos de gulosos, todos, não esqueçamos, tendo a indulgência como fator comum.

Hedonista. Busque o prazer e evite a dor

- Sem prazer não há vida.
- A vida é uma festa sem limites.
- Eu nasci para desfrutar.
- Por que estar errado se você pode estar certo?
- Sempre há um lado positivo nas coisas. Está tudo bem.
- Melhor a vida inventada do que a vida real.
- Melhor evitar a dor; Não funciona.
- Se eu sofrer, eu morro.

O E7 sexual coloca todo o seu maquinário cognitivo a serviço da evitação. Na medida do possível, toque na dor. Com a mente bem desperta e controladora, ele examina sem pausa e, à menor ameaça de sofrimento, evita se machucar desviando a atenção para outro lugar emparelhado com algumas de suas estratégias escapistas. Com clara vocação para sim e dado a poucos não, esse Personagem de otimismo exacerbado busca sempre o lado positivo de qualquer experiência, por mais difícil que seja.

“Se eu conseguir trabalhar em agosto em vez de passar as férias na praia, vou vender para mim mesmo de tal forma que trabalhar no mês mais movimentado do ano pareça um ótimo plano. «Há mais espaço para estacionar», «há menos carga de trabalho», «aproveito as tardes na piscina», etc.”

Está tudo bem para um E7 sexual. Mesmo em situações de dor profunda, como a morte de um ente querido, ela é capaz de virar o jogo e usar a fantasia para decorá-lo com rosa. Com sua mansa equitação ele é capaz de montar uma armadilha tão perfeita quanto enjoativa. Raiva, frustração ou lágrimas não são bem-vindas. Nem os seus nem os dos outros: quem vem com eles é um perigo, dá “más vibrações”, e é sutilmente deixado de lado, expulso do paraíso da felicidade. O mundo interior do Sete sexual é como a sensação de ter fumado maconha: uma alegria leve e superficial que encobre o profundo sentimento de vazio.

Rebelde. Sem limites ou autoridade

- Não adianta limitar os desejos; Você só vive uma vez.
- Se você me coloca um limite é porque não me ama.
- A felicidade consiste em fazer o que você quer.
- Eu sou a autoridade e faço o que quero.
- Se algo for bom, mais será ainda melhor.
- Posso sugerir que você tenha prazer.
- Um rio arrancado, ganho de pescadores

O desejo de um E7 sexual não pode ser limitado. Ele acredita que qualquer um de seus desejos (que ele interpreta como uma necessidade) é totalmente legítimo e não deve encontrar barreiras. Ele depende da autoindulgência para ultrapassar os limites impostos ou busca o apoio de cúmplices para escapar impune. Quase qualquer meio é obter o objeto de desejo.

Graças à sua capacidade de sugestão, no seu mundo de fantasia os limites das suas pretensões são alargados desde o seu parceiro, desde os amigos... embora não tanto em grandes grupos. Isso o diferencia dos outros subtipos por lidar melhor em distâncias curtas de você para você.

“No casal sempre faço questão de levar um pouco mais longe os limites da vida sexual, com fantasias sexuais, trocas de parceiros, orgias... Tudo passo a passo e de forma calculada, empurrando a vontade do outro de forma sutil e sedutora. De certa forma, sempre atento à reação dela para poder aliviar a pressão

se sentir que ela está ficando chateada. Sou especialista em andar na corda bamba à beira do precipício, embora não seja incomum que ultrapassar os limites e brincar com o fogo me leve a queimar mais de uma vez.”

Viajar pelo mundo, seduzir qualquer um, experimentar diversos trabalhos, experimentar drogas, fazer retiros espirituais, petiscar diversas disciplinas, sair para festas, conhecer muita gente, ler todo tipo de livro... Infinitas experiências que valem a pena serem vividas e que são disponíveis para quem quiser.

“Desde criança sempre me senti chamado para grandes coisas. A falta de capacidade de lidar com os acontecimentos mundanos abriu caminho para que eu me refugiasse em um mundo de fantasia, no qual minhas dificuldades eram superadas por qualidades intelectuais, que se tornaram protagonistas.”

Embora seja um traço comum a todos os E7, o sexual é um dos personagens mais rebeldes e insubmissos de todo o eneagrama. Ele não é amigo da autoridade, que é quem pode impor esses limites a ele profundamente rebelde, convencido da ideia maluca de que “eu sei mais que ele” ou “eu saberia fazer melhor”.

Porém, ele também não consegue se apresentar aos outros como uma autoridade, exceto quando quer impressionar. Ele geralmente se refugia no grande grupo, instigando uma aspereza em relação à autoridade interna, aproveitando sua excelente capacidade de detectar inconsistências. Ele sabe preparar cada um para ajudá-lo na sua luta pessoal para desestabilizar a hierarquia estabelecida, gerando confusão e até caos se necessário. É dessa forma velada que ele coloca em jogo o seu jeito próprio de ser competitivo.

Em geral, não houve uma experiência confiável e consistente de autoridade em sua vida, mas sim uma experiência ameaçadora e potencialmente prejudicial. A má relação com o pai, ou a sua ausência, ou o desprezo que sentia pela figura paterna, está na raiz desta atitude. Por ser medroso e inseguro, também busca, de forma ambígua, o reconhecimento da autoridade. Ele está em busca do pai ausente e daquela aprovação e apoio do pai amigo que ele não teve.

“Somos servis, mas servis no sentido de conquistar os poderosos. Para não confrontá-lo, fazemos o que nos mandam, mas não há lealdade no que fazemos. Não nos opomos diretamente porque temos medo da autoridade, mas nos opomos de uma forma oculta... uma ambivalência sobre isso.”

Em todo caso, ele está convencido de que pode fazer o que quiser porque não viveu limites que indiquem o contrário.

“Fui educado sem limites, superprotegido pela minha mãe e com uma ausência, embora não física, do meu pai no que diz respeito à educação. A falta de limites fez com que acreditasse que eu era o centro do universo e que tudo nele me pertencia.”

A luta com o pai é, portanto, a base da sua rebelião oculta. O que ele não consegue ver é que, nesta guerra subterrânea, e escondido sob as saias da mãe, perde a oportunidade de ficar cara a cara com o pai e conquistar claramente o direito de ser um homem adulto.

Condescendência e permissividade

- Não há obrigações, nem erros ou culpas. Está tudo bem, não é tão sério.
- Há permissão para tudo.
- Perdoar tudo é uma atitude magnânima que fala ao mundo a partir da grandeza do meu coração.
- Não me faltará, preciso de tudo para viver, tenho que fazer.
- Caso algo falhe, sempre tenho alternativas.

Uma das máximas desse personagem é que tudo pode ser adiado, menos o prazer. A indulgência minimiza as consequências negativas e maximiza os possíveis benefícios, por conveniência e através da fantasia. E o “nada acontece” é o slogan fixo que é ativado automaticamente quando ocorre uma experiência dolorosa.

Embora seja uma grande incógnita, a culpa é uma das inimigas ferrenhas do E7 sexual. Pode vazar na forma de angústia, ansiedade e até pesadelos. Para não assumir, ele desenvolve a capacidade de apontar o dedo e buscar culpa em qualquer situação, às vezes beirando a paranóia. Na maioria das vezes, ele executa esse sinal com elegância, usando a sedução e a sugestão para jogar a responsabilidade sobre qualquer outra pessoa, embora também tenha acessos de raiva infantis e indiscriminados.

Por outro lado, sentir-se acusado é uma das piores situações, e quando se sente encurralado é capaz de empreender sua defesa com um ataque forte, às vezes acertando pontos cegos. Qualquer coisa para não assumir a responsabilidade pela dor causada.

“Quando uma situação fica feia, pego minhas esporas e desapareço de cena; Não quero más vibrações ou conflitos. Por outro lado, na hora de me divertir sou um amigo fiel: sempre há tempo para mais um baseado, mais uma cerveja, mais uma conversa profunda até de madrugada.”(VINCENTE)

Egocêntrico. parece especial

- Eu, eu e depois eu.
- Tenho algo especial/mágico que atrai as pessoas. Eu sou um oráculo, sou adorável.
- Tenho que ser engraçado e fantástico para que eles gostem de mim.
- Existo se deslumbro, se seduzo, se mostro beleza.
- Se eu não me mostrar, não estou aqui.

O E7 sexual tem uma capacidade única de desviar o foco da atenção para algum assunto que tenha a ver com ele ou com alguma área da vida em que tenha algo a dizer, provavelmente retirado do último livro que caiu em suas mãos . mãos. Se ele não sabe muito, não importa, ele inventa, desde que seja o centro das atenções.

O interesse demonstrado pelo seu interlocutor é o espelho mais precioso para contemplar o seu próprio reflexo, e aí ele se torna o encantador encantador e ver o outro desfrutar da sua conversa e da sua companhia tem gosto de glória.

Seu narcisismo o leva a negar não apenas a dor e a frustração, mas até mesmo sinais de exaustão, mesmo quando são mais do que óbvios.

“Defino o meu narcisismo como um motor estacionário, porque o meu desejo de conquistar nunca se baseou no trabalho árduo ou na oportunidade de obter um resultado através da colaboração e ajuda de outros, mas sim na minha capacidade de saltar obstáculos e fazer com que o mundo produza para mim, pela minha bondade, pela minha capacidade de transformar em ouro tudo o que tocava.”

CAPÍTULO 4; OUTROS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS E CONSIDERAÇÕES PSICODINÂMICAS

Falante

O E7 sexual é uma forma particular de charlatanismo. Ele tende a falar muito, até mais que os outros subtipos dos Sete. É um personagem loquaz e falante, que não deixa de ocupar o espaço com a palavra. Realmente tem muitas lutas – quase se poderia dizer uma incapacidade de ficar quieto, numa conversa que se define pela sua superficialidade, dispersão temática e incapacidade de ir mais fundo.

A incontinência verbal, aliada à rapidez e efervescência mental que possui, transformam a conversa de um E7 sexual num bombardeio de palavras que acaba devastando numa cadeia quase hipnótica de ideias leves que, uma após a outra, acabam pesadas.

A motivação subjacente é liberar a ansiedade e preencher o vazio interior e o espaço interpessoal com palavras. É também uma forma de controlar as próprias emoções e as dos outros. O importante não é tanto o que é dito, mas a própria expressão (linguagem em função fática). É pura incontinência oral. Se um Sete sexual for questionado sobre o que acabou de dizer, ele pode ter dificuldade em repetir, porque nem mesmo escuta a si mesmo.

“Minha mãe já me disse quando eu era pequeno que eu não calava a boca nem debaixo d’água. Um dia fiquei até tentado a tentar, a tentar falar debaixo de água... e acho que consegui. Com meus irmãos e primos brincávamos justamente para falar coisas um para o outro debaixo d’água, e eu era famoso entre eles por ser aquele que fazia melhor e quase sempre vencia. Minha mãe riu e corroborou; Me senti importante e amada e pensei o quanto era importante falar bem.”

Grandioso, exagerado

É um personagem com delírios de grandeza, que olha a vida em grande estilo, que faz planos excessivos que depois não consegue concretizar... Mas essa grandiloquência e exagero esconde a necessidade de um olhar que o resgate da sua baixa auto-estima. Ele confunde ser admirado com cultivar o amor próprio; portanto, ele mede seu valor pessoal com base em quão deslumbrados os outros estão.

Sua auto-inflação narcisista tenta compensar seu vazio interior esquizóide e sentimentos menos admitidos de indignidade, insegurança e culpa, dos quais ele muitas vezes desconhece. No fundo, ele se tranquiliza e se entrega tanto, através do reconhecimento dos outros, que não é de estranhar que seja definido como um “encantador encantado”.

Exibicionista

Por exibicionismo entendemos aqui aquela forma particular de chamar constantemente a atenção praticada pelo sexual E7. Tanto o seu traje (de cores berrantes, por vezes com penas ou acessórios exóticos e, em geral, pouco discretos) como a sua forma de se movimentar e de falar denotam uma intensa atividade que visa tornar-se o centro das atenções. É como um pavão, só que com uma forma peculiar de entender a elegância, que não é exatamente a que mandam os cânones, mas sim a de um charlatão ou de um bufão.

Invasivo

Sua incontinência verbal e seu exibicionismo tornam os Sete sexualmente invasivos. Com palavras e gestos ele ocupa o espaço mental e até físico do outro. É capaz de desviar a atenção ou o foco da conversa fazendo comentários paralelos, introduzindo novos conceitos que distraem, com piadas que mudam o clima ou simplesmente deixando escapar alguma superficialidade fora do contexto. Interrompe a conversa, seja diretamente ou com incentivo lateral como um sussurro. É um perito destabilizador de reuniões ou conversas que não lhe interessam ou nas quais não é o centro das atenções.

Ele entra furtivamente em festas onde não foi convidado, aparece sem avisar, ocupa lugares ou privilégios que não conquistou... Claro que, uma vez que consegue ser atendido, ele não abre mão facilmente do lugar de centralidade, alimento do seu narcisismo.

Impertinente, atrevido

Combina frescor com um descaramento que chega à grosseria. Ele é capaz de abordar e confrontar a fonte do poder de forma tão igualitária, com tanta ousadia, que beira a irreverência. Em suas abordagens, costuma ser muito direto e seguro de si, limitando até os efeitos desagradáveis de seu atrevimento com piadas e complicações diversas, colocando vaselina a cada passo.

No entanto, sob sua aparente simpatia e senso de humor, ele tem palavras contundentes e corrosivas. Na ironia ele esconde sua competitividade e até desprezo e, de forma agressiva, exhibe suas habilidades dialéticas para ridicularizar seus adversários com armas devastadoras. Seu atrevimento vem da incontinência de seus desejos, que eles fazem impulsivamente, direto para o que desejam de imediato. É uma encenação de sua rebelião e indisciplina. Seja por A ou por B, o foco é direcionado tanto para destabilizar o outro quanto para atrair a atenção. Dependendo

do medo que ele tem da situação, e dependendo da força que ele concede ao outro, ele usará o estilo de rebelião encoberta, do tipo guerrilha, ou o mais aberto e ousado, do tipo atirador. É comum que, numa conferência ou reunião, ele interrompa o palestrante, fazendo alguma pergunta incisiva e rebuscada que ninguém entende. É possível que o assunto não lhe interesse muito, mas ele abusará da palavra como forma de se exibir para o grupo.

O atrevimento do Sete sexual pode ser tal que ele ouse pregar o que tanto lhe falta, ou seja, ser ético e honesto. Não é incomum ouvi-lo dando conselhos ou moralizando, a partir da idealização, sobre o que é correto. Vale lembrar aqui que o E7 sofre influência direta do moralismo, rigidez e perfeição do E1. Como ensina o pregador Groucho Marx: "O segredo da vida é a honestidade e o jogo limpo; se você pode simular isso, você conseguiu."

"Palhaço" com pouca noção de seu ridículo

Ele consegue abordar situações sociais com facilidade, auxiliado por seu baixo senso do ridículo e também pela coragem de se usar como uma caricatura. Ele é especialmente espirituoso em tirar sarro de si mesmo. Ele tem pouca vergonha e zomba de suas próprias falhas ou defeitos como forma de tirar ferro deles. Ele é especialista em parodiar sua própria vida.

Parece que o sexual E7 não sabe estar em outro lugar que não seja a brincadeira. Sempre aguçando tudo, o adoçante, útil em tantos momentos, acaba enjoativo. O abuso do humor o torna invasivo, impertinente e inadequado em muitos momentos em que essa atitude não se aplica.

Auto-referenciado

O destino admirar-se pelo fascínio que provoca nos outros é um trampolim para se sentir acima dele, com atitudes agressivas e altivas. Quanto mais admiração você recebe, mais você se rebaixa e alimenta a crença de que é "especial" e único, superior.

Tal é o grau de autorreferencialidade que o centro das atenções nega o valor dos outros, reduzido a meros fornecedores, admiradores admiradores, um público silencioso que lhe dá o prazer egóico de captar o seu interesse.

Sonhador com pensamento mágico

É comum que ele pratique vários esoterismos, parapsicologia ou religiões exóticas, e se cerque de uma aura de acentuada espiritualidade new age ou pratique estilos de vida saudáveis ou

qualquer outra coisa destinada a atrair a atenção e ao mesmo tempo dar-se ares de maturidade transcendental.

Em última análise, ele não deixa de ser um sonhador. Alguém que precisa passar boa parte do seu tempo nos mundos de fantasia que cultiva, desconectado da realidade, alheio aos problemas.

Pseudo-empático

Embora não lhe falte empatia para se identificar com os outros e tenda a ser gentil, humano e até emotivo, sua dificuldade em se conectar com um interesse genuíno pelos outros é enorme. O Sete sexual é uma pessoa com grande desconexão afetiva com quem lhe retorna, aspecto que, embora não tenha muita consciência disso, é um dos mais dolorosos para ele. No longo prazo, ele se sente sozinho e isolado, pois não estabelece contato real, mas através de sua autoimagem. E embora esteja inflamado por suas habilidades e triunfos, no fundo ele mesmo tem consciência de que não possui conquistas reais e se sente internamente fraudulento, bastante inseguro e frágil.

Egoísta

Assim como todos os E7, o subtipo sexual também pode ser definido como egoísta. A prioridade é a satisfação dos desejos, todo o resto fica para trás na ordem de prioridades. Ele não vê o outro; apenas seu próprio umbigo. E, claro, acredita que não precisa de ninguém para ficar bem, que só aguenta as vicissitudes da vida... Sem ser o mais manhoso dos gulosos (título dos Sete conservacionistas), ele é também escravo do próprio desejo e não demonstra escrúpulos na hora de buscar o que deseja. Uma vez conseguido, também não há remorso pelas formas empregadas, como a criança que, sem conseguir conter a frustração, foi atrás do doce a todo custo.

Fraudulento

A auto-indulgência serve como justificativa para a fraude. O E7 sexual pode contar a si mesmo e aos outros qualquer tipo de história, com os álibis mais improváveis para justificar seus comportamentos duvidosos.

Ele vive numa espécie de ficção crônica, entretenimento e comédia permanente que, em última análise, o permite. faça o que quiser e quando quiser. E, ao contrário dos Sete Conservadores, ele tende a acreditar nas suas próprias mentiras, auto-sugerindo-as.

Raivoso

Um caráter mental, mas com uma tendência emocional negada em segundo plano. No seu dia a dia não são incomuns as birras histéricas, momentos em que seu entendimento fica turvo e ele se comporta como uma criança pequena que, sem ser atendida, explode.

Esta característica também tem a ver com a suscetibilidade geral do E7. São pessoas com um sentido tão elevado da sua importância pessoal que qualquer coisa as ofende e, no caso da sexualidade, esse perigo chega ao ponto da hipersensibilidade.

Escapista anti-hierárquica

Tendem a estabelecer relações não hierárquicas e horizontais, seja com o subordinado ou com o chefe. Estabelece um colega, uma proximidade, uma cumplicidade que, aparentemente, facilita a camaradagem e a confiança. Seu estilo gerencial é condescendente, dando permissão para que todos digam e façam o que quiserem, mas delegando grande parte da responsabilidade pelas tarefas ao subordinado. Em última análise, ele tende a se enforçar, procrastinando suas tarefas e confiando abusivamente em seus colegas de trabalho. Algo semelhante costuma acontecer em seus relacionamentos pessoais:

“Estabeleço relações abertas com meu parceiro, para que eu mesma possa ir com qualquer outra pessoa que eu quiser. Também os incentivei a fumar baseados e os viclei para que se sentissem mais calmos e não precisassem dar explicações sempre que eu o fazia.”

Desinformado

Além de fugir de suas responsabilidades, ele é distraído, um “maluco” que geralmente carece de embasamento e capacidade de se organizar nas coisas práticas da vida. Não se sabe muito bem onde está sua cabeça ou suas prioridades existenciais; o que está claro é que seus pensamentos não são deste mundo.

Otimismo infantil

Ele é uma pessoa otimista, animada e divertida... pelo menos superficialmente. Ele já foi designado “o palhaço do eneagrama” por sua imensa capacidade de rir e fazer piada em qualquer situação. Na verdade, a maioria dos grandes comediantes são E7s sexuais.

O otimismo e o humor não estão apenas a serviço de realçar o lado humorístico das situações, mas também afetam o espírito alegre do E7 sexual, na sua vivacidade e alegria. A engenhosidade otimista é o lubrificante que permite ao Sete sexual deslizar pela existência sem o atrito da vida.

O E7 sexual permaneceu naquela fase inicial em que a criança ri de qualquer coisa. Ainda não existe uma compreensão mais ampla que antecipe os sofrimentos da vida e, diante de qualquer rosto ou estímulo do ambiente, a criança retribua um sorriso. A esperança e a alegria de viver são tantas que só é possível sorrir com dedicação e entusiasmo.

Impaciente, impulsivo e intolerante à frustração

Embora antecipe muito e aja com base na mente, muitas vezes se deixa levar por seus impulsos. O Sete sexual tem baixa tolerância à frustração e quer estar um passo à frente da própria realidade, como uma criança caprichosa que, quando quer alguma coisa, quer agora.

Em movimento permanente, saltando de um espaço para outro tanto física quanto mentalmente, costuma ficar nervoso e quieto, com muita agitação física e dificuldade de permanecer muito tempo no mesmo lugar. Internamente também é mutável e variável, alternando facilmente ideias e argumentos. Corporalmente são pessoas saltitantes, com movimentos ziguezagueantes, bruscos, atropelados. Têm dificuldade para sentar ou ficar muito tempo na mesma posição, têm dificuldade para parar, ficar em repouso. Essa mobilidade constante faz com que ele mude frequentemente de profissão, endereço, companheiro... A agitação inquieta é um mecanismo para evitar o contato com o mundo interior, onde ele poderia se conectar com o desconforto. É como surfar nas ondas do desconforto da vida, andando na ponta dos pés pelas situações. Por trás da impaciência e da rapidez está o não querer se perder ou desistir de nada. O sexual E7 acredita que se ficar parado (externo ou interno), ou simplesmente desacelerar, terá que abrir mão de possibilidades fantásticas no grande mercado mundial. Parar implicaria também atenuar a excitação inicial que o novo desperta e sustentar o tédio que a estabilidade do conhecido acarreta.

Hipocondríaco

Evitar o sofrimento e reprimir a dor leva à hipersensibilidade a qualquer sinal de desconforto físico, que logo se transforma em preocupação constante. O Sete sexual não recebeu cuidados atentos e adequados e não encontrou uma escuta atenta por parte dos adultos que deveriam protegê-lo. Digamos que, também nesse sentido, ele tenha vivenciado o abandono. Além disso, ao assumir o papel de menestrel para aliviar as tristezas de sua mãe, ele teve que esconder as suas. Esse descuido e o próprio medo da morte fazem com que, diante de qualquer sintoma físico, entremos em um estado de ansiedade difusa que pode se transformar em hipocondria.

Essa forma indeterminada de cuidado revela, por um lado, seu medo profundo e, por outro, uma tentativa de cuidar de si mesmo.

A hipocondria aumenta no momento em que, não tendo capacidade de trabalhar a ansiedade, produz sintomas psicossomáticos e entra num círculo vicioso.

CAPÍTULO 5; EMOCIONALIDADE E FANTASIA

Por VICENTE LAFUENTE E ENRIQUE VILLATORO

Emocionalidade e fantasia são aspectos fundamentais do funcionamento interno de um E7 sexual e estão intimamente relacionados. Ele vive as diferentes emoções sob a influência da fantasia, que por sua vez se retroalimenta da energia emocional gerada. E confunde emotividade com fantasias de conteúdo emocional.

Emotividade

Claudio Naranjo explica que o Sete é o mais emotivo dos personagens intelectuais e, por sua vez, o subtipo sexual é o mais emotivo dos gulosos. No diagrama da psicologia dos eneatis, o E7 sexual é o emocional do lado esquerdo da estrela do eneagrama. Isso significa que combina um alto componente intelectual com uma nuance emocional não insignificante. Portanto, além de compreender a experiência e a vida, o Sete sexual precisa senti-la e ser apaixonado por ela. Este personagem intenso gosta de viver em alto volume de excitação e ativação energética. Principalmente no nível mental, onde a vontade de gerar alegria artificialmente é colocada acima de tudo. Internamente, o E7 sexual sente-se como uma criança muito sensível, que tanto teme o contato íntimo profundo quanto anseia por ele.

A sugestão é sonhar para reprimir a percepção da dor. As experiências com a idealização e o combustível dessa abstração da realidade é a emoção, que incita e direciona a fantasia.

Ao mesmo tempo que ele sente a emoção, o Sete sexual a conta ao vivo. Ele está colocando palavras, como o locutor de um jogo que transmite a vida ao vivo. Ou seja, mais do que sentir diretamente, ele pensa no que está sentindo, naquele impulso irreprimível de colocar palavras em tudo, de narrar (para si mesmo) a realidade.

Aqui ele se conecta com a mentalidade de vácuo de terror da nossa cultura (o que os orientais descreveram corretamente como a mente louca do macaco). É relativamente comum que um E7 sexual lhe explique detalhadamente a vivência de uma emoção, com a correspondente fixação dos fatos na versão que mais lhe convém e transforme a experiência em uma história, ao invés de sentir diretamente o afeto. É um personagem especializado em interromper momentos românticos ou especiais, em que a vivência do momento e a fugacidade do sutil são mais importantes, com alguns comentários inapropriados, honrando sua condição de papagaio falante.

Descrever a emoção enquanto a vive nada mais é do que manipular a experiência. Por um lado, permite exaltar o entusiasmo quando é agradável e, pelo contrário, minimizá-lo quando não é interessante. Colocar a cognição no afetivo é, portanto, um filtro com o qual ele destila as emoções agradáveis, que são as que lhe interessam. Para um tipo de tríade principal, a natureza incontrolável do mundo emocional é assustadora. Ele a vivencia como potencialmente perigosa devido à vulnerabilidade em que isso pode deixá-lo. Já intelectualizar a vida é uma forma de controle que dá certa sensação de segurança.

Idealizar não apenas melhora a experiência, mas também uma ativação emocional com ela. Ao contrário dos subtipos sociais e conservacionistas mais controlados, o E7 sexual é emocionalmente muito ativo (daí uma certa semelhança com o E2). Mas não se deixe enganar pelas aparências: sua emoção é desencadeada pela sua cabeça e não pela experiência em si.

A idealização é, portanto, neste personagem, uma poderosa ferramenta defensiva que atua como filtro regulador das sensações do mundo emocional. Amplifica emoções agradáveis e minimiza as desagradáveis, manipulando a experiência para torná-la mais divertida, gentil e doce. Para afastá-la da rotina, do cotidiano cinzento, do tédio, do temido vazio.

Com sua idealização das experiências emocionais, o Sete sexual aparece como alguém preso à vida. Está na videira, voado, em outro mundo, desconectado da realidade. Embora seja um eneatipo apaixonado e intenso, não é tão apaixonado na expressão das emoções. Ele parece bastante distante, perdido nas nuvens, e em vez de compartilhar seus sentimentos, substitui o contato emocional genuíno pelo companheirismo, pela afabilidade sedutora e pela criação de atmosferas sugestivas.

O E7 sexual especializou-se na alegria autoativadora, sintoma de felicidade e emoção mais estereotipada do subtipo. Não é incomum vê-lo caricaturado no personagem Peter Pan, o eterno filho: mãos na cintura, sorriso largo, olhos brilhantes, pés alguns centímetros acima do chão... Assim como um E7 sexual percebe a vida ou, melhor, como pretende vivê-la: cheio de oportunidades e novas experiências, cheio de aventuras e cheio de alegria, good vibes”, “good vibes”, cool... A alegria é portanto a sua emoção predominante. Ele tende a contar para si mesmo sobre sua vida mais feliz do que é, assumindo o papel de brincalhão leve, sempre com uma piada em mãos para evitar momentos de intimidade ou solenidade que tanto o incomodam. Um exemplo é sua tendência de assobiar, cantarolar ou emitir algum tipo de som, interna ou externamente, em momentos de estresse, tédio ou simplesmente, em uma caminhada tranquila do estacionamento até o trabalho, acrescentando música à rotina cinzenta do dia a dia. vida, pela sua dificuldade em sustentar uma realidade aparentemente vazia de conteúdo.

A segunda emoção mais comum em um Sete sexual é a raiva. Mas como é que uma pessoa aparentemente tão ligada à alegria sente tanta raiva? Este personagem, em permanente fuga da frustração, é paradoxalmente muito sensível a ela. no sentido de que a negação de algo o torna ainda mais presente. E dado que a resposta à frustração é a explosão de raiva como reação defensiva para tentar estabelecer limites, não é incomum que o E7 sexual pratique atos manipulativos um tanto infantis.

Esses acessos de raiva infantis acabam mergulhando os Sete sexuais na insatisfação e na raiva crônicas, que aumentam com a idade, até que o epítome da diversão e do bom humor se torna um velho mal-humorado.

Agora, tanto a sensação quanto a expressão da raiva são parcialmente bloqueadas pelo seu caráter antagônico diante da alegria, com a qual ele se sente tão identificado. O sexual E7 tentará evitar ser visto com raiva, embora haja momentos em que não conseguirá se conter, pois prefere se afastar do mundo à menor sensação de desconforto, raiva ou tristeza, para que sua imagem alegre e feliz não seja questionado. .

É precisamente neste retraimento que a expressão de raiva é mais comum. As pessoas mais próximas sabem bem: pais, companheiros ou filhos deste subtipo, que é no âmbito doméstico

que mais demonstram a sua irritabilidade. Em ambientes menos confiáveis ou menos seguros, ele não ousa ficar com raiva, mas demonstra rebeldia e, muitas vezes, com um verdadeiro desejo sabotador.

Na intimidade do lar e na segurança proporcionada por seus familiares, o Sete sexual pode tirar a máscara, suas travessuras humorísticas e, finalmente, mostrar seu rosto oculto. Ele dá rédea solta em casa à sua frustração, à irritação que foi engolida lá fora. É dada permissão para parecer frio ou monossilábico, tirando a fantasia, numa estranha versão do descanso do guerreiro (no caso, do palhaço).

As crianças podem ser alvos fáceis para a sua irritabilidade quando o seu lado maníaco é expresso de forma negativa, especialmente porque são concorrentes diretos do E7 sexual no seu lado infantil mais caprichoso. Esta relação com os filhos é, de facto, e embora normalmente não seja reconhecida diretamente, uma das razões mais comuns pelas quais um Sete sexual procura uma consulta terapêutica.

O perfeccionismo do E7, alinhado ao perfeccionista E1 segundo a psicodinâmica interna do eneagrama, é um segundo motivo pelo qual a raiva negada do guloso emerge com mais frequência no aconchego do lar. Assim como um Sete sexual é negligente quanto aos limites e regras fora de casa, onde a auto-indulgência é mais evidente, em sua casa ele pode se transformar em um tirano exigente e controlador, atento aos mínimos detalhes, com o gatilho à mão. hora de gritar ou levantar a voz diante da menor frustração. Paciente e gentil fora de casa, frustrante e insuportável dentro de casa. Divertido por fora e chato por dentro.

E assim como a vida fica rosada quando tudo vai bem, ela pode se tornar uma catastrofista quando seus planos dão errado. A fantasia é aqui colocada a favor da negatividade e amplifica-a; ele fica paranóico e vê tudo preto, até ficar cego de raiva. O Sete sexual agora se torna mentalmente obsessivo: ele se deleita com a raiva, a frustração e o quanto se sente atacado. Ele se visualiza expressando toda a sua raiva, perdendo-se em uma conversa interna que nunca se concretizará por causa do medo que tem do confronto. Esta negatividade que sente e as explicações que se dá da situação justificarão a sua agressão ao outro, a sua rebelião e as suas compensações gananciosas destinadas a “equilibrar-se”.

A tristeza é outra emoção de dois gumes neste subtipo. É relativamente comum ver um E7 sexual chorar, sofrer e até chorar com um filme sensível, uma música emocionante, uma arte ou

alguma situação nostálgica. Mas por identificação, não porque esteja em contato com a própria dor.

A melancolia, agitada por um estímulo externo, não necessariamente o coloca em contato com suas pendências emocionais ou com sua afetividade mais genuína. Na verdade, se a situação começar a mexê-lo internamente, seus alarmes e mecanismos de defesa serão acionados para escapar do presente, bloqueando a sensação. Ele até usa essas situações de amargura percebida para se comparar, pelo quão bem ele geralmente se sente e pela sorte que tem, em comparação com o infortúnio dos outros: “Que sorte eu tenho na vida e quão bem estou”, ele parece dizer. para si mesmo internamente.

“Quando entrei na formação Gestalt nunca tinha feito nenhum curso de terapia ou autoconhecimento. Além da curiosidade, comecei porque meu companheiro também ia fazer o treino. Lembro que, na primeira rodada de apresentações, as pessoas falaram sobre algumas histórias e conflitos de suas vidas que me surpreenderam enormemente. Por dentro pensei: “Coitadinhos, quanto sofreram e que sorte eu tive, com uma infância feliz, estou muito bem”. Naquela época eu era muito viciado em cocaína, sem emprego e bastante perdido na vida.”

O filme ou livro atual que é fonte de tristeza também se torna estímulo para sugestão e imersão no mundo emocional do protagonista. Se for uma fantasia triste, o E7 sexual se encarregará de dar um final feliz. Para esta personagem é fácil deixar-se levar por histórias nostálgicas, navegar abandonando-se à melancolia, mas vivendo tudo isso de empréstimo, sempre de fora e sem tocar na própria fibra da dor. Há algo de agradável neste choro melancólico; São lágrimas doces, fáceis de segurar e até de amplificar, enquanto a dor pessoal, real e profunda está segura e guardada a sete chaves.

A empatia do Sete sexual permite-lhe sentir a tristeza e a angústia das histórias de amigos, pacientes, familiares ou alunos. Claro, com a mesma condição de antes: que esse sentimento de tristeza não ameace tocar a própria desgraça. Sendo um personagem oportunista e interesseiro, esta versão de empatia não é para entrar em sintonia com o outro, mas é manipuladora.

O estrategista conquistador, como um bom Sete, coloca ao seu serviço qualquer ferramenta à sua disposição para aproveitar ao máximo o vínculo e a situação. A tristeza que ele consegue demonstrar pode, portanto, responder a algum interesse estratégico, fazer parte de um jogo de sedução.

“Durante um workshop, diante de uma situação emocional dentro do grupo, a terapeuta me disse: “Seus olhos ficam vidrados enquanto suas presas ficam afiadas”.

O E7 sexual também é sugerido com fantasias de auto-sacrifício, imaginando-se em situações dolorosas como forma de se mostrar ao mundo com a aura de um mártir e de um herói salvador. Obviamente, essas histórias têm um final feliz, de triunfo em que ele obtém o benefício de ser idolatrado, santificado como super-herói. Tudo isso, na segurança que o mundo das ideias oferece, onde seus sonhos têm pouco ou nenhum contato com a realidade.

É caro e restaurador para um Sete sexual entrar em contato com uma tristeza profunda. Quando finalmente conseguir tocá-lo, abri-lo, descobrirá que é uma experiência profundamente libertadora e curativa. Para promovê-lo, o terapeuta, familiar ou amigo de um E7 sexual terá que se munir de paciência e evitar muitos charlatanismos, ironias, reviravoltas inesperadas e seduções esquivas, até finalmente perceber toda a demanda para " fique bem" isso é auto-imposto.

O medo – a última das quatro emoções básicas – é o mais presente no dia a dia de um Sete sexual, embora de forma um pouco visível. Sendo a emoção básica da tríade de caracteres mentais do eneagrama (E5, E6 e E7), o Sete sexual não tem consciência do enorme medo que está subjacente ao aparecimento de alegria e otimismo na sua vida. Ele nega o medo e o enterra profundamente, mas assim que coçar, ele sairá com força e ele sentirá como seus tentáculos paralisam seu trabalho.

Em última análise, o medo nada mais é do que uma antecipação, uma atitude na qual o sexual E7 é especialista. Ou talvez seja mais correto dizer que o medo está na origem de tanta antecipação, num sistema de micro/antecipação que se retroalimenta. Extremamente infantis quando se trata de lidar com decisões da vida adulta, os Setes sexuais muitas vezes se comprometem com alegre indiferença a desafios tentadores, imaginando os benefícios de tais desafios sem avaliar os riscos, esforços ou consequências. Assim, frequente e repentinamente, quando chega o momento de agir, o medo pode explodir com toda a sua força, incluindo somatizações e ataques de pânico.

Sugestão e medo são uma mistura explosiva. O E7 sexual, com medo físico ativo, pode ser um grande hipocondríaco, um grande arisco que, ao menor sintoma, começa a ativar fantasias catastróficas, sugerindo-se o medo de adoecer gravemente. A obsessão também pode ser ativada aqui, com pensamentos repetitivos sobre a origem ou repercussão desses sintomas. Em última análise, na sua tentativa de controlar e proteger-se através do pensamento, ele acaba provocando medo patológico, num ciclo de feedback neurótico.

No fundo está o medo da morte. Para um narcisista que se acredita tão especial, acima do bem e do mal, imbuído de uma onipotência infantil, a morte é um limite inatingível para a sugestão. É-lhe impossível enfrentar a própria morte ou, simplesmente, trata-a com aparente negação ou despreocupação. Para um Sete sexual, a morte é uma fonte inacessível de limite, de medo e de absurdo, que dificilmente ousará considerar.

Por não saber enfrentar os medos de forma adulta, é fácil para o sexual By escapar transferindo suas responsabilidades para outro, tentando impingir seus problemas com manipulações sedutoras ou refugiando-se em algum sintoma ou desculpa.

Outras vezes, ele simplesmente age como um louco e esquece o que havia assumido anteriormente, deixando claro que é alguém com quem se pode contar muito pouco, descomprometido e fraudulento, jogando a pedra e escondendo a mão. A autoindulgência serve de bálsamo contra possíveis remorsos por sua atitude de “passar” ou afastar-se daquilo que não lhe interessa.

“Lembro-me dos meus primeiros plantões e da minha forma quase desdenhosa de lidar com eles: “Se todos os médicos os tiverem feito, não será tão difícil”. Ou a decisão de ter filhos, tão jovens e tão corajosos, até nascer a minha primeira filha e eu ter o meu primeiro ataque de ansiedade. É uma sensação de que tudo “está uma sugado”, até chegarem as primeiras complicações.”

À medida que a vida lhe mostra que existem crises e decisões erradas, o Sete sexual pode tornar-se cada vez mais nocivo.

Existe também outro medo fundamental, embora negado, face à autoridade. É o medo de que lhe sejam negados os privilégios conquistados por meio de seu caráter infantil, de ser descoberto em suas relações, de ser colocado em uma situação difícil.

Quanto à culpa, dos gulosos, o subtipo social é o mais suscetível de entrar em contato com ela, mas o sexual também a vivencia, a partir de um lugar infantilizado e não como figura, mas como pano de fundo.

Como sua fixação é a auto-indulgência, a culpa e o medo não aparecem desde o primeiro momento, mas à medida que ele avança em seu processo de autoconhecimento, um Sete sexual imediatamente se deparará com sua fraude e sua propensão a trapacear e enganar, tanto para outros quanto a si mesmo. Dessa forma, tomando consciência de sua tendência esquiva e manipuladora, fará parte de seu caminho para a saúde entrar em contato com o sentimento de culpa.

É fato que é difícil para ele admitir suas trapaças quando elas são apontadas e expostas. Quando isso acontece, seu jogo narcisista de perfeccionismo, a exigência de não falhar, transforma-se em culpa. Sendo um personagem que vive com intensidade fantasiosa tudo o que o afeta, ele pode até se recriar na dor, lançando as bases para um novo ciclo depressivo.

Também em algum lugar esse personagem (independentemente do sexo) pode abrigar um sentimento secreto de culpa por estar no lugar do pai e por ter tentado conquistá-lo através de favores maternos.

A ambição oculta é, finalmente, mais uma fonte de culpa pela sua atitude de adulto infantilizado que se mostra mais criança do que realmente é. Uma atitude regressiva que lhe dificulta a transição necessária de menino para homem, de menina para mulher, que seria tão legítima e curativa.

Fantasia

Sem dúvida, a fantasia é um dos aspectos marcantes dos Sete sexuais. Praticamente toda a sua estrutura de caráter é baseada na fuga do sofrimento e na busca pelo prazer. Algo que, embora adaptativamente pareça lógico e consistente, já que ninguém em sã consciência quer sofrer, na prática supõe uma utopia inviável. A existência implica dor. E o sofrimento, em última análise, um indicador sábio de comportamentos apropriados, ajuda a crescer.

Mas a pessoa desse personagem quer enganar a vida para fugir daquilo que frustra e machuca. Para tanto, ele foge da realidade que não lhe interessa e constrói um universo paralelo à vontade.

Sabe contar um ao outro ficções distantes do que vocês estão vivendo no presente. Ele manipula habilmente os fatos, inventando-os da maneira que lhe for mais benéfica. A fantasia é uma capacidade que requer um potencial altamente desenvolvido de representação mental neste personagem. Agora, a fantasia e as mentiras não estão tão longe. Contar as coisas de maneira sugestiva beira o artificial.

A auto-sugestão ajuda você a acreditar em suas próprias mentiras. A fantasia também envolve um alto grau de regressividade infantil. As crianças não conhecem os limites marcados pela existência nem a experiência estruturante do amadurecimento. Os E7 sexuais são personalidades infantis, crianças grandes que não quiseram amadurecer. E uma das vantagens dessa infantilização é, justamente, poder utilizar a fantasia como mecanismo para evitar a dor. Um Sete sexual que não passou por um processo profundo de amadurecimento psíquico não entende bem, e muito menos aceita, que a decepção e a frustração não matam, mas sim ensinam.

Desde criança a fantasia é sua grande companheira nas aventuras. Apoiando-se em seu mundo interno, a criança sexual Sete se refugia de uma realidade paradoxal entrando em si mesma. Quando a situação externa se complica ou a incomoda: conflitos, gritos, repreensões, momentos tristes, tédio, vazio, desconforto. Ele desenvolve, de mãos dadas com a fantasia, aquele espaço de segurança interna onde se isola e se protege. A questão fundamental é, portanto, entrar na caverna quando as coisas correm mal, tendência que repetirá ao longo da vida, em clara ligação com a psicodinâmica que o une aos E5.

A aparente extroversão do Sete sexual esconde o segredo dos sentimentos zelosamente guardados. Na verdade ele é tímido, alguém internamente reservado e retraído, que se apresenta ao mundo de forma muito expressiva e, aparentemente, espontânea e aberta. Quando a criança se afasta do mundo, seu processo de maturação fica mais lento, o que a mantém infantil e favorece a falta de limites e de contato com a realidade que, por sua vez, fomenta a fantasia num ciclo de auto-reforço.

A fantasia é protagonista da sedução, questão central deste subtipo. A sugestão favorece que quase qualquer gesto daquela pessoa que o atrai seja potencializado e amplificado, podendo atingir o desejo obsessivo, onde olhar para ela de forma realista é muito difícil e, em vez disso, projeta uma figura idealizada. E a fantasia já se encarrega de montar um enredo com um futuro

feito de belos planos, um cenário com a luz certa e aquela música ambiente que anima o enamoramento. Esse castelo de cartas, construído de forma tão artificial e no qual o sexual E7 acredita de todo o coração, terá ele, quando cair, como primeira vítima.

Delírios de grandeza são comuns nesse personagem narcisista, que facilmente se visualiza no futuro como um grande professor em qualquer área. Eles servem de combustível para iniciar com muita força e entusiasmo tantas disciplinas que o atraem: meditação, ioga, corrida, alguma arte marcial... qualquer atividade, à qual ele chegará com entusiasmo e atração e da qual sairá, em breve, com tédio (desconexão), porque o motor da fantasia só funciona por pouco tempo. Quando alguma atividade ou relacionamento começa a exigir esforço a médio prazo, chega o desamor e ele já está de olho em um novo, iniciando assim, mais uma vez, o ciclo de entusiasmo e decepção, como um hamster em uma roda.

Mesmo assim, com o apoio da auto-sugestão e da fraude, muitas vezes ele se sente competente nas áreas que acabou de abandonar sem ter feito muito esforço. Não será incomum ouvir suas opiniões, às vezes com argumentos convincentes, sobre assuntos sobre os quais você tem pouca informação. E ele dará cursos, workshops e conferências. Ele até escreverá manuais sobre o conhecimento que abordou paralelamente. Sua atitude de se mostrar ao mundo como um especialista em áreas que desconhece o mais básico faz dele o estereótipo do aprendiz de feiticeiro que, como o Mickey Mouse de Walt Disney em Fantasia, usurpa o papel de mestre e lança feitiços que mais tarde ele não sabe como lidar ou parar.

“Quando cheguei a Barcelona não tinha emprego e precisava de ter um. Entre outras coisas, me ofereceram para ministrar um curso básico de informática, matéria sobre a qual eu tinha pouca noção. Sem pensar duas vezes, eu disse que sim. No dia seguinte comprei um livro de informática e um computador onde estudei e pratiquei a matéria que ia lecionar no dia anterior. Não foi tão ruim assim, pois continuaram a me oferecer outros cursos de segurança e higiene no trabalho, contabilidade, folha de pagamento, gestão... Eu disse sim a quase tudo que me ofereceram. O próprio diretor da escola ficou surpreso com a minha variabilidade de conhecimentos. Eu, por dentro, não conseguia me enganar e fiquei tão angustiado que não dormi à noite.”

Há uma tendência de tentar adivinhar o que o outro está pensando, sem muita empatia com o que de fato pode estar acontecendo com ele. Há também uma má qualidade de presença,

afastando-se da conversa e do relacionamento à menor oportunidade de se distrair. O normal é que, num diálogo, não haja escuta da parte dele, mas sim uma conversa constante. Nos poucos momentos em que você deixa espaço para o outro falar, provavelmente você estará pensando em sua próxima discussão “brilhante”. A fantasia ocupa quase toda a energia psíquica disponível e não sobra muita para outras.

Dentro do que poderíamos definir como seus “onanismos mentais”, esse personagem muitas vezes prefere estar consigo mesmo, com suas fantasias e delírios, do que no mundo “chato” das relações pessoais, principalmente se elas não constituem fonte de interesse, excitação ou novidade... ou ele não é o protagonista. Em grupos grandes, ele fará o possível para ser notado através do humor ou, diretamente, do pastelão. Se o caso esperado não for feito, o normal é que ele se isole para se refugiar, mais uma vez, na fantasia.

Em pequenos grupos ou na intimidade do eu-tu, onde se sente mais seguro, ele mostrará sua autoconfiança invasiva e um ritmo alegre e leve para assumir a liderança e se tornar protagonista e centro das atenções.

CAPÍTULO 6; INFÂNCIA

Mesmo que não se lembrem ou não tenham consciência disso, o E7 sexual é uma pessoa que sofreu na infância, e a tal ponto que aprendeu a entrar em pânico com a dor e a não querer senti-la novamente. Ele não quer nem, em muitas ocasiões, pode tocar no sofrimento. A lógica não que fer sofrer ou sofrer no caso dos Sete sexuais desenvolveu-se ao extremo que o limiar da dor foi tão baixo que deixou de cumprir a sua função; pois para uma adaptação adequada ao ambiente é necessário vivenciar certo grau de sofrimento e aprender a lidar com ele.

O E7 sexual tenta construir uma bolha de ilusão que o defenda do sofrimento, e se torna tão rígido nessa defesa que acaba se voltando contra ele e ele tem que se afastar do mundo real para sobreviver aos menores altos e baixos emocionais, já que o menor inconveniente se torna insuportável. Tal atitude se baseia em uma infância de retraimento emocional que acaba sendo canalizada para o mundo da fantasia e da substituição da realidade por planos e projetos muitas vezes abandonados sem realização. O comportamento esquizóide é gradualmente substituído por uma nova saída para o mundo que é, ao mesmo tempo, uma fuga de si mesmo.

É por isso que o Sete sexual se torna a caricatura de Peter Pan. Um menino superficial que nunca cresceu, que estava preso ao seu mundo de fantasia e é incapaz de assumir a responsabilidade por suas ações ou fornecer apoio emocional. Algo que se traduz num adulto descomprometido e esgotado, a quem falta uma base, um sentido firme da realidade que foi deslocado pela fantasia e pela sugestão, para suavizar as arestas da vida. Já criança, então, o sexual E7 aprende a se drogar emocionalmente.

Existem três elementos-chave do contexto em que esse personagem é construído:

Falta de limites. O Sete sexual não é endurecido para lidar com a frustração, não é forte o suficiente para lidar com as dificuldades e inconveniências diárias. Desde a infância, ele foi poupado da obrigação de produzir esse endurecimento, pois ninguém lhe impôs limites ou, se houve, na própria família recebeu o ensinamento de como eles podem ser evitados. Pouco treinada na resistência à frustração, a criança consegue o que quer, de qualquer forma: o fim justifica os meios. A falta de frustração impediu-o de se fortalecer, resultando numa criança caprichosa e mimada. Essa falta de limites pode responder a um destes dois fatores:

a) Ambiente aversivo, duro e difícil em que sofreu grande falta de atenção, apoio e reconhecimento. Neste contexto de carência, doloroso, selvagem, a criança vivencia-o como uma selva onde cada um tem que encontrar a vida da melhor maneira que puder. Não existem regras claras, nem limites, e parece que a única lei que prevalece é a da selva: sobrevivência!, e que cada um administre o melhor que puder.

“Don Ernesto é um bastardo mal-humorado e esguio. É Don Camilo, seu pai, o diretor, quem consegue me dar um tapa brutal na cara na frente da minha mãe sem que ela reclame. Dia sim, dia não, chove, tapas e pancadas na cabeça, regra nas mãos e nas unhas, braços cruzados, humilhação, estudo como algo assustador. O medo na carne.”

“Certa vez, quando eu tinha quatro ou cinco anos, meus pais compraram umas escrivatinhas muito bonitas para meus dois irmãos mais velhos e uma para minha irmã. Não me compraram um com a justificativa de que era pequeno e eu ainda não precisava. Como consolo, meu irmão mais velho me deixou uma pequena gaveta em sua mesa para guardar minhas coisas. Um dia tivemos uma grande briga e ele, obviamente mais forte que eu, me expulsou à força de sua mesa, puxando a gaveta e jogando todas as minhas coisas no chão. Me senti humilhada e foi a primeira vez que me lembro de tocar mais

diretamente na vulnerabilidade e no desamparo. Desse desamparo e com as orelhas baixas, coloquei minhas coisas num canto do chão, embaixo da janela. Ele estava com medo porque, mesmo sem ter casa própria, também não tinha para onde ir. Acho que foi aí que entendi que no confronto direto eu tinha tudo a perder, a luta tinha que ser mais estratégica, baseada na habilidade e na astúcia e não na força, era uma espécie de guerrilha permanente. Lembro-me de repetir aquele ditado “melhor manhã do que força”.

b) Um ambiente de frouxidão em que ele é o favorito da mãe, uma criança sensata, mimada e caprichosa que muitas vezes consegue o que quer sem ser impedida. Os pais são percebidos pela criança sexual E7 como figuras ambivalentes, sem uma definição clara de autoridade. A mãe costuma ser mais próxima nas tarefas básicas de alimentação, saúde e cuidados, enquanto o pai costuma ser uma figura ausente ou desacreditada no ambiente familiar, às vezes até pela própria mãe. Uma mãe sedutora que apresenta o pai como um ogro. Esta relação entre os pais pode ser matizada por uma certa competição entre eles, que se manifesta na educação, nas regras que são estabelecidas em casa. Perante esta inconsistência nos critérios a seguir num ambiente normativamente ambíguo, a criança torna-se um oportunista hábil, capaz de aproveitar a opção que melhor lhe convém em cada momento, e desenvolve a capacidade de fugir daquilo que não lhe convém. interessá-lo.

“Nasci o sétimo de uma família de sete pessoas e isso levou-me a tornar-me o rei da casa, sendo extremamente mimado não só pela minha mãe mas pelos restantes e por toda a vizinhança. Isso fez com que acreditasse que eu era o centro do universo e que tudo nele me pertencia. Para piorar, fui educado sem limites e superprotegido por minha mãe, e com ausência, embora não física, de meu pai nesse aspecto. Logo percebi que com um pouco de choro eu poderia conseguir o que queria, e consegui. do que para a educação.”

Simbolicamente, é uma amamentação feliz, mas pouco nutritiva; daí sua personalidade confiante e otimista, mas desconectada e superficial.

Identificação e fusão com a mãe. Geralmente, o Sete sexual permanece apegado à mãe, que tende a adotar um papel permissivo, ao mesmo tempo em que se esforça para fazer a criança se sentir especial e fazê-la sentir-se excessivamente mimada e caprichosa.

“Minha mãe era meu mundo, eu me fundi com ela. Não diferenciei entre “eu e o mundo” como uma instância externa que exigia de mim ação. Ganhei tudo do mundo (ou seja, da minha mãe) sem atuar, com um simples gesto. Minha mãe cuidou de mim por muito tempo. Na fase em que o bebê se torna criança (dezoito meses aos três anos) e experimenta o impulso de se diferenciar da mãe, de conhecer o mundo, de fazer valer a própria vontade e autonomia, eu vivi isso muito mal. Minha mãe e seus cuidadores estiveram muito presentes e fiquei retido na minha descoberta do mundo. Relato uma imagem que pode ser significativa: agora posso andar e vejo coisas ao meu redor que me atraem. Caminho decidida a procurar uma bola... Sinto um impulso interior muito forte, quero pegar a bola e mostrar para minha mãe... Começo a andar animada... De repente, sinto os braços de minha mãe que agarre-me pelas axilas e eles me param docemente. Minha mãe pega a bola e me dá ela mesma.”

Outra possibilidade é que a mãe seja ambígua. Por um lado, podem ser muito afetuosos e, por outro, cortam o contato e vão embora sem motivo claramente identificado pela criança.

“Ela era a autoridade dentro da casa, representava tanto a norma e os limites a serem seguidos quanto o foco caloroso e amoroso. Era a referência no dia a dia, já que dependendo do humor do dia era preciso regular o comportamento. Tive a sensação de um certo estado de alerta diante dela, pois ela podia ser tanto calorosa, afetuosa e permissiva quanto dura, seca e extremamente dolorosa.”

Esta dupla atitude, às vezes lisonjeira e outras frustrantes, tem especial influência na esfera sexual. É como se a mãe transmitisse uma mensagem dupla em relação à sexualidade, sem que houvesse uma orientação clara nesse sentido.

Por um lado, ela pode ser permissiva e até lisonjeira porque o filho seduz, atrai e até ousa na sexualidade. Ela incentiva a criança a correr riscos sexuais, é reforçada com comentários específicos e às vezes até transmite a sensação de que ela mesma pode, inconscientemente, se colocar como objeto de desconfiança diante do próprio filho. Lembremos que o traço E7 em geral, mas principalmente o subtipo sexual, é um dos que mais se estendeu em Édipo, aquele que acabou mais próximo da mãe, em muitos aspectos. Obviamente, essa proximidade é fruto da sedução e da permissão da mãe e também da ausência de um pai que estabeleça limites. Mas, por outro lado, esses mesmos comportamentos mais erotizados da criança podem ser penalizados com comentários repressivos e comportamentos de rejeição que podem até levar à humilhação.

“Minha mãe tinha um comportamento ambíguo em relação às abordagens que eu poderia ter com ela. Às vezes ela era carinhosa, me abraçava forte, me dava beijos muito efusivos e até me mordida com muita paixão em diversas partes do meu corpo. Fizemos cócegas um no outro e eu adorei. Lembro até que às vezes ela me deixava tocar seus seios enquanto sorria. Uma vez comecei o jogo de cócegas e quando toquei seu peito ela ficou muito brava e me rejeitou fisicamente. Ele me disse que estava sujo e imundo. Me senti muito humilhada e não entendi porque às vezes sim e às vezes não.”

Ausência de figura paterna de referência. Não existe uma figura paterna clara que estabeleça limites para a criança. No fundo é como se tivesse sido abandonado pelo pai e a única saída é se jogar nos braços da mãe. Com alguma frequência, o pai é de natureza mental: E7, E5 ou E6, do qual se pode deduzir uma certa identificação inconsciente com ele. Noutros casos, esta personagem constitui uma reação contra um pai autoritário (por exemplo, um E1), contra quem parece melhor praticar uma rebelião suave.

A imagem de um pai hesitante gerará insegurança e suspeita diante de qualquer sistema hierárquico futuro, ao mesmo tempo que favorecerá uma rebelião crônica diante de qualquer regulação que comece contra o pai, muitas vezes apoiada pela mãe. É a falta de confiança na autoridade paterna que o transforma num personagem indomável, rebelde, com coragem de abordar a autoridade como igual e até com insolência.

A inconsistência da autoridade e o medo e a desconfiança que causam alimentam a sua paranóia, na tentativa de antecipar e prevenir o que pode acontecer. A antecipação constante, ao contrário do que acontece com o medroso E6, tem neste caso um matiz de fuga para a fantasia ilusória e, em última análise, para um mundo imaginário em que o medo não existe e só há felicidade.

“Até a adolescência não tenho lembranças mais fortes dele [o pai]. Precisamente naquela altura, quando mais precisei dele, descobri que por detrás daquela imagem de boa impressão que ele transmitia, havia uma grande componente de sugestão, de falsidade. Em diversas ocasiões, perdido na minha localização pessoal e profissional, incentivou-me com planos e projetos profissionais, mas na hora da verdade aposentou-se e não estava lá

Por sugestão dele, eu planejava abrir vários negócios (um ginásio, uma creche e um pub), mas sempre terminava com a sua censura de que eu não tinha me esforçado mais e não era responsável, quando a verdade é que realmente o fiz. não sei o que fazer.”

Com alguma frequência, aquela figura paterna medrosa e ambígua é substituída por outra figura masculina de segundo nível: um avô, um... que se torna a referência. No fundo, o menino precisa encontrar uma figura masculina que, por um lado, lhe dê essa confiança, reconhecimento e apoio que necessita de um homem adulto e que, paralelamente, o salva da mãe. Lembremos que esta personagem foi definida a partir da análise da personagem como passiva-feminina, no sentido de que o homem se identificou mais com os valores da mãe, enquanto na mulher E7 há uma identificação com uma mulher sedutora. homem que muitas vezes tomou o lugar do pai. Esse referente masculino substituto é a figura que dá ao menino aquela confiança e aceitação que ele não obteve do pai.

“Frequentemente ia à casa do meu tio Enrique, uma pessoa muito aberta e por quem me sentia muito reconhecido. Ele me deu espaço e passou muito tempo comigo. Ele também era um pouco rebelde, no sentido que eles permitiam. Isso me deu permissão para fazer coisas que meus pais não me permitiam.”

“O dinheiro é escasso e a mãe tem que ir trabalhar (ela dá aulas de costura), o pai raramente está em casa pelo mesmo motivo, então nos primeiros cinco anos da minha vida fui muito bem cuidada pelo meu avô. Ele me ensina a desenhar, me leva para passear e brincar. Ele é o avô clássico, com suas mãos grandes, sua imensa permissão, sua doçura e sua paciência. Meu amor por ele é o amor de uma criança. Pertence a mim, é meu.”

O Sete sexual foi uma criança que, desde muito jovem, já se destacava entre os da sua idade por ser mais alerta, rápido e inteligente. Ele entende imediatamente e alcança quase sem esforço o que o ambiente exige dele. Destaca-se pela astúcia. Ou pela sua capacidade de enganar, manipular e mentir se necessário. No entanto, muitas vezes também é hipersensível, frágil, doentio, apegado aos cuidados maternos e fóbico à agressividade do mundo exterior.

“Fui muito engraçado, irônico, contei piadas e fiz rir. Uma vez, quando tinha onze anos, imitei um número de Pepe Viyuela, que fazia um programa de palhaços na televisão, onde tentava abrir uma cadeira dobrável de madeira e sentar-se nela. Foi aí que começou minha fama de palhaço e bufão. Fiz tão bem que foi aceito pelas pessoas, que me pediram para fazer isso repetidas vezes. Eles finalmente me quiseram, então explorei isso ao máximo. Minha autoconfiança, minha criatividade, a centelha, me permitiram ser aceita, foi o que salvou minha vida na escola. Ele traiu, mentiu, bajulou, lisonjeou,

seduziu, ironizou, era o amigo preferido das mães e dos pais dos meus amigos. As pessoas não viam mais apenas a mim como um fracasso por trás de óculos enormes. Foi assim que criei o personagem.”

Sabe conquistar os adultos com simpatia, graça e bajulação, numa estratégia promovida pela mãe (e por vezes também pelo pai), que ri com o filho, transfere-lhe a sua admiração e reforça a exploração dos seus talentos.

“Os professores disseram ao meu pai, quando o obrigaram a ir para a escola porque estava fazendo alguma travessura, que eu era um garoto esperto, e devia ser, pois ouvi uma música duas vezes e já sabia de cor. Logo descobri que ser engraçado e simpático atraiu a atenção de outras pessoas. Então não demorou muito para que eu me tornasse um personagem que chamasse a atenção e isso fizesse com que outras pessoas contassem comigo.”

Ele também é uma criança inquieta, curiosa e nervosa. É fácil para ele brincar sozinho, criando seu próprio mundo de ilusão. Cabe em jogos de imaginação; com uma boneca uma história de cofrinhos fantásticos.

“Eu poderia passar horas e horas montando cenários imaginários com soldadinhos de plástico ou bonecos Playmobil. E me irritava que as mãos da minha irmã mais velha os desalojassem, deixando-me furioso, às vezes ameaçando tirá-los de mim. A sensação era de um oásis no deserto.”

É como se essa capacidade de brincar e ficar sozinho fosse se perdendo à medida que ele envelhece. A solidão, que a princípio não é dolorosa, com o passar do tempo começa a parecer assim, e cada vez mais surgem dificuldades para ficar sozinho, sendo comum que os adolescentes se voltem mais para fora, para as pessoas, embora longe do mundo interior. À medida que crescer e o mundo externo exigir cada vez mais, o caráter se consolidará. Concentra-se na astúcia para atingir objetivos com o mínimo esforço possível. Ou para a armadilha.

“Para compensar o baixo autoconceito que experimentei na escola, usei magia e fofocas, menti sobre minhas conquistas, feitos alcançados... Inventei todo tipo de qualidades e experiências: vividas, vistas nos outros, fabulosas ou lidas. Fiquei fígado por essas mentiras porque surtiram o efeito desejado: me deram a atenção que eu precisava e não me viam apenas como uma criança colada em óculos limitantes.

Inventei uma realidade paralela onde não havia dor, apenas sucesso e glória. A impulsividade de mentir era tanta que não tive tempo de processar tanta criatividade e, claro, me descobriram rapidamente. Então fui dominado novamente por tanta vergonha que meu corpo e, acima de tudo, meu rosto queimaram.”

Não é incomum que apareça até mesmo uma decisão mental intencional de mudar o modo de ser de alguém. Está na adolescência. Como se, em determinado momento, a criança sexual E7 percebesse que sua forma de estar no mundo é dolorosa ou não a satisfaz plenamente. Como estratégia adaptativa e como decisão cognitiva, começa a esforçar-se para mudar. A transformação vai no sentido de aprimorar habilidades cognitivas, como contar histórias, humor, falsidade, imaginação...

“Decidi ser diferente e modelar meu personagem para ganhar amigos. Não quero mais ninguém, nem mesmo meus pais. Decidi não voltar a ser um pringan. Decido, sem saber, ser E7 e conquistar todo o pessoal. Quando chego na escola La Salle, o curso já começou e não conheço ninguém. As crianças falam estranhamente (Maiorquino); Eu sou um estrangeiro. Então, eu sou o primeiro da turma, o espertinho e o plugado. Pinto os enfeites do quadro negro e as virgens em maio.

Quando isso deixa de ser comercial, eu me torno um canalha. Nos últimos anos, avancei falsificando notas, enganando meu pai, os frades e o mundo inteiro. Eu só penso em como trapacear e ser engraçado. Neste ponto, meu sentido de ser eu, minha identidade, torna-se totalmente maleável. Tornei-me adaptável às circunstâncias, um camaleão. Adoto a identificação como um dos meus mecanismos preferidos. Dependendo de com quem estou, posso me modificar, imitando as qualidades do personagem que sei que ele gosta. Eu desenho o personagem e o represento. Acho que me identifico precisamente através da desidentificação. Eu sou o que quero ser de acordo com as circunstâncias. Tomo à minha maneira o introjeto paterno: «Ou você se adapta ou perece», e o materno: «Onde quer que você vá, faça o que você vê».”

“Aos poucos fui deixando de mentir, graças ao feedback dos meus amigos mais próximos, também da família, que não queriam mais que eu contasse toda aquela série de mentiras. Não precisei mais inventar nada, eles me amavam como eu era. Isso me constrangeu e comecei a praticar com muito esforço outra forma de me relacionar. A verdade é que foi difícil para mim, porque minha vida me parecia branda, então não menti, mas fiz as coisas que imaginei que poderiam me fazer respeitar entre meus colegas e parentes.”

Mas qual é a ferida que causa esse personagem? Ele está confiante e medroso, embora pareça ser exatamente o oposto. Por um lado esta sensação de ambiente aversivo, ameaçador e frustrante não ocorre apenas no ambiente familiar, mas também na escola, ou com amigos... o que reforça o acrobata que se dedica a acalmar-se em ambientes agressivos. O Sete sexual torna-se um sobrevivente nato, desenvolve estratégias que lhe permitem sobreviver a qualquer custo num contexto perigoso.

“Os insultos que meus colegas de classe me lançaram por usar óculos foram vividos com dor, baixaram minha autoestima e me fizeram sentir inútil, como se todo o meu ser fossem apenas óculos odiosos e que ocupassem tudo. O desprezo que me explicitaram, bem como a injustiça vivida quando alguém quebrou ou danificou meus óculos, gerou em mim uma raiva imensa, que, como não consegui expressá-la defendendo-me fisicamente da agressão, transformou-se em fogo em meu corpo. Eu podia sentir o calor subindo e queimando meu rosto. Aí ele explodia de raiva, como um vulcão, insultando e fazendo gestos para a direita e para a esquerda, o que causava ainda mais risadas entre os companheiros, que observavam a cena desproporcional.”

A ambiguidade emocional do ambiente familiar provoca na criança E7 sexual não apenas uma carência afetiva, mas também uma insegurança e uma desvalorização interna crônica, baseada na crença de não ser válida ou digna de ser amada. A autoestima sexual do Sete foi prejudicada desde a infância.

Ao crescer, essa criança tentará aliviar essa baixa autoestima buscando validação por meio da sedução, da segurança na astúcia e na inteligência, o que abrirá um cisma interno entre sentir e pensar.

Essa falta de amor, que o faz sentir e acreditar que não é “amável”, traduz-se numa grande desconfiança nos laços afetivos. com o qual vive numa fuga permanente do compromisso emocional. Ela não confia em ninguém e tem medo de que, no final, até o parceiro a machuque.

“A minha dificuldade em assumir uma relação de compromisso pode ser explicada pela melhoria apreciável nas minhas experiências sexuais com mulheres com quem não tinha uma relação de compromisso.”

Paradoxalmente, o que ele mostra é o contrário: desde menino se acostumou a projetar a imagem de ser uma pessoa feliz. Ele se torna um palhaço reforçado pelo ambiente. E é difícil ver um Sete triste, não porque ele nunca esteja triste, mas porque quando está experimentando sensações desagradáveis ele se afasta do mundo, torna-se esquizóide. Lembremos que tanto o E7 sexual quanto o E7 conservacionista são personagens maníaco-depressivos.

“Quando meu avô morreu, fiquei chocado com a dor da minha mãe e não sei sobre a minha. Minha dor é a de uma criança pequena, surda e estranha. Eu sei fisicamente. Essa será a tendência dominante em minha vida. De todas as emoções negativas aprendo por dedução; resumem-se invariavelmente numa raiva surda e estranha com a qual me isolo e que mais cedo ou mais tarde somatizo. Pouco depois da morte do meu avô, quando meu irmão nasceu, caí (correndo na estrada) e quebrei a boca e o nariz.”

O egoísmo da mãe se manifesta de diversas maneiras. Existem aqueles que foram abandonados; alguns tiveram que cuidar dos graves problemas nervosos da mãe (depressão, psicose, etc.) sem serem protegidos pelo pai, que os deixava à mercê do seu humor; outros foram superprotegidos e tornaram-se objeto do amor da mãe e da redenção de suas frustrações...

A criança sexual Sete também não se atreve a enfrentar diretamente a autoridade da mãe, porque a teme ou não se sente forte e confiante o suficiente. Essa finalização gera uma fúria que opta por engolir e brincar às escondidas. Por fim, ele toma consciência de que adaptativamente é mais proveitoso e confortável encantar a mãe (e a autoridade), mesmo ao custo da falsidade, e depois fazer o que quiser.

O sexual E7 aprende que os laços podem ser manipulados dependendo do que ele precisa em um determinado momento, ao seu capricho esse movimento de sedução e atração para depois abandonar e retirar é o que ele repetirá quando adulto em seus relacionamentos. É uma vingança inconsciente contra a mãe, repetindo o mesmo tratamento que recebeu dela, a ambivalência de «agora eu te levo e, quando te tenho e você se abre para mim, eu te deixo».

“Sempre procurei o estereótipo da Nancy e isso me levou a perder muitos encontros com garotas maravilhosas porque sempre via nelas algo que não gostava. Acho que no fundo foi medo de compromisso, de perder a liberdade ou de algum problema relacionado à minha mãe, a quem estive muito ligado até a morte dela.”

CAPÍTULO 7; PERSONA E SOMBRA: O QUE É DESTRUTIVO PARA SI E PARA OS OUTROS

Por persona entendemos a máscara que alguém constrói para se mostrar ao mundo e se relacionar com o outro. A sombra é o que ela esconde de si (e para si), consciente ou inconscientemente.

No E7 sexual a sombra é negada e cegada pela luz. Mostra como a vida é brilhante e bela. É comum, nos grupos de trabalho terapêutico, ouvir comentários de admiração ao E7 no sentido de que, mesmo sabendo que todos os personagens são neuróticos, pareceria que este foi o que menos sofre. Ou, pelo menos, que esta forma neurótica se adapta melhor a uma vida mais agradável ou confortável (o que obviamente não é verdade). Essa falsa percepção ocorre ainda mais com o sexual E7, o mais otimista e bem-humorado.

O Capítulo 4 descreveu suas principais características e a seguir nos aprofundaremos no que se esconde por trás da aparência alegre e jovial de um Sete sexual: sua sombra.

O primeiro aspecto da autonegação é a dor e o sofrimento. Qualquer tipo de impedimento para alcançar o que deseja em todos os momentos torna-se uma fonte de desconforto do qual você sente necessidade de fugir. A bolha da fantasia o imuniza contra o desconforto, mas também o enfraquece porque o impede de desenvolver resistência ao desconforto. Ele se defende tanto daquilo que machuca que não é forte o suficiente para sustentar os desconfortos do amadurecimento. Altamente vulnerável, quando surgem dificuldades reais, ele não consegue lidar com elas e foge de volta para a bolha protetora.

Sua aparente alegria crônica contrasta com uma hipersensibilidade que o torna muito melindroso e desconfiado. Um pequeno mal-entendido é suficiente para abrir a fenda da frustração. Suas explosões de mau humor de criança revelam a superficialidade de sua alegria e a incapacidade de conter aspectos de si mesmo que poderiam quebrar o sonho de uma vida sem limites ou dificuldades.

A busca compulsiva por bem-estar e satisfação (seja na fantasia) faz dele um devorador de experiências, um oral insaciável que não sabe permanecer profundamente no prazer com que fantasia. Como ele não se entrega à dor, também não se entrega ao prazer e acaba ficando cronicamente insatisfeito.

O erro é que ele busca a felicidade naquilo que sentirá, como forma de evitar o sofrimento presente. Isso torna complexa uma felicidade que não se baseia na simplicidade, onde se encontra o verdadeiro contentamento.

O medo de sentir dor é a sombra nuclear. O medo é não saber sair dali, cair num abismo que o ultrapassa e que pode levá-lo a uma experiência de impotência e solidão: um mundo frio. A depressão é o monstro que se esconde por trás de seu sorriso e movimento perenes: a temida possibilidade da paralisia do medo e dos soluços da solidão.

Não é incomum, então, que, mergulhando um pouco em seus sentimentos íntimos, estacione um sentimento de solidão, e até de tristeza (se se permitir senti-lo, pois todo o seu esforço está concentrado em escapar dele) em uma atmosfera de subdepressão crônica. O E7 sexual atrofiou a musculatura do sentir diante do hiperdesenvolvimento de uma racionalidade que o torna frio e distante.

É paradoxal que um personagem que busca público para sua exibição cognitiva tenha uma qualidade de contato tão baixa com os outros. A ganância consumista acaba provocando um contato incompleto, um não relacionamento com o outro. Aparenta ser muito sociável e próximo quando na verdade é o contrário: insensível e distante, ao mesmo tempo que finge ser levado em conta e o menor insulto pode ser recebido com hipersensibilidade.

Baseia toda a sua estratégia em manter as relações na superfície porque, quanto mais fundo se vai, maior o risco de atritos e dos conflitos típicos da convivência. Na geração de um clima de alegria e felicidade, o objetivo, consciente ou inconsciente, é que o outro não entre em áreas que possam revelar insatisfação ou críticas. Dessa forma, ele foge não só do perigo de se sentir mal, mas também do outro se sentir mal, o que significaria ter que fazê-lo feliz (tarefa na qual se sente habilidoso enquanto tudo permanece na superfície, mas que poderia levá-lo, mal, para lidar com sua impotência).

Embora geralmente tenha muitas pessoas ao seu redor, ele não costuma manter relacionamentos de qualidade ou contato profundo. Ele partilha diversão e alegria, mas, não conseguindo construir intimidade através da partilha da verdade, no final as suas relações deixam-no com um vazio indefinível, que ele tem de preencher indo para outro lugar com a música.

Tanta gentileza esconde, enfim, a sombra da indiferença, a falta de empatia profunda. E este vazio que não pode ser satisfeito com o amor autêntico leva-o a reconstruir constantemente uma máscara, negando a sua grande necessidade de ser acolhido e amado.

Assim, outro aspecto que mantém na sombra é a solidão que sente. Se há frieza nos relacionamentos, ele não tem um lugar interno onde possa se acolher calorosamente. Evitar tocar a dor faz com que ele congele, transformando seu mundo interior em um lugar de desamparo e orfandade, no qual ele se sente desesperadamente perdido e sozinho.

Num relacionamento, destaca-se a dificuldade de compromisso. Esse personagem infantil tem dificuldade em se comprometer emocionalmente com um adulto porque, na verdade, procura uma mãe ou um pai que cuide dele. Por trás de tanta sedução está a busca por uma mãe que o alimente, que lhe dê aquela proteção emocional, que não lhe estabeleça limites nem o frustrar, que lhe dê um amor incondicional permitindo que ele continue fazendo o que quiser e, além disso, com garantia de fidelidade. emocional. (De uma maneira, porque ele não vai se entregar facilmente à fidelidade.)

Obviamente, na relação de um casal adulto, esse desequilíbrio é insustentável, então a outra pessoa fica sobrecarregada enquanto o E7 sexual, por não levar as coisas a sério, torna-se cada vez mais responsável, libertando-se às custas do casal que a carrega e ha. À medida que o relacionamento avança, se o parceiro não lhe impõe limites, o Sete sexual torna-se cada vez mais um parasita no relacionamento. Ele desliga com a ideia de que a outra pessoa assume a responsabilidade pelo que ele deixa de fora. Ele tenta repetir o padrão infantil que idealizou: ser o filho mimado de uma mãe que o protege enquanto ele brinca e faz o que quer, preocupando-se exclusivamente consigo mesmo.

Esta baixa qualidade de presença é encoberta pela indulgência na forma de argumentos pueris que, aliás, o ajudam a não revelar a si mesmo ou ao outro um sentimento de culpa ao qual não é imune. Com sua racionalização ele reafirma que não existe culpa ou qualquer outro argumento dissuasor. E quando aparece, ele automaticamente a rejeita e a redireciona para os demais com uma nova rodada de argumentos, o que gera alguns conflitos.

Permitir-se sentir culpa e assumi-la significaria desmascarar a imagem idealizada do mocinho que tudo pode. Presumir que ele falhou abriria uma ferida narcisista profunda. Seria revelada a

baixa autoestima e a dura verdade de que ele não quer crescer ou, pior, que vive como se crescer fosse a sentença mais infernal.

Também deixar de ver o outro ou aprofundar um relacionamento é perigoso porque caberia a ele verificar a realidade de sua imagem idealizada.

A compulsão pela experimentação e o que ele chama de “curiosidade” ou “amor à aventura” escondem uma oralidade transbordante e uma ansiedade ao vazio. O charlatanismo ou a agitação contínua de um lugar para outro compensam a falta de contato com o mundo interior, o verdadeiro autoconhecimento. Com o barulho que provoca, esconde a insegurança de não saber realmente que rumo tomar, ao mesmo tempo que confunde o outro para que não descubra a sua ausência afetiva ou a falta de conteúdo consistente. Embora à primeira vista possa parecer muito interessante e rico nas suas opiniões, assim que se abre um pouco descobre-se que não há muito, que é oco ou vazio por dentro.

Outro aspecto que o Sete sexual mantém bastante oculto é a conexão com a raiva. A partir da auto-sugestão, ele reprime todos os incômodos causados pelos limites e dificuldades que os relacionamentos implicam. Ele geralmente não expressa a raiva de forma direta e clara, mas por meio da rebelião; seja passivo, resistindo ou ativo, desestabilizando o outro. Essa tendência de evitar a raiva provoca um acúmulo de repulsa que, como um saco de gasolina, ameaça explodir em um acesso de raiva infantil. Antes dessa explosão externa, a raiva terá implodido internamente muitas vezes, porque o confronto é tão pânico que se torna hermético. De repente ele se desliga e se torna a pessoa mais controlada e séria do mundo: vai para a E1 e fica rígido. Diante de uma perturbação, então, o Sete sexual geralmente não a expressa. Ele não pede explicações nem diz o que está acontecendo com ele, mas permanece em silêncio, fechando-se, sem falar sobre isso. Mas ele não é um charlatão? Bom; aqui, o charlatão é interno. O silêncio externo contrasta com o ruído interno dos seus pensamentos repetidos e obsessivos, que podem durar dias.

Internamente ele permanece ressentido e por dentro aparecem os pensamentos mais destrutivos. Naquele momento ela fogia e rompia com tudo: deixava o companheiro, os amigos, o emprego... ia para longe dali. Com o ressentimento, uma gaiola mental é construída em torno dele. É tão grande que o pega, ele luta mas não consegue encontrar uma maneira de escapar ou saber romper com sua imagem de pessoa feliz. Mesmo sabendo que está prejudicando a si

mesmo e aos outros, ele se vê à mercê da situação, de mãos e pés amarrados sem encontrar saída. Tal como os seus vizinhos no eneagrama, os raivosos, por vezes a saída desta jaula é uma explosão inesperada de raiva, geralmente na altura errada ou com as pessoas erradas. Esta irritabilidade, que acompanha um afastamento social voluntário, pode esconder um profundo desânimo. Lembremos que a guloseima (especialmente a E7 sexual e a E7 conservacionista) coincide com o carácter maníaco-depressivo do DSM-V. Os Sete sexuais são primos com relativa facilidade. Então aparecem sentimentos de tristeza e vazio. Ele fica desanimado e perde todo o interesse. Até por prazer. Você fica desenergizado, com dificuldade de concentração e pensamentos negativos recorrentes, às vezes suicidas.

É impressionante a facilidade com que o E7 sexual pode cair no desânimo quando suas expectativas não são atendidas. Em graus extremos apresenta tendência à bipolaridade, dada a alternância grosseira entre as fases de otimismo maníaco e depressão. É a sombra profunda por trás da alegria e do entusiasmo exagerados dos exuberantes Sete sexuais. Não é fácil para ele se reconhecer nesse estado e em suas sensações, pois seu próprio carácter se articula em fugir delas.

“Esse processo de transformação me fez descobrir a maneira como nós, E7 sexuais, temos de encobrir a ansiedade que é a depressão. Parece estranho imaginar um ansioso subjugado, sem energia, quase semelhante a um Is. E, no entanto, é assim. Sinto agora que, diante de algo frustrante, desisto em vez de explodir. E esse sentimento tão feio, como recurso primeiro e imediato, também me leva a querer dissipá-lo fazendo ou falando. Hoje percebo que o melhor é ficar muito tempo nessa frustração, sentir e deixar passar até passar.”

Outro ponto cego sexual do E7, bastante óbvio para os outros, mas oculto para ele mesmo, é o seu tremendo egoísmo. Primeiro ele pensa nos seus desejos e depois, dependendo do que lhe convém, talvez consiga enxergar o outro.

Hábil oportunista, prioriza o próprio interesse, ignorando princípios éticos para atingir seus objetivos ou obter vantagens, aproveitando-se dos erros, fraquezas e distrações dos outros. O oportunismo sexual do Sete é acompanhado por uma falta de integridade. Ele consegue utilizar meios e estratégias que beiram a fraude. É difícil ser coerente com valores éticos e, ao mesmo tempo, egoísta. Assim, o E7 sexual opta por ter valores flexíveis e adaptáveis ao que lhe interessa

em cada momento, para não ter que entrar em conflito com sua autoimagem narcisicamente gentil.

Essa permissividade fraudulenta pode chegar a tal ponto que nem ele confia em si mesmo. Tal é a sua variabilidade e inconsistência que, pouco a pouco, a sua própria auto-estima é prejudicada. Um exemplo é a própria elaboração deste livro. Em inúmeras ocasiões foram solicitados textos de vários E7 sexuais como material. Cem por cento das vezes eles disseram sim, mas 99 por cento deles nunca assumiram o compromisso.

Durante o Simpósio de Psicologia dos Eneatipos no Brasil, em 2012, na reunião dos E7 sexuais (éramos cerca de vinte e cinco pessoas) eles foram explicitamente convidados a colaborar com uma distribuição de tarefas que, naquele momento, era muito coerente. Poucos dias após o término do congresso, foram contatados por e-mail e praticamente nenhum respondeu. Apesar de contatá-los novamente, quase nenhum enviou material, conforme solicitado. Talvez alguns tenham enviado um comentário e um parágrafo com alguma referência.

“Mas, para ser honesto, eu mesmo, como coordenador do livro, também caí na indulgência e na autojustificação. Uma das justificativas foi que os demais não enviaram o material no prazo. Porém, desde que o Cláudio me encomendou, em 2010, até que se materializou no que vocês têm em mãos, passei por infinitas fases para não levar a sério a escrita. Por fim, foi necessário ter um prazo firme e inamovível para realmente assumir o compromisso, comigo mesmo, de terminá-lo aconteça o que acontecer. Aproveito esta oportunidade para pedir desculpas aos meus colegas, ao mesmo tempo que lhes agradeço.”

Embora pertença ao grupo dos medrosos, o Sete sexual não tem consciência da quantidade de medo que sente. Aqui está outra linha de sombra. Aparentemente ele é uma pessoa espontânea, pouco envolvida e expansiva, que faz o que quer. Na verdade, ele parece afável, nada tranquilo e seguro de si.

Grande parte dessa imagem é resultado de auto-sugestão. Na verdade, o E7 sexual é um tímido extrovertido, uma pessoa bastante insegura e medrosa por dentro, uma instabilidade que compensa com uma grande dose de ousadia e explosão de portas. Se ele entrar em contato com o medo encoberto, é fácil para ele entrar em colapso ou, pelo menos, com um alto grau de ansiedade quase crônica.

Sua irresponsabilidade em assumir o controle de si mesmo de várias maneiras tem consequências muito autodestrutivas. É como uma criança grande que não sabe cuidar de si mesma nem se comprometer com as suas reais necessidades, às vezes nem com o máximo, apesar do grande poder que confere para se conceder o que deseja, negligencia aspectos quase vitais. Mais do que satisfazer suas reais necessidades, o Sete sexual evita a frustração de seus desejos. Ele não está comprometido com sua parte adulta, o que implica responsabilidade e disciplina, mas com sua parte mais jovem e com seu impulso.

Mesmo assim, ele geralmente tem um superego muito intolerante, um pai rígido internalizado diante do qual, como acontece com a autoridade externa, ele se rebela, torna-se insubmisso e indisciplinado; e é assim que ele se boicota, negligenciando-se e abandonando-se. Ele não sabe como ser um pai carinhoso nem, portanto, é ele próprio uma autoridade consistente e amorosa. Por exemplo, no uso do dinheiro, ele pode ser perdulário por um capricho que pode querer em determinado momento, mas por outro lado é um pouco mesquinho na alimentação, no vestuário, na saúde, etc., e aí ele pula e fica mesquinho.

“...prefiro me dar uma guloseima que gosto de comer o dia todo.”

Na verdade, ele é péssimo gastar tanto o que tem quanto o que não tem, vi com base em empréstimos que, obviamente, ele está convencido de que um dia poderá pagar. Às vezes ele é apoiado pelo companheiro, ou pelos pais... até pelos próprios filhos. Geralmente trava e se torna um fardo.

“Com dinheiro muitas vezes penso: "Por que economizar para amanhã?" Eu me convenço de que amanhã Deus me proverá e me enviará tudo o que preciso”.

Se você não tem consciência da toxicidade da sua neurose, ela piora com o passar dos anos, os sintomas pioram. Assim como o viciado, ele precisa cada vez mais de doses de auto-sugestão e engano, cujo efeito já é menos excitante. Isso aumenta a ansiedade interna até que finalmente desencadeia exatamente aquilo que você vem evitando há tanto tempo: dor crônica e desconforto.

Na verdade, é um personagem com tendência ao vício, a estados alterados de consciência causados por substâncias ou por mundos mágicos que lhe permitem escapar. Com sua dificuldade em distinguir a realidade de suas fantasias, ele está como se estivesse dormindo num sonho que chama de vivo. Quando, com o passar dos anos, ele percebe isso, surge um sentimento de arrependimento e uma queda em sua energia e em sua capacidade de agir como um bufão. O velho palhaço vencido pela neurose torna-se, no final, um palhaço triste.

CAPÍTULO 8; AMOR

Como um bom Sete, o sexual desenvolveu excessivamente o amor erótico; seu amor de admiração é menos ativo, mas não negligenciável; e o compassivo é o mais pobre e o mais deficitário. Agora, comparado aos demais E7s, o sexual é o subtipo que mais se especializou no amor erótico. Sua orientação prioritária é a diversão. E é característico um uso manipulativo de eros para conseguir o que deseja, como veremos a seguir.

Amor erótico

É um eneatipo conectado ao desejo e que está ligado ao animal interior e ao cérebro reptiliano. Ou seja, alguém que cuida das suas necessidades e oferece um amor bastante egocêntrico: o amor da criança, da diversão, do riso, da sexualidade, da brincadeira; que corresponde ao amor filial, mais atento a receber do que a dar. Assim, o E7 sexual tende a parecer uma pessoa apaixonada pela vida, apaixonada e sensual. Adora tudo que gera prazer corporal, assim como teatro, música e artes em geral.

O desejo de prazer é vivido mais especificamente através da boca, sendo esta uma personagem muito fixada na oralidade. Ou seja, quem não só procura o prazer através do sexo e da atividade física, mas também, por exemplo, através da comida e da conversa por falar. Ela sente prazer em tocar os lábios, roer as unhas, colocar objetos na boca, chupá-los... Com isso, ela busca uma forma de se dar prazer em todos os momentos.

Ele é muito ganancioso. Na boca há uma vontade irresistível de experimentar de tudo, sem comer demais. Na verdade, é difícil para um Sete sexual cair na compulsão de comer, e também é raro encontrar um E7 sexual gordo ou pesado. Eles são geralmente esbeltos e esbeltos, prontos para saltar de flor em flor como borboletas. E, embora o amor mais ativo no Sete sexual seja

erótico, na realidade é um falso erotismo, uma versão fantasiosa, porque confunde o verdadeiro prazer erótico com o entusiasmo pela novidade. O que importa para ele é a conquista.

Essa compulsão rege todos os sentidos do erotismo, ou seja, todos os prazeres da vida e não apenas os estritamente sexuais. Embora o Sete sexual pareça altamente erótico, ele é, no entanto, incapaz do verdadeiro erotismo: de desfrutar relacionamentos e situações. Ele é o ejaculador precoce do eneagrama, seja homem ou mulher, entendendo a ejaculação precoce no sentido literal e também como metáfora da forma como vive as experiências. Ele não desfruta do prazer em si, mas se deixa levar pela excitação do momento, que termina em explosão e dá lugar ao tédio, à tristeza e à perda de sentido. Para o temido vazio.

Um vazio que tentará preencher com uma nova emoção: novas conquistas amorosas, novas influências intelectuais, novos projetos (muitas vezes irrealistas, inatingíveis), novas atividades físicas, novas comidas, novas línguas, novos países. A vida se torna um supermercado gigante cheio de mercadorias de todos os tipos que não conseguem saciar uma fome que cresce incessantemente, como um buraco que se alarga inexoravelmente quanto mais você tenta preenchê-lo.

“...ficar viciado no prazer acreditando que mais do mesmo me daria mais prazer, até que mais uma vez fiquei insatisfeito quando não consegui.”

“A orientação fundamental da minha necessidade é o prazer. Sou viciado em prazer. Onde não há prazer, eu faço ou invento. Percebo que não faço coisas para ganhar dinheiro ou prestígio (isso também), mas para me divertir. Não suporto o tédio. Não suporto o vazio ou o “pouco”, e sempre preciso de mais, e não do mesmo.”

Essa predominância do amor erótico tem origem em experiências infantis muito permissivas. Uma criança que pede e pede e a quem tudo é concedido constrói um adulto onipotente, que tem dificuldade em se diferenciar do mundo, que se sente como um seio grande que está ali para ele, que tem que conseguir o que deseja. . Tudo é fácil e você só precisa estender a mão e pegar o que quiser.

“...e eu sabia que fingindo, agindo, manipulando, finalmente conseguiria o que queria.”

“Há muito tempo que desejava ser pequeno, porque não gostava dos grandes.”

“Tenho tendência a “não precisar”, e uma forma de não sentir necessidade é não demonstrá-la, por isso nunca costumo expressar minha necessidade. No relacionamento eu não peço, eu levo. Isso me faz ter muito pouco respeito pelos outros e pelo meio ambiente. como se o mundo fosse meu e as coisas existissem para serem levadas e as pessoas para usá-las.”

No que diz respeito à descoberta e evolução da sexualidade, já na infância surge uma grande tendência à excitação e ativação erótica embora, devido ao próprio desenvolvimento biológico, inicialmente não esteja ligado à genitalidade.

“Comecei a ver revistas pornográficas aos onze anos, com meus irmãos mais velhos, primeiro roubando das bancas, depois vieram os vídeos, a fantasia, porque organicamente eu ainda nem tinha ereções.”

“Minha experiência de sexo e prazer, desde que me lembro, é semelhante à força da gravidade: um impulso arrebatador que destrói tudo. Por volta dos dez anos, já me lembro com prazer dos contatos das mãos com meus companheiros nas aulas de ginástica e das masturbações mútuas nas excursões.”

O impulso sexual é vivenciado como incontrollável, com a culpa típica de uma sociedade que criminaliza o prazer. A necessidade de gozo é tão forte que ele a vive na mente, de dentro, e não para fora, como seria natural, nem a serviço do contato, o que não facilita a comunicação.

“Tive uma convulsão masturbatória obsessiva que marcou minha sexualidade, porque sexo para mim era algo mental e eu tinha muitos problemas para entendê-lo desde uma abordagem carnal. Então, com todo o meu potencial nas mãos do pensamento, saí pelo mundo para aproveitar e fugir o máximo possível, o que consegui realizar no dia a dia.” (GEORGE)

“Tive minhas primeiras namoradas formais, as primeiras decepções, mas quase sempre com um sentimento de pouca satisfação, sem saber como satisfazer a mim mesmo ou ao outro. Eu gostava muito mais de relacionamentos na fantasia, na minha cabeça, fazendo estratégias para me apaixonar, imaginando conversas espirituosas, olhares irresistíveis que acabavam seduzindo a moça. No sexo eu me preocupava muito em fazer bem, em satisfazer a outra pessoa. Se eu desse a ela o que ela precisava, ela não me abandonaria, e assim meu prazer se tornou o prazer dela. Se deu prazer, foi amado, o que também

gerou ansiedade: “Tenho que fazer certo, não posso falhar; se não, eles não me amarão.” Às vezes o sexo parecia mais uma tarefa árdua do que um prazer.”

Grande parte da excitação que ativa o E7 sexual é, portanto, mais fantasia do que realidade. É estimulado mentalmente com a imaginação, onde obviamente há uma agilidade e liberdade que não se consegue fazendo ao vivo, com um parceiro.

“Imagine em vez de compartilhar e fazer. Não há frustração na imaginação. Sexo compartilhado não existe. Muita masturbação, muitas revistas, muita imaginação.”

A exposição ao outro o contata com o medo da rejeição e com a fobia da intimidade, na qual ele não consegue se esconder ou falsificar tão facilmente. A ponto de poder atrasar, em algumas pessoas desse caráter, a primeira relação sexual plena.

“Aos dezenove anos tive meu primeiro relacionamento com uma garota. Era uma área nova, pois até então sempre haviam sido amores platônicos idealizados, mas ele nunca havia sequer beijado uma garota. Lembro que fiquei com medo e me senti muito insegura, pensando que na minha idade estava muito atrasada. Havia realmente medo de ser rejeitado por eles. Eu fantasiei, com medo de que quando as meninas descobrissem que eu nunca estive com ninguém e vissem minha inexperiência, elas rissem de mim e fossem embora.”

“Quando adolescente sempre fui um bom toureiro, mas um péssimo matador. Gostava de conquistar mas depois não acabou, perdi o interesse e logo voltei minha atenção para outra garota. Sempre me dei muito bem com eles, mas o que se chama sexo, só comecei a fazer quando conheci minha esposa, e isso foi aos vinte e quatro anos.”

“À medida que fui crescendo, percebi que cada vez menos amigos aceitavam a masturbação uns dos outros. Surgiram X cinemas com pornografia. Tornei-me um frequentador regular (semanal) dessas salas, onde me masturbei algumas vezes. Só comecei a fazer sexo com mulheres aos vinte e dois ou vinte e três anos.”

O adolescente sexual E7 está mais interessado em apaixonar-se, apaixonar-se e conquistar do que ter relações sexuais completas ou relacionamento com parceiro. Geralmente se interessa

muito pela auto-satisfação, pela masturbação... O jogo erótico da excitação é mais atrativo que a consumação do ato sexual. O objetivo de sua sexualidade não é tanto se relacionar, mas ficar excitado. Seu lema poderia ser: Máxima emoção com o mínimo esforço possível.

“O desejo veio da fantasia, e não tanto do desejo físico em si. Fantasiei como seria praticar o que há anos via nas revistas. Fantasiei que se perdesse a virgindade seria mais aceito entre meus amigos e finalmente me tornaria um homem.”

“Mais um passo foi iniciar masturbações mútuas com outros homens nos cinemas X. A combinação de imagens pornográficas e alguém me acariciando foi muito prazerosa. A escuridão, o anonimato, a velocidade e o filme, que gostei muito, estabeleceram esses atos como a prática sexual mais prazerosa. Quando começou um relacionamento com uma mulher, parou de ir ao cinema. Embora logo tenha percebido que os encontros nos cinemas X eram mais agradáveis do que os relacionamentos com mulheres. Agora vejo que minhas visitas para fazer sexo com homens tiveram muito a ver com a facilidade do prazer. Posso obter prazer sem custo, sem esforço. Não há palavras. É tão barato. Sem obrigação. E variado: você pode estar com quem quiser e rejeitar qualquer um. O prazer me empurrou. Às vezes eu sentia uma vontade irresistível de ir. Lembro-me da sensação de alegria e excitação quando entrei no teatro escuro, cheio de mãos quentes e ansiosas por me acariciar. Tive a sensação: “Este é o meu reino”.

Toda essa excitação, porém, é vivida com grande culpa e remorso.

Em sua idealização do prazer, ele pode cair em vícios de diversos tipos, focado como está na diversão e na vivência de “viagens” de todos os tipos.

“Aos dezesseis anos, o deboche aumentou e a convivência sem parar na rua com o melhor de cada casa. Então eu me eduquei entre álcool, baseados e todos os tipos de drogas. [...] Aos dezoito anos, a vida me avisou através do corpo, como poderia ser de outra forma para um E7, com hepatite grave (quase coma hepático). Estou saindo de casa, sou viciado em ácido, é muito melhor que álcool. Eu mergulho na pintura e toco violão. Como sexo é complicado, apesar de ter amigos, decido alugar uma casa na “Chinatown” de Palma. Faço amizade com algumas prostitutas com quem aprendo e pratico de forma lúdica todas as coisas que me ocorrem e mais algumas. São anos muito produtivos de vício e libertinagem.”

O amor erótico é acompanhado no E7 sexual por um quadro clínico marcado por dois sintomas bem conhecidos, como o hedonismo e a frustração precoce. A busca pelo prazer o leva a uma atitude irresponsável, que prolonga o tempo de lazer, atrasando ao máximo deveres e tarefas, responsabilidades.

A intolerância à frustração é bem conhecida por aqueles que conviveram intimamente com um Sete sexual. Se o mundo é um grande chapim, qualquer plano que dê errado desperta nele uma angústia tremenda e liberta o Sr. Hyde que ele tem dentro de si.

Amor compassivo

Embora seja um personagem “sexual”, no sentido eneagramático, ou seja, propenso ao contato íntimo, a se mostrar em curtas distâncias, no um a um, o E7 sexual teme a intimidade emocional, onde entra na zona de perigo. Sua intimidade preferida é ele conversando, enganando gentilmente o parceiro, enquanto na intimidade afetiva, de coração a coração, ele convive com o desconforto e ativa suas estratégias.

Um déficit partilhado pelos E7 em geral é o amor compassivo. E ainda mais especificamente nos Sete sexuais são observadas dificuldades para o desenvolvimento desse amor benevolente, de ternura, relacionado ao amor materno, que compartilhamos com os demais mamíferos e que tem sua sede anatômica no cérebro límbico.

Tal déficit acarreta uma falta de compaixão, manifestada principalmente na sua incapacidade de permanecer face à dor humana, de parar e sentir, de apoiar genuinamente e procurar apoio. Diante das necessidades dos outros, ele vai embora. Um E7 sexual não dá atenção aos doentes, abandona os funerais, não cuida das crianças, dos fracos, dos necessitados ou dos pobres. Ele não é empático, paradoxalmente, por excesso de empatia: identifica-se completamente, funde-se com a dor dos outros.

Embora pareça incapaz de sentir compaixão e pareça frio, desapegado ou ausente, ele é na verdade hipersensível à dor e às emoções, que considera dolorosas. O medo de sentir a dor, percebida como imensa, é tal que ele se afasta o máximo possível, colocando terra no meio assim que adivinha um eventual contato com ela. Você sente demais e, em sua fantasia autossugestiva, antecipa intensamente essa emoção; daí sua aversão à dor.

Sua atitude típica diante da dor é normalizá-la, recorrer a piadas leves, rir do infortúnio, não sobrecarregá-lo. Entrar em contato com essa dor é, na verdade, parte fundamental do seu processo de transformação.

A sua vida é marcada pela ideia maluca de ter tido uma infância feliz, uma fantasia incutida em parte pela sua família e que se enquadra perfeitamente na nossa sociedade de consumo, uma gigantesca fábrica de bebês felizes que não faltam nada, com brinquedos e diversão. para crianças de zero a noventa e nove anos de idade.

É comum que ele seja alimentado desde criança no seu ambiente familiar com a crença de «quão sortudo ele teve», num lar onde «nunca lhe faltou nada» e frases do gênero. Como se a dor não pertencesse a esse âmbito, como se quase não houvesse sido vetado para ele, cujos direitos não incluíam sentir dor ou frustração. O sentimento do sexual E7 é que ele não tem direito de sofrer. “O mundo está cheio de dor, mas na minha vida não há nenhuma, nem sequer toquei” é o seu mantra.

Pode-se afirmar que a primeira interferência no amor compassivo surge da força do amor erótico, que o contamina (com seu manipulador) e bloqueia a capacidade de entrega. As necessidades neuróticas de total liberdade e hipersegurança impedem até mesmo os projetos de construção de uma família. Custa-me a família.

“Custa-me que o tempo pelo qual sempre lutei já não seja meu. E esse amor que flui de mim para Ricard, meu filho, também me entristece. Me entristece saber que um dia ele irá embora. Ainda me sinto mesquinho. Ainda não me atrevo a me entregar porque não me atrevo a segurar a despedida. Amor, se eu fizer isso, dói.”

“É difícil para mim comprometer: casamento, filhos... Idéia maluca: vão tirar tudo de mim? Se eu perguntar a advogados e eles me garantirem que, mesmo que nos conheçamos, terei um apartamento para me proteger, isso me ajuda a dizer que sim.”

“Também pode haver uma confusão entre a vivência do sexo como algo puramente genital, orientado para o orgasmo, e uma sexualidade mais terna, partilhada, que se desloca neste subtipo, fruto do mesmo processo de atrofia do amor compassivo. Loucura de pensamento e energia sexual como substituto da ternura. Eu confundi sexo com amor, então quando a paixão acabou pensei que o relacionamento havia acabado.”

Outra interferência importante para o desenvolvimento do amor compassivo surge da hiperatenção ao exterior, da necessidade insaciável de reconhecimento, que falsifica a doação generosa.

“A busca contínua pela aceitação e pelo amor dos meus pais, abrindo mão da minha agressividade, sensibilidade, independência e energia, mais tarde levei para o meu dia a dia, tornando-me um «mendigo do amor», fazendo mil coisas e abrindo mão de mil outras para alcançar sucesso. que eles me queriam. Ser gentil, atencioso, atencioso e não ficar bravo, estar disponível e atencioso, foi minha estratégia para conquistar a aceitação e o amor dos outros. Embora no fundo nunca estivesse satisfeito, sentindo-me falso e desconfiado da apreciação e elogios dos outros. Mas eu tinha tanto medo da rejeição, de não ser amada, que não mostrava quem eu era, por medo de não ser aceita.

Quando alguém me parecia especialmente interessante, eu derramava sobre ela todo o poder do meu charme, lisonjeando-a, interessando-me pelos assuntos que a interessavam, para chamar sua total atenção e ser alguém especial para ela. E se consegui que aquela pessoa me levasse em conta, me senti ainda mais especial. Eu precisava de reforço externo para poder acreditar em mim mesmo.”

A hipervigilância estratégica dos Sete sexuais para não sentir dor e conseguir o que deseja é outra dificuldade adicional para o bom desenvolvimento do amor benevolente. Isso o leva a enterrar seus sentimentos, pois na ânsia de planejar ele pode passar a ver o outro como um rival que eventualmente tenta impedi-lo de escapar impune, por isso desconectar-se de suas emoções é essencial. Se você corta suas emoções, você interrompe a caixa de ressonância emocional com o outro e pode assim exercer a sedução e desenvolver suas estratégias com frieza, sem culpa ou dor.

Pode-se deduzir que uma forma interessante de trabalhar esse subtipo são as experiências de doação generosa, como a paternidade ou a maternidade. Um caminho de amor altruísta, sacrificado, terno e compassivo, que desperta o coração e abre as comportas para poder vivenciar as emoções próprias e alheias, que o leva a descobrir a verdadeira empatia e compaixão.

“Temos um filho lindo, Ricard. Isso me deixa louco e perturba alguns dos meus hábitos mais arraigados (como não poder perder tempo sem dizer nada). Aprendo com ele e com a relação diferente que se estabelece desde o seu nascimento. Especialmente por causa do sentimento sempre real de amor altruísta

que sinto. Isso me faz ousar acompanhar aquilo com que me comprometi: família e trabalho, fundamentalmente. Como pai, começo a entender o meu: o amor paternal deles”.

Amor admirável

Para finalizar, não se pode dizer que o E7 sexual viva plenamente esse tipo de amor de olhar para cima, de adoração, de reconhecimento, de respeito, afirmativo ao divino e ao mistério; esse amor paterno que tem a ver com o neocórtex e é exclusivo do ser humano. A origem desta insuficiência remonta à relação com a figura paterna. Um déficit paterno é observado. Uma falha tanto em se aproximar, muitas vezes por ausência, quanto em enfrentá-lo cara a cara, talvez por excesso de alinhamento com a mãe.

“Essa foi a primeira vez que senti, ou me permiti sentir, que reconheci que odiava meu pai do fundo do meu ser. A relação com meu pai mudou depois que me permiti admitir que tinha muito ódio por ele, desabafar, expressar, mesmo tendo vergonha disso.”

“O apego à figura do pai me sufocou. Percebi que não poderia me desligar psicologicamente dele; um lastro que, embora estivesse na Índia, levei comigo; a sensação de que meu pai todo-poderoso não me deixaria crescer.”

O Sete sexual tende a ser sugestivo também na admiração do amor, desenvolvendo uma grande admiração pelas suas figuras de referência amorosa, às quais se posiciona muito alto e nas quais deposita enormes expectativas.

Como geralmente se sente mais inteligente e sensível do que as pessoas ao seu redor, acredita que precisa de professores capazes de valorizar e aprimorar seus talentos. Suas altas expectativas com todas as figuras paternas (professores, professores, instituições) são proporcionais às que ele tem para si, concretizadas por uma imaginação transbordante.

A grandiosidade de tais expectativas acaba sendo um fardo pesado demais e, conseqüentemente, é compensada por uma fogueira de decepções: pais e professores são sistematicamente taxados de inadequados, deficientes, decepcionantes. O resultado é um forte sentimento de frustração, incompreensão e. Acima de tudo, desconfiança. A atitude aparentemente rebelde do sexual E7 é a sua forma de expressar decepção e raiva para com um pai que é sempre visto como pouco confiável e traiçoeiro. Um pai em quem não se pode confiar, que não apoia, que não inspira

confiança em si mesmo e nos outros, que não o incentiva a acreditar nas suas próprias ideias e no seu trabalho.

Por trás do seu desafio oculto à autoridade, a ferida é a de uma criança triste que nunca se sentiu verdadeiramente ouvida ou reconhecida pelo seu pai ou pela figura paterna, o que dificulta o seu crescimento. Zombar das autoridades pelas costas reflete-se em auto-zombaria defensiva.

Assim, ele assume uma postura sarcástica diante da vida, o que o leva a não levar ou ser levado a sério, e a se refugiar na imaginação, chegando até, em alguns casos, a substituir a fantasia por uma realidade inabitável.

A imaginação o distancia de admirar o amor, pois a fantasia se torna o horizonte de projeção de seus desejos frustrados: e quanto mais frustrado ele se sente na vida real, mais ele se perde na loucura dos projetos, das utopias políticas, dos amores imaginários, ou na no planejamento de viagens, ou no aprofundamento esportivo, no consumo de cinema, literatura, filosofia ou em práticas espirituais.

Sua capacidade expressiva de encantar interfere no desenvolvimento do amor admirador. Ele pode parecer comprometido com uma causa específica graças a um intenso fervor inicial, a ponto de se tornar porta-voz. Tal entusiasmo, porém, engana a si mesmo e ao grupo e esconde um compromisso de curta duração. Outra dificuldade para admirar o amor decorre de sua inconstância, que se baseia na equação neurótica do máximo reconhecimento com o mínimo esforço. A própria consciência de estar fazendo o mínimo esforço o leva a projetar sua autocrítica na autoridade, de modo que muitas vezes a vê com medo, ou sente que fez algo errado ao ver um carro da polícia ou um chefe se aproximando. quem quer conversar com ele. Ele tem o julgamento interno projetado e isso torna mais difícil para ele dar lugar à autoridade e olhar para cima com respeito e carinho, já que o sentimento de alerta é ativado.

Por trás deste medo existe uma insegurança muito escondida, pouco reconhecida e ainda menos comentada. O E7 sexual encobre o que não sabe, o que não sabe tanto cognitivamente quanto emocionalmente, onde é manejado com dificuldade; e em ação, ele tem dificuldade em aceitar suas limitações físicas e sua falta de jeito ou falta de habilidades motoras. Essa insegurança às vezes é encoberta por uma atitude de desprezo. Por outro lado, a prevalência do amor erótico também complica a admiração. O foco excessivo nas próprias necessidades dificulta que se coloquem no lugar do outro também no campo da autoridade. É difícil para ele calçar o lugar do

“pai”, ver a vida do seu ponto de vista e assumir suas abordagens, suas emoções e, consequentemente, suas regras.

“Sinto que faço parte de uma Internacional coordenada para mudar a sociedade. Eu realmente acredito nisso. Existe um modelo de sociedade justa... Basta imaginá-lo, criá-lo e as pessoas DEVEM ACEITÁ-LO.

Às vezes sinto que meu processo de transformação é uma batalha não reconhecida contra os outros. Os avanços dos outros podem impedir os seus próprios avanços. Procuro um método (meditação, terapia, etc.) que seja fácil.

Quando surgem problemas, não me pergunto o que há de errado comigo, mas sim se não encontrei o método certo.”

CAPÍTULO 9; PERSONAGEM HISTÓRICO: FRANZ LISZT

Por RICARDO ALCANTARA

Uma existência laboriosa e conturbada Franz Liszt foi um compositor e pianista de enorme fama, que se notabilizou pela sua grande capacidade técnica e pelo seu tremendo talento, que ultrapassava os parâmetros da época. O público o adorava, gerando uma autêntica "lisztomania", como cunhou na época o poeta Heinrich Heine. Os concertos para piano de Liszt estavam na moda. Durante sua estada em Berlim, as mulheres lutaram para adquirir suas luvas de pianista ou seu lenço, ou as cordas quebradas de seu piano, ou peças de roupa de seu terno, que vinham arrancar, ou bitucas de cigarro fumadas por ele. Tal foi o fanatismo desencadeado por Liszt, o primeiro dos grandes pianistas concertistas.

Filho de Adam Liszt e Anna Lager, nasceu em Raiding (Hungria; então Império Austro-Húngaro) em 22 de outubro de 1811.

Os seus pais viviam numa casa simples porque as suas possibilidades económicas não lhes permitiam aspirar a mais. Apesar das dificuldades, a família não se intimidou com as dificuldades.

A chegada da criança foi uma grande alegria para os pais, que acompanharam de perto a evolução do filho. Franz era um menino frágil e delicado que adoecia frequentemente. Como às vezes acontece com crianças desse personagem, ele possivelmente cresceu com um sentimento

de desvantagem e um retraimento mais típico de um E5. Sofria de nervosismo e, em mais de uma ocasião, teve febres muito altas que colocaram sua vida em risco. A sua saúde, tão precária, condicionou muito a sua infância. Muitas vezes faltava às aulas e por isso não atingia um bom nível de escolaridade e apresentava grandes lacunas. A criança Franz foi educada na religião católica. A igreja e os ciganos, com quem a família mantinha muito contato, marcariam o menino para o resto da vida. A música esteve muito presente na casa de Liszt. Seu pai tocava violoncelo e piano, recebia amigos músicos e terminavam a noite tocando juntos. Essas reuniões musicais fascinavam o pequeno Franz. A tal ponto que, aos seis anos, pediu ao pai que o ensinasse a tocar piano.

O menino era um aluno ávido e seu pai logo percebeu que já havia lhe ensinado tudo o que podia. A única forma de continuar a progredir era mudar-se para Viena, que, juntamente com Paris, era a capital do mundo musical da época. Lá se estabeleceram em 1822. Assim que chegaram à cidade, Franz começou a estudar com Carl Czerny e a ter aulas de escrita musical com Antonio Salieri.

Embora os primeiros meses tenham sido especialmente difíceis para o jovem e tímido estudante, ele adaptou-se às novas disciplinas e à nova vida. Ele mostrou grandes dons musicais, claramente era uma criança especial. O seu pai, afligido por problemas financeiros, independentemente da timidez do filho, começou a organizar-lhe concertos privados nos salões da aristocracia austríaca, apesar da recusa de Czerny, que não hesitou em avisá-lo de que Franz era muito jovem. Todos ficaram impressionados com o pequeno intérprete, sem contar que ele não estava sendo respeitado nem pela sua infância nem pela sua idade.

Embora tenha sido solicitado e aplaudido, o que marcou o futuro de It foi um beijo. Aos onze anos teve a oportunidade de visitar a pequena casa que Beethoven ocupava e tocar para ele. Ao terminar, o grande mestre sorriu e assentiu. Então se levantou e beijou-o na testa. Sempre com o desejo de fazer mais pelo filho, o pai considerou que deveriam dar um novo passo na sua preparação. Em setembro de 1823 partiram para Paris, onde chegaram em 11 de dezembro. Instalaram-se em frente à casa de Sébastien Erard, diretor da famosa fabricante de pianos. Começou aí uma estreita amizade de mais de quarenta anos com quem Liszt consideraria sua segunda família.

Nada mais em Paris, Adam partiu em busca dos melhores professores. Muito em breve o jovem Liszt era conhecido em todos os salões da aristocracia. Ele foi conhecido por sua habilidade inicial; era incomum que alguém tão jovem tivesse tanta habilidade no piano. Não importava quem ele era, de onde veio ou como se sentia neste mundo adulto. Adam Liszt não poupou esforços para dar a conhecer o seu filho. A imprensa não demorou a elogiar o jovem pianista húngaro, “um pequeno prodígio”, “um rapaz encantador”. Franz rapidamente se tornou o queridinho de toda Paris.

Adam cuidou cuidadosamente da carreira de seu filho e começou a planejar shows e turnês ambiciosas por outros países para ele. Incapaz de esquecer os tempos difíceis de dificuldades económicas, tinha muita consciência das despesas, dos custos das viagens e das roupas. Ele não foi guiado pela ganância, mas pela prudência, para evitar dar um passo em falso e reviver as dificuldades. No entanto, críticas ferozes começaram a circular. Czerny, entre outros, repreendeu-o furiosamente por explorar o seu filho. E de fato, logo o jovem Franz, que trabalhava incansavelmente, porque além de dar concertos compunha peças para piano e até óperas, começou a apresentar sinais de cansaço crescente. Mas a maquinaria estava em movimento e não havia como parar. A ambição de seu pai perpassou a infância de Franz Liszt.

Ao mesmo tempo, a crítica aplaudiu a arte do jovem virtuoso. L'Indicateur, quando Franz tinha quatorze anos, chegou a dizer «Não há nada de mecânico nele. O fogo do seu olhar, a sua atitude, as suas poses, tudo mostra que esta alma está em movimento desde os seus dedos. Os sucessos e as viagens foram imparáveis e tudo isso afetou cada vez mais o jovem. Ele não tinha amigos da sua idade; era impossível para ele criar raízes em qualquer lugar, pois iam constantemente de cidade em cidade; sua escolaridade sofreu. Tudo isso colaborou para reafirmar o caráter tímido e introvertido do músico, ao mesmo tempo em que lançou as bases para suas tendências posteriores maníaco-depressivas, típicas do personagem.

Franz buscou refúgio na composição e na leitura, muitas delas religiosas e místicas. Sugestivo e imaginativo, fantasioso e espiritual, durante as longas horas de viagem a leitura foi um fiel aliado que amenizou a dureza do caminho e a solidão que sofria. Mas a vida errante e desenraizada incomodava o jovem, a ponto de ele querer acabar com tudo aquilo de uma vez por todas. Movido pelo interesse pela vida religiosa, chegou a sugerir ao pai que desejasse ingressar nela. A recusa de Adam foi retumbante. “Sua profissão é a música”, respondeu ele, obrigando o

jovem a desistir dessa ideia. Franz obedeceu à ordem do pai sem questionar, mas a sua recusa só aumentou a sua raiva por ele ter forçado-o a uma vida que não queria. Ela o amava e o desprezava de uma forma ambivalente. Esta forma constante de não ser visto pelo pai, de ver a sua vontade forçada, de não ser respeitado por ele, marcaria também a sua forma de ser rebelde, antinormativo e pouco convencional, desconfiado da autoridade.

Ao longo de sua vida, Franz enfrentaria grandes tristezas. Em 28 de agosto de 1827, quando ele tinha apenas dezesseis anos, seu pai morreu. Ele não pôde comparecer à missa nem ao funeral. Nem mesmo, dias depois, ele passou pelo cemitério ou visitou o túmulo. Tudo isso era muito doloroso para Franz e ele tentava evitá-lo; talvez também por causa do ressentimento que acumulou contra uma autoridade parental emocionalmente ausente e exploradora. Ele se sentiu arrasado, sentiu a solidão ainda mais forte. Então ele decidiu voltar para Paris. Da noite para o dia, ele entendeu que seus anos de infância haviam acabado. A partir daquele momento, ele teve que cuidar dos assuntos que até então eram administrados por seu pai e sustentar financeiramente sua mãe. Cansado de tantas viagens e de tantos concertos, considerou que poderia dar aulas de piano para ganhar a vida.

A nova ocupação não lhe deixou muito tempo livre. Ele teve que ir de ponta a ponta de Paris para dar aulas. Começou muito cedo e terminou às dez da noite. Foi então que ele começou a levar uma vida confusa. Começou a fumar e a beber excessivamente, buscando a intensidade que não encontrava nas excitantes. Era notório que o ensino também não o satisfazia. Ele acabou profundamente triste por levar uma vida previsível e rotineira que ele não queria.

Entre seus alunos estava Caroline de Saint-Cricq, uma garota de dezessete anos de família aristocrática. A mãe da jovem, fascinada pela personalidade do músico, preferiu o idílio, mas poucas semanas depois adoeceu e faleceu. O pai, ao saber, não hesitou em proibi-lo, dada a diferença de posição social, e despediu Liszt com um golpe de caneta. Franz caiu em grave depressão durante anos. Seu desânimo foi tão grande que, em mais de uma ocasião, ele pensou em morrer de fome. O desejo de ser sacerdote renasceu nele.

Desta vez foram a mãe e um pároco que lhe tiraram a ideia da cabeça. Não foi fácil para Franz sobreviver à criança prodígio e encontrar a direção certa para seguir em frente. Se nele eram bastante frequentes os altos e baixos emocionais, a alternância entre maníaco e depressivo,

podendo passar de um estado de alegria a uma tristeza profunda, nesta fase ele não conseguia se livrar da depressão, nem mesmo às vezes. A avidez literária foi um dos pilares que o manteve à tona: escapar para a narrativa era uma clemência.

Ele também se aproximou dos círculos da doutrina sócio-religiosa. Não sem esforço, aos dezenove anos, Franz retomou sua vida mundana e reapareceu nos salões aristocráticos. Ele finalmente conseguiu sair de sua letargia. Surgiu nele uma febre criativa como nunca havia sentido. A fase depressiva foi seguida pela maníaca, uma nova etapa em sua vida. Ele tinha consciência do papel crescente do artista na sociedade e iria lutar vigorosamente para que a arte deixasse de ser tratada como bem de consumo ou símbolo de status. Ele se sentia único e estava pronto para provar isso ao mundo.

O garoto solitário e introvertido (infância típica de E7) deu lugar a um jovem sedutor, tranquilo e muito focado no exterior. Franz brilhou, seduziu e cativou nos salões parisienses com seu comportamento. Jovem, loiro, esguio, elegante, distinto, era objeto dos olhares e desejos das damas da alta sociedade, que se apaixonavam por seus encantos. Aos vinte e um anos era o preferido das senhoras mais elegantes, fascinadas pelo músico, pelo seu talento e pela sua capacidade de sugestão.

Com o passar do tempo, Liszt tornou-se um jovem bem-educado e virtuoso, com modos aristocráticos e parisienses. Tinha elegância, graça nas conversas e sabia persuadir. Seu objetivo era encontrar um lugar na vida social de Paris, obter reconhecimento por sua genialidade e tornar-se alguém. Naquela época compunha pouco e levava uma vida mundana vertiginosa, como se não houvesse amanhã. Havia uma gula desencadeada nele. A sedução era sua melhor arma; e apaixonar-se, hoje por uma senhora e amanhã por outra diferente, o seu modo de vida. E apesar do seu sucesso social, Liszt sentiu-se vazio; um mal-estar profundo que ele não conseguia definir.

No final de 1832, numa das noites esplêndidas a que Mile compareceu, coincidiu com a condessa Marie d'Agoult. Naquela época ela era casada e tinha duas filhas. Ela era uma mulher muito educada, com uma educação cuidadosa, que tocava piano muito bem. Tanto Franz quanto a condessa ficaram chocados. A partir desse encontro, o jovem músico passou a visitar

frequentemente a bela aristocrata. Ambos perceberam que algo muito profundo estava sendo feito entre eles e não queriam evitar.

Apesar das dificuldades, o amor que sentiram deu-lhes forças para jurar que se amariam para sempre, tanto na Terra como no Céu. As inúmeras amantes de Liszt eram comentadas nos salões da época; porém, depois de conhecer a Condessa d'Agoult, o músico só pensou nela. Ele sentiu que sua fase Don Juan de inúmeras aventuras havia chegado ao fim. Ao longo das semanas, o relacionamento foi consolidado aos trancos e barrancos.

Em 1835, Marie d'Agoult engravidou de Franz, então a ideia de fugirem juntos tornou-se um assunto de extrema urgência. Os amantes tiveram que deixar Paris o mais rápido possível para evitar escândalos. Os preparativos foram feitos em segredo e o casal partiu discretamente para se estabelecer na Suíça.

Segundo as regras sociais da época, ter um amante não era escandaloso. O que era repreensível era deixar tudo, posição, família, reputação, para ele. Foi uma falha que dificilmente foi perdoada. Acompanhado de sua amante, Liszt isolou-se da sociedade na Suíça, onde produziu uma série de obras rebeldes, audaciosas e transgressoras. Aos poucos foi se consolidando como um artista narcisista eminentemente moderno e individualista.

Cresceu nele um sentimento de incompreensão, de solidão; ele não se sentia confortável diante de um público que só esperava dele um momento de diversão e entretenimento. Ele sentiu que a arte era outra coisa. Encontrou na poesia um modelo de música, que segundo ele deveria ser utilizada não apenas para lisonjear os sentidos, mas também para expressar ideias.

Aos vinte e quatro anos, ele tinha clareza sobre o caminho que deveria seguir para avançar como artista, embora em mais de uma ocasião o desânimo pudesse estar com ele. Já criança, instintivamente, repudiou a domesticidade artística. Com o passar dos anos, sua rebeldia o levou a se levantar. A ideia de ser um músico vendido, protegido pela alta aristocracia, sentindo-se um cortesão que era tratado como um macaco na feira, incomodava-o. Embora estivesse ciente de que não poderia quebrar totalmente as regras do jogo e antagonizar a autoridade que o mantinha, ele estava zangado com ela.

Houve momentos em que sua rebelião pregou peças nele. Numa ocasião, Liszt estava testando um piano no showroom Erard na presença do rei e de alguns de sua família. Ao final, Luis Felipe se aproximou dele e comentou:

—Você se lembra que tocou na minha casa quando eu ainda era duque de Orleans? O músico assentiu. O monarca continuou:

--Desde então, muitas coisas mudaram.

— "É verdade, mas nada para melhor", afirmou Franz, sem perder a compostura.

O rei ficou furioso, a ponto de apagar o músico da lista de candidatos ao recebimento da Legião de Honra.

Devido ao seu isolamento na Suíça, a solidão começou a afetar Marie, que ficou entediada. Senti falta da atmosfera artística e intelectual de Paris. Franz sugeriu que ele escrevesse. Ela decidiu escrever artigos que publicou anonimamente em alguns jornais e delineou outros que Liszt assinaria mais tarde. Blandine, filha de Franz Liszt e Marie d'Agoult, nasceu em Genebra em 18 de dezembro de 1835. O nome da mãe foi falsificado na certidão de nascimento para evitar problemas jurídicos. Como ainda era casada, a menina teria sido listada como filha do casamento. A menina foi confiada a uma babá. Meses depois, quando o casal partiu de Genebra, deixaram-na aos cuidados de um pastor e da sua família, até que ela pudesse acompanhá-los nas suas viagens. Franz nunca se interessou muito pelos filhos.

Durante a aposentadoria suíça, cultivou sua faceta de compositor. Longe da agitação do mundo, ele procurava sua própria música. Durante uma de suas viagens, ele escreveu uma longa carta para Marie: <<<Uma vida tão infantilmente agitada como a minha agora seria profundamente desagradável para mim no futuro. Minha verdadeira vocação é a solidão; Há muito tempo que sinto isso no fundo do meu coração. Esta, sem dúvida, foi outra das grandes contradições do músico, já que logo iniciou uma fase agitada de longas viagens, oferecendo concertos e noites. Para aumentar a sua reputação como artista, deixou-se levar pelo turbilhão do mundo; ele precisava ocupar o primeiro lugar entre os pianistas. Mas, por outro lado, incomodava-o profundamente ceder tanto espaço à sua vaidade.

Durante essas viagens o casal permaneceu separado, o que alimentou o ciúme de Marie. Ela temia que o sucesso afastasse Franz dela, que acabasse empurrando-o de volta ao mundo do qual ela havia desistido para estar com ele. E é que Liszt ainda era um sedutor completo. A condessa sentia falta de Paris e, embora temesse não ser bem recebida, decidiu tentar e instalar-se novamente na cidade grande.

Para sua surpresa, foram mais bem-vindos do que esperavam; sua reputação não foi tão prejudicada quanto eles temiam. A partir daí a atividade de Franz foi transbordante, como se quisesse estar em vários lugares ao mesmo tempo. Deu concertos, escreveu e manteve uma vida social frenética. Ele parecia infatigável (talvez estivesse passando por uma nova fase maníaca?). Liszt estava tentando recuperar seu lugar em Paris e lutar por novas músicas.

Se ele nunca falhou ou se contradisse em alguma coisa, foi na fidelidade aos amigos. Nem na sua audácia: foi o primeiro a aparecer sozinho, acompanhado pelo seu piano, numa sala enorme como a Ópera de Paris, perante um público misto. Ninguém jamais se atreveu a fazer tal coisa. Era como se o conceito “impossível” não figurasse na carreira artística de Liszt. Ele estava disposto a reformar tudo.

Em julho de 1837 o casal partiu para seu novo destino, a Itália. Foi uma jornada complicada, com poucos deuses e muitos perigos.

Os movimentos contínuos impediram a Condessa d'Agoult de cuidar da filha. Eles a visitavam quando possível; isto é, pouco. No dia 20 de agosto chegaram a Como, onde se estabeleceram. Para Liszt começou uma etapa de muito trabalho. A Itália foi uma excelente fonte de inspiração. Por sua vez, Marie ficou satisfeita ao descobrir que as relações livres não causavam nenhum escândalo ali. Aquela era uma sociedade libertina, na qual o relacionamento de Liszt com a condessa não incomodava os outros. Após um período de aposentadoria em que compôs incansavelmente, Franz retomou suas viagens. Voltou a dar concertos e recuperou a intensa vida social. Durante a separação, o casal trocou cartas, nas quais ele confessava o quanto era difícil para ele não estar com ela: “Há apenas quarenta e oito horas nos separamos e não aguento mais”.

Porém, a condessa não estava calma. Ela podia sentir a mudança nele. Aquele jovem mal arrumado e mal vestido deu lugar a um homem de grande elegância e porte aristocrático, que cuidava de sua vestimenta a ponto de passar mais de uma hora se arrumando. Ele gastou muito dinheiro com roupas, algo que Marie o recriminou.

No dia 24 de dezembro nasceu a segunda filha do casal, Cosima. O nome de sua mãe foi mais uma vez falsificado em sua certidão de nascimento.

Para aumentar a sua lenda e continuar a surpreender o público, num concerto no Ridotto Liszt tocou de memória, sem partituras, algo que nunca tinha sido feito antes. Depois de Como, Liszt e a condessa estabeleceram-se em Veneza. Ele amava a cidade, enquanto ela a achava

extremamente triste, a ponto de ficar deprimida. Mais do que nunca, notou-se a diferença de caráter entre um e outro, o que deu origem a fortes e repetidas discussões.

O músico começou a perceber, com preocupação, como era difícil dividir a vida com alguém deprimido. Apesar do amor que sentia por ela e da necessidade que tinha de conhecê-la de perto, quando surgiram dificuldades de relacionamento, o músico sentiu-se sobrecarregado, incapaz de apoiar o casal.

A nível profissional as coisas não poderiam correr melhor para ele; ele ganhava enormes somas de dinheiro todos os meses e o sucesso era avassalador onde quer que fosse. A separação os machucou, mas quando se conheceram as discussões tornaram-se mais frequentes e acaloradas. Ela o repreendeu por sua fama de Don Juan. Eles se sentiam infelizes quando estavam juntos e também quando estavam separados. Ele não suportava as brigas, as recriminações, aquele clima tenso que se criou entre eles.

As viagens foram ficando mais longas e os encontros do casal, mais espaçados. Liszt ficou muito sobrecarregado com sua vida errante, continuamente de um lugar para outro; ele sentia que sua vida era pobre, de charlatão. Mas, embora precisasse de solidão para se dedicar à composição, entendeu que um virtuoso não poderia se isolar do público e resignou-se. Talvez possamos perceber nisso a ambivalência de seu personagem: por um lado, o E7 sexual deseja segurança e uma vida confortável e, por outro, não mantém os limites da convivência familiar e foge pulando de uma viagem para outra.

Em 9 de maio de 1839 nasceu Daniel, o terceiro filho do casal. Na certidão de nascimento, o nome da mãe novamente era falso. Assim como suas irmãs, o menino foi confiado a uma babá. Em novembro do mesmo ano, Marie d'Agoult regressou a Paris com as suas duas filhas, pronta para ali estabelecer a residência da família. A agenda de Liszt estava cada vez mais apertada, de modo que o casal mal conseguia dividir alguns meses por ano.

A forte atividade musical e social perturbava a tranquilidade de Franz, que recorreu ao café e ao tabaco. Se era um virtuoso do piano, era também um virtuoso da sociabilidade. Onde quer que fosse, era aguardado com grande expectativa. Ele exercia um enorme fascínio sobre as mulheres. Ele sentia falta de Marie, mas isso não o impediu de se apaixonar por outras mulheres.

Numa das frequentes cartas que trocou com Marie quando estavam separados, disse-lhe: «Uma única paixão, uma única fé permanece firme no meu coração: é a fé e a paixão pelo trabalho. Noutra, foi sincero: «Apesar de todas as homenagens e demonstrações de carinho que recebo, vivo muito só. E em outro: “Sinto muito; nada, nada jamais preencherá o abismo do meu coração. Mas um raio dos seus olhos me aqueceria, me reavivaria... me rejuvenesceria também». Em 1841 foi aceito em uma loja maçônica, em reconhecimento aos seus muitos concertos beneficentes e ajuda humanitária. Passou pelas séries, até chegar ao mestrado em 1842. Liszt caracterizou-se pela sua generosidade, o que não o impediu de ter sede de fama e dinheiro.

Mais de uma vez, Marie esteve a ponto de deixá-lo, de terminar o relacionamento que tanto lhe causava desconforto. Liszt não se resignou e, graças ao seu poder de sedução, conseguiu fazê-la mudar de ideia. Ele tinha a habilidade de sempre conseguir o que queria. Mas a relação estava cada vez mais tensa; ela o repreendeu por seus flertes, suas palavras destilaram amargura e desconfiança. Em novembro de 1842, Liszt foi nomeado Mestre da Capela Grão-Ducal de Weimar em Serviço Extraordinário. Essas funções o levariam a passar três meses por ano em Weimar e a dirigir certos funcionários judiciais. Para o músico, cansado de tantas viagens e da sua vida itinerante, correndo de uma cidade para outra atrás de fama, dinheiro e glória, foi uma oportunidade extraordinária ter um lugar fixo durante alguns meses do ano. Lá ele poderia compor e alcançar estabilidade emocional.

Sua natureza contraditória estava mais em chamas do que nunca. Liszt queria uma coisa e outra. Ele estava desesperado em uma tentativa vã de ter tudo e, não conseguindo, sua insatisfação cresceu. Ao deixar-se seduzir pela glória, especialmente sensível às lisonjas da multidão que satisfazia a sua vaidade, ansiava pela simplicidade e humildade do artista que só vive para a sua música. Ele amava Marie d'Agoult, mas isso não impedia que seduzisse outras mulheres.

A obra de Liszt foi cada vez mais transgressora, pois a sua vida reflectia-se na sua obra, onde a sua rebelião incontável era evidente. Numa das suas cartas a Marie deu detalhes: «O concerto de ontem foi bom, tive um grande sucesso. O público e o galinheiro não entenderam nada; Não importa. Por outro lado, os artistas e as pessoas inteligentes (sempre em minoria) têm-se entusiasmado».

Em abril de 1844, Marie, incapaz de sustentar um relacionamento que era tão desestabilizador para ela, decidiu romper definitivamente. Franz devolveu todas as suas cartas à condessa, mas

não reivindicou as suas. As meninas foram deixadas aos cuidados da mãe. Liszt acusou a separação a ponto de não encontrar consolo. Marie foi seu ponto de apoio, uma grande referência para ele. O rompimento abalou violentamente seu mundo interior, mas ele nunca percebeu seriamente que era também consequência de seus atos e da fantasia de que continuar a traí-la e se ausentar era compatível com a manutenção da segurança do relacionamento conjugal. Agora a solidão o punia impiedosamente. Ele se sentiu perdido, sem saber o que fazer a seguir.

Ele tentou encontrar consolo através da música, dos amigos e das viagens. Em seu testamento como artista procurou encontrar a força de que precisava, pois se sentia desanimado.

Marie d'Agoult, sob o pseudônimo de Daniel Stern, publicou em 1846 um romance autobiográfico intitulado *Nélida*, no qual não deixou Liszt em boa situação. Descreveu-o como uma pessoa cruel e implacável, deixando claro que o caráter que exibia em público, alegre e engraçado, era muito diferente daquele que demonstrava na intimidade do lar; uma dupla face típica deste personagem. Para o músico foi um duro golpe, que só atrapalhou o pouco e ruim relacionamento entre eles, que se limitava quase exclusivamente à questão dos filhos.

Apesar desses altos e baixos, Liszt continuou a perseguir seus objetivos musicais. Estava muito claro para ele que a missão do artista era elevar os homens e uni-los fraternalmente. Ele insistiu na capacidade espiritual e redentora da arte e trabalhou incansavelmente nisso. Mas por trás dessas elevadas pretensões haveria talvez algum traço de caráter menos louvável? A fantasia de possuir uma capacidade redentora costuma estar bastante presente nesse personagem ambicioso e narcisista. Além disso, a generosidade de Liszt era muito parecida com aquela sedução potente normalmente usada pelos E7s sexuais para ganhar o benefício da fama e talvez mascarar o lado dissoluto da sua vida.

Tal como Lord Byron ou o violinista Paganini fizeram antes dele, Liszt pré-configurou o artista moderno que quer fazer da sua vida uma obra de arte, com o narcisismo implícito que tal propósito acarreta. Não é de surpreender que a arrogância de Liszt convirja com a do seu grande amigo Richard Wagner, e juntos eles prefiguram algo do elitismo antidemocrático que influenciaria tão perversamente os acontecimentos políticos no século XX.

A pose “divo” adquire expressão máxima em Liszt. Ele veio do nada e, graças aos seus dons naturais, conquistou fortuna e fama. Ele levou uma vida extravagante e teve seguidores fanáticos. Como outras estrelas que surgiriam mais tarde, ele criou “um tipo humano caracterizado pela arrogância, pelo capricho, pela grosseria, pelas explosões de raiva, pela transgressão dos costumes e pelo entusiasmo histérico que respirava nos seus seguidores”. As elites, que em outros tempos mantinham seu prestígio graças ao isolamento, passaram a precisar da rua, das massas, e algumas se tornaram ídolos populares.

Liszt foi tocado por um poder carismático. Era um homem tremendamente atraente, brilhante... Podemos dizer que era uma característica da sua essência ou do seu ego? Ou ambos ao mesmo tempo, inseparavelmente entrelaçados? Como sabemos hoje. Na criação de um mito carismático não há apenas espontaneidade ou dons inatos. «Há muito artifício na sua divulgação: utilizam técnicas de Persuasão, métodos de coação psicológica e propaganda semelhantes aos utilizados na venda de mercadorias.» Todos eles com características altamente fraudulentas. Mas o que fez Liszt atingir tal nível de divisão?

Uma das razões pelas quais seus shows eram tão emocionantes e importantes era o fato de ele se apresentar sozinho no palco. Até à data, era costume que vários músicos partilhassem o protagonismo. Franz preferia ser o único intérprete em seus shows.

Desde então, os concertos de piano nunca mais foram o que eram. Franz, fiel ao seu estilo tagarela e narcisista, chamava-os de solilóquios.

Foi também o primeiro a posicionar o piano lateral ao público com a tampa aberta; Isso permitiu que o som fosse melhor projetado pela sala e o público pudesse vê-lo de perfil, ao contrário da forma tradicional como o piano era colocado verticalmente e com a tampa fechada, cobrindo quase completamente o intérprete.

E foi, como dissemos, o primeiro a executar o seu repertório de memória, sem partituras, “razão pela qual muitos musicólogos especialistas o consideram o pianista mais fixe que já existiu”. Em sua divisão havia, claro, muita postura e um certo desprezo por seus fãs, que chegaram a tal nível de obsessão que, após receber centenas de cartas pedindo mechas de seu cabelo, Franz comprou um cachorro e começou a enviar mechas. de seu cabelo para seus admiradores.

A amizade de Liszt com o antissemita Richard Wagner começou justamente nessa época, com uma troca epistolar iniciada em 1841, embora só se consolidasse em meados daquela década. Alguns anos depois, em 1849, Wagner escreve uma carta a Liszt na qual confessa que desejava "ter tanto dinheiro quanto [o compositor judeu] Meyerbeer, ou terei de fazer algo terrível". Naquela época Wagner não só se deixou chamar de racista furioso em seu ensaio (que não se atreveu a assinar com seu nome verdadeiro) *Judaísmo na Música* no qual atacou os judeus em geral e os compositores Giacomo Meyerbeer e Félix Mendelssohn em particular, e afirma desejar que os judeus queimem no fogo. Liszt também brilha ao escrever sobre judeus e ciganos.

Em *Dos boêmios e sua música na Hungria*, Franz Liszt, depois de uma introdução sinistra e antissemita de noventa páginas dedicada aos judeus na arte e na música (novamente os absurdos argumentos wagnerianos: dissimulação, cosmopolitismo, ausência de criação e de gênio, em benefício da imitação e do talento: Bach e Beethoven, gênios, contra Meyerbeer e Mendelssohn, imitadores talentosos). ele descreve a liberdade como a primeira característica “daquela estranha raça boêmia.

O cérebro lisztiano, consumido pelo conceito de raça e pelo anti-semitismo, debate se deve ou não salvar os ciganos; Se alguma coisa os diferencia dos judeus, diz ele, é que eles não escondem nada, que não têm Bíblia nem vontade própria; os ciganos são ladrões, é verdade, porque não se curvam a nenhuma regra, como o amor em *Carmen*, que “nunca conheceu lei alguma”.

Wagner estava zangado com Liszt por um motivo totalmente justificado. Já na casa dos sessenta anos, apaixonou-se por Cosima, filha de Liszt, casada com Hans von Bülow. Liszt ficou do lado do marido, embora o casamento da filha fosse infeliz e a deixasse tão infeliz que ele considerou o suicídio. Na verdade, Cosima encontrou a felicidade com Wagner, mas Franz nem sabia de tudo isso. Ele desconhecia completamente sua filha e não se importava nem um pouco com ela. O pior é que o compositor alemão teve que suportar, a partir de então, o sermão moralista de um Liszt que agora interpretava o mocinho, o espiritual, o renascido, quando fora um sátiro e uma caveira durante toda a vida.

Desde então, Wagner dispensou tratamento desdenhoso a seu outro grande amigo. Ambos eram muito famosos, grandes figuras de sua época, acostumados a ser o centro das atenções e, quando se encontravam, os dois conversavam ao mesmo tempo, pisando um no outro e competindo para serem ouvidos. Cada um à sua maneira, eram duas personalidades vorazes. Wagner, pela sua

tendência ao ódio; Liszt, do seu imponente narcisismo. Isto não significa que continuaram a ser, no fundo, grandes cúmplices. Assim, em 1872, eles se reconciliaram. Apesar da imensa fama que conquistou, Liszt sentia-se cansado de tanto trabalho e enojado com as dificuldades de sua vida sentimental. Sua frenética carreira de virtuose o obrigou a deixar de lado sua faceta de compositor e ele sentiu falta disso. Ele ganhava muito dinheiro, mas, incapaz de estabelecer limites, gastava mais do que ganhava, por isso muitas vezes se encontrava em dificuldades financeiras. Seus amigos tiveram que ajudá-lo a sair dos problemas.

Corria o ano de 1847 quando Franz, depois de terminar uma de suas obras de caridade, conheceu uma rica princesa ucraniana, Carolyne von Sayn-Wittgenstein. Ela era uma jovem morena, com um olhar intenso e um físico nada atraente. Naquela época ela era casada e católica. Mas apaixonar-se foi mais forte do que as suas convicções religiosas.

Convencida de que foi o destino que os uniu, ela estava pronta a pedir a anulação do seu casamento para se casar com Franz. Não se importou em largar tudo para unir sua vida à de músico e ajudá-lo a realizar seu sonho de compositor.

Carolyne deu-lhe apoio incondicional. Franz percebeu que era a tão esperada oportunidade de deixar para trás sua vida errante, de sair da armadilha que ele mesmo havia armado. No dia 18 de setembro deu o último show de sua carreira. Em Weimar, e junto com Carolyne, ele iria iniciar uma nova vida de recolhimento e trabalho. Chegou o tão esperado momento de se dedicar de corpo e alma ao trabalho como compositor. Embora não tenha desistido de seus esforços, Carolyne não conseguiu obter os papéis da separação, colocando o casal em uma posição muito desconfortável na sociedade de Weimar. Isto causou em Liszt um profundo sentimento de amargura. Em 1859 seu filho Daniel morreu em Berlim de tuberculose, fato que contribuiu para sua tristeza e desânimo.

Finalmente, em 1861, resolvidas todas as questões jurídicas, foi anunciado o tão esperado casamento. Estava programado para acontecer em Roma no dia 22 de outubro, aniversário de Liszt. No último momento, a Igreja objetou. Isso significou um grande revés para Franz. Pouco depois, a princesa renunciou definitivamente ao casamento com o músico. A década de 1860 foi desastrosa para Franz pessoalmente. Em 1862, após a morte de sua filha Blandina, instalou-se em Roma para levar uma vida bastante retirada, dedicando-se à composição de obras religiosas.

Em 1865, num mosteiro romano preparou-se para receber ordens menores. Primeiro recebeu a tonsura e, três meses depois, foram-lhe concedidas as três ordens seguintes, requisito essencial para ser nomeado abade. A partir desse momento ele será conhecido como Abade Liszt, embora nunca tenha se ordenado sacerdote.

Parece que a morte dos filhos colocou-lhe um limite vital e surgiu nele a necessidade de se aprofundar em si mesmo. A proximidade com a religião marca uma maturidade, sem dúvida, embora a vida que continuou a levar não tenha sido tão retraída. Na década de 1870, Liszt levou uma “vida tripla”, como gostava de dizer, entre Roma, Weimar e Budapeste. Percorria pelo menos 6.500 quilómetros por ano, uma quantidade enorme se tivermos em conta a sua idade avançada e o estado da rede de transportes da época. Mais uma vez, o voraz e insaciável Franz entregou-se incansavelmente a atividades exaustivas.

Em 1881 sofreu um acidente ao cair da escada de um hotel. Durante a convalescença, todos os tipos de doenças se manifestaram, seu humor caiu e a depressão, a desolação e a desesperança o invadiram novamente. Ele já se sentia perto da morte. “Carrego uma tristeza profunda em meu coração, que de vez em quando deve explodir em som”, disse ele certa vez. Cinco anos depois, em 1886, faleceu em Bayreuth, local do famoso festival wagneriano.

CAPÍTULO 10; EXEMPLOS DE FILMES E LITERÁRIAS

UM EXEMPLO CINEMATOGRAFICO

Lope

Diretor: Andrucha Waddington

Ano: 2010

Félix Lope de Vega y Carpio (Madri, 1562-1635) foi um dos mais importantes poetas e dramaturgos da Idade de Ouro espanhola e um dos autores mais prolíficos da literatura universal. Sua vida foi intensa e apaixonada. Ele não era apenas um famoso literato já em vida, mas também um soldado e um mulherengo inveterado.

No filme Lope, o realizador Andrucha Waddington mostra-nos um jovem ambicioso e apaixonado que desafia as regras morais e está dividido entre duas mulheres (na sua vida real houve muitas mais). Regressa da guerra, depois de participar na batalha da Ilha Terceira, e o filme começa com ele caído no chão, espancado, esfarrapado e com a cara ensanguentada. Em contraste, a voz lê uma carta otimista para sua mãe, na qual ele lhe conta sobre o sucesso e a vitória na batalha e sobre o grande saque que conquistou.

Mais tarde, ele é visto chegando a Madrid quando um homem da multidão o chama em tom desafiador e ameaçador. Ele suspeita que Lope esteja com a esposa pelos detalhes de um poema que escreveu sobre ela, encomendado pelo suposto corno. Naquela época era costume encomendar poemas para seduzir as mulheres e o malandro assim o fazia. Em breve veremos a capacidade de Lope em evitar situações desconfortáveis. Diante das acusações do marido enganado, ele não só foge com trocadilhos como consegue enganá-lo até que o próprio homem sorria.

Atenção aos detalhes da sedução não só com a palavra, mas com o corpo, a mão e o olhar. Lope, muito habilidoso com a dialética, não só não deixa claro se esteve ou não com ela, como inverte a situação ao deslumbrar o zombado.

Noutra cena, antes de ir ver a sua querida mãe, Lope pede a um amigo que lhe empreste um fato do Marquês para quem trabalha e até um cavalo; tudo para parecer bem sucedido. Ele também dá um lenço para a mãe e até sacode uma sacola para que ela faça barulho e pareça cheia de moedas. Seu irmão descobre que o que realmente contém são pregos. Quando lhe diz: «Vejo que não exageraste nas tuas cartas», tornam-se evidentes a fraude de Lope e a sua capacidade de sugestão.

Pouco depois da morte da mãe, e sendo Lope um homem arrogante, de nobres pretensões e sem dinheiro para pagar o funeral de uma senhora, pede-o a um agiota com o intuito de não parecer pobre, e inventa um brasão de família. Agora é a irmã dele quem descobre o engano do escudo, mas Lope consegue contratar alguns atores para ir ao funeral e parece que tem mais gente chorando por ela. Pouco depois, ele é forçado a vender os pertences da mãe para pagar o empréstimo. Ele vive além de suas posses e, na verdade, já pensa na próxima mulher para seduzir.

Lope decide não voltar ao exército. O Madrid da época é muito mais emocionante que a vida militar, embora duvide de que caminho seguir na vida. Uma das coisas mais emocionantes sobre a sua reden na capital é que o teatro se tornou um florescente entretenimento de massa. Lope se interessa pelo mundo da cena. Ele decide escrever uma peça e apresentá-la a Jerónimo Velázquez, o principal impressionista teatral da época.

Lope chega à casa de Velázquez, onde conhece outros escritores que também aguardam para serem recebidos. Depois de fazê-los esperar, a secretária de Velázquez manda todos deixarem as obras ali porque ele não poderá atendê-las. Todos vão embora, exceto Lope, que resiste e, insolente e arrogante, confronta primeiro a secretária e depois, de forma dolorosa, Elena, filha do próprio Velázquez. Mas no último momento ele inverte a situação e faz com que a filha interceda por ele depois de ficar deslumbrada com seus versos. Aqui fica evidente o caráter rebelde, persuasivo e narcisista de Lope, bem como sua falta de limites. Vemos também o seu oportunismo, aproveitando a oportunidade que lhe foi apresentada com Elena para perseverar no seu objetivo. Ele exhibe suas habilidades de sedução e charlatanismo sem poupar nem mesmo o insulto. Assim como na cena anterior, destaca-se sua capacidade de transformar situações difíceis e redirecioná-las para o seu próprio interesse.

Velázquez o contrata não como escritor, mas como copista, e o contrata para copiar a obra de outra pessoa. Lope, porém, não só faz o seu trabalho, mas também introduz retoques importantes nas obras de outras pessoas, mesmo nas de Cervantes!, pelas quais alcança sucessos esmagadores e ganha cada vez mais o favor não só do diretor, mas também do público. sua filha Elena.

Porém, o trabalho não é suficiente para ele pagar a dívida do funeral de sua mãe e Velázquez, emprestando-lhe dinheiro, o salva dos bandidos que mandam cobrar dele. Ele lhe oferece um acordo: ele terá que escrever cinco obras de qualidade para ele. Nessa altura, Lope já tinha ficado famoso em Madrid e os seus versos são famosos, por isso é muito bom para o empresário.

Na cena seguinte já passou algum tempo e Lope já entregou a Velázquez a obra que tinha que copiar. Este, junto com os atores, ensaia a obra no próprio teatro. Ele fica chateado porque alguns arranjos, introduzidos sem sua autorização, não lhe agradam, a ponto de querer cancelar o ensaio. Nesse momento Lope aparece e Velázquez o confronta. Nosso protagonista, em vez de aceitá-lo, confronta Velázquez insistindo na melhoria que significaram para a obra, ao mesmo

tempo que se descobre que não é que ele tenha introduzido algumas mudanças, mas que, praticamente, a mudou completamente. . Através da sugestão, dos seus argumentos e da insistência, aos poucos tanto os atores como o próprio Velázquez vão se convencendo do valor da obra de Lope. Este pressiona cada vez mais até que Velázquez finalmente admite, muito irritado, que a obra que Lope mudou radicalmente é sua. Mesmo assim, a professora cede e Lope consegue o que quer: Velázquez concorda em representá-la como Lope quiser. Desde o início da cena destaca-se a rebeldia e a insolência com que esse personagem é capaz de se aproximar da autoridade e romper limites. O atrevimento, a irreverência e a invasividade típicas do personagem ficam evidenciados no atrevimento de seu tratamento para com o professor Velázquez. Lope é um vendedor nato, um encantador de serpentes que mal escuta e interrompe com impaciência. Sua capacidade de persuadir com palavras, principalmente graças ao otimismo e aos movimentos corporais, fazem com que ele ganhe terreno aos poucos até atingir seu objetivo sem muitos escrúpulos. Neste caso ele usurpa a obra do mestre e a torna sua. Não faz muito tempo, eles não o deixaram entrar na casa do mestre e agora ele consegue fazer com que o mestre execute seu trabalho para ele.

Destaca-se a mistura entre o drama e o humor da cena. Justamente uma das características do E7 sexual é ver sua vida como uma tragicomédia. Lope de Vega tem dívidas, conflitos, mas escreve as melhores comédias, constrói sorrisos onde o mundo dói. Revolucionário na forma de escrever, transformou o teatro da época justamente com essa capacidade de mesclar o trágico e o cômico.

Seguindo o costume da época, e para ganhar algum dinheiro, Lope escreve versos para o Marquês de las Navas, que quer seduzir Isabel de Urbina para ser sua esposa. Coincidentemente, Isabel e Lope são amigos de infância, além de se conhecerem num hospital onde ambos ajudam na caridade cristã e já tiveram certas abordagens sedutoras. Lope descobriu que os versos que vende ao Marquês são para Isabel, mas ela ainda não sabe de nada.

O Marquês de las Navas passa a recitar alguns versos para Isabel. Enquanto o faz, Lope, posicionado de tal forma que Isabel o percebe, vocaliza silenciosamente esses mesmos versos, visto que ele próprio os escreveu. No final do marquês, Isabel convida Lope para recitar um soneto. Embora inicialmente resista, acaba improvisando algo realmente engenhoso, a tal ponto que Perrenot, amigo do Marquês, o acusa de tê-los preparado e de ser um charlatão sedutor.

Lope, desafiador, desembainha a espada, mas o faz compondo outro verso tão engenhoso quanto o anterior, para zombar do aristocrata Perrenot.

Seu charlatanismo, engenhosidade e agilidade mental ficam evidentes nesta cena, além da insolência e ousadia de Lope diante da autoridade. A sua capacidade de sugestão volta a sobressair, não só com as palavras (aqueles sonetos extremamente criativos e brilhantes) mas também com uma encenação que magnetiza. A princípio ele reluta em falar, com aparente respeito pelo Marquês. Então aproveite a oportunidade para ignorá-lo. E enquanto recita, ele se movimenta pela sala, interagindo com o público e fazendo-o sorrir.

Especialmente interessante é o seu gesto de raiva sustentada quando é acusado por Perrenot de ser um charlatão e a rapidez com que, naquele momento, prepara a sua fascinante defesa: Primeiro pela forma surpreendente e ameaçadora de desembainhar a espada, para acabar escrevendo com ele o nome do Perrenot enquanto ele recita os versos finais. Um verdadeiro mestre da sugestão e do encantamento!

Elena, filha de Velázquez com quem Lope tem um caso, descobriu que o escritor tem outro com Isabel. Lope nega, apesar de descrever suas próprias ilusões, até que o próprio Lope a convida a entrar no movimento de suas fantasias, fugindo juntos. Elena recusa e Lope é forçado a admitir que quer tudo.

Depois ele vai falar com Velázquez, pai de Elena. Alli defende seu amor por ela, mas Velázquez se recusa a deixá-los ir e eles brigam amargamente. Elena fica do lado do pai e decide ficar com ele. E Lope sai decepcionado, percebendo que Elena o rejeita para se casar com o aristocrático Perrenot por dinheiro. Azedado, ele começa a escrever versos satíricos contra Elena. Velázquez, indignado, rompe relações com ele, embora continue com seus planos de representar sua obra.

Apesar de ter sido proibido, Lope contempla o sucesso do seu trabalho a partir de um esconderijo no próprio palco. Seu puc ta inovador no palco e seu texto ágil lhe trouxeram grande sucesso. No final, e perante todo o público, Lope aparece para denunciar as manipulações de Velázquez e humilha publicamente pai e filha com grande atrevimento.

Denunciado por Velázquez, e perseguido pelos oficiais de justiça, Lope prepara-se para fugir com Isabel, já convertida no seu novo amor, rumo a Portugal, onde tentará embarcar para se livrar da justiça. No entanto, ele é parado antes de chegar ao mar. Julgados por atacar a honra da família Velázquez, todos temem uma sentença dura, mas a intervenção de Elena no tribunal,

pelas costas do pai, significa que a sentença é o exílio de Castela e do tribunal, uma pena leve. que também vai gostar da companhia de Isabel.

UM EXEMPLO LITERÁRIO

Aureliano Segundo

(Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez)

Gabriel García Márquez deu à humanidade esta maravilhosa história sobre a família Buendía e a terra escondida de Macondo, criando um mundo mágico que fascinou leitores de todo o planeta. Na cidade de Macondo, longe do mundo, o patriarca dos Buendías fundou uma dinastia única junto com sua esposa Úrsula. Gabo mescla as trajetórias vitais desta família com a história sul-americana do século XX, com seus tempos de paz e de guerra, incluindo a exploração agrícola dos Estados Unidos, suas ditaduras e os desaparecidos.

Na ampla gama de personagens encontramos, na metade do romance, Aureliano Segundo, irmão gêmeo de José Arcadio, ambos filhos de Arcadio Buendía e Santa Sofía de la Piedad, bisnetos do patriarca. Pai severo e autoritário, como pode acontecer com tantas pessoas de cunho sexual, ainda quando criança Aureliano Segundo tinha a cabeça cheia de ideias fantásticas sem nenhum contato com a realidade, que abandonou em pouco tempo. Assim, aos doze anos, descobre, fascinado, o quarto de Melquíades, cigano alquimista amigo de seu bisavô, há muito falecido, que vê em visões e com ele fala. Ele mete nos livros, tenta decifrá-los, morre de curiosidade, como um Sete sexualmente tímido e um pouco esquizóide, com interesses extravagantes e esotéricos.

Com o tempo, torna-se cada vez mais barulhento e jovial e é preenchido com cada vez mais fantasias. Tenta se dedicar à pesca do ouro, como fazia seu tio-avô, o Coronel Aureliano Buendía, mas logo se entedia porque é um trabalho muito trabalhoso; E7 muito sexuais que iniciam novas atividades com zelo para desanimar ao ver o custo da tarefa.

E como costuma acontecer com homens deste caráter, é uma mulher que o arranca do seu mundo imaginário dentro do quarto de Melquíades, pois, por uma feliz coincidência, ele se sente atraído por Petra Cotes, que o confunde com seu irmão gêmeo, José Arcadio. Aureliano Segundo

finge ser ele para tê-la como amante, comportando-se como um trapaceiro ao não desfazer o erro. Ele continua o engano de continuar dormindo com ela até que o bolo seja descoberto, após o que decide ficar ao lado de Petra até a morte, e ela tira dele sua parte mais vital e expansiva, a alegria de viver em uma busca contínua de prazer, em um romance onde tudo é grande.

Desde então, ao lado de Petra Aureliano Segundo começa a ter uma sorte incrível. Seus coelhos se multiplicam, suas vacas geram trigêmeos, galinhas e porcas se reproduzem mais rápido do que qualquer outra no condado e logo ele fica rico. Começa a organizar festas onde a extravagância é a norma, trazendo músicos e gastando muito, para desgosto de sua bisavó Úrsula. Realiza fantasias como vestir-se de tigre em um carnaval montado por ele mesmo, pois para ele nada é impossível; sugestão e dinheiro o levam a uma ganância insaciável por experiências. Certa vez, em sinal de rebelião contra as reclamações de Úrsula, ele empacha a mansão da família com contas.

Em uma de suas famosas festas conhece Fernanda del Carpio, por quem traz ferida nos braços devido a um acidente e por quem se apaixona perdidamente. Ela cede aos seus encantos, mas ao saber que Aureliano continua visitando Petra Cotes, foge de volta para a casa do pai. Aureliano não desiste dos esforços para casá-la e vai procurá-la por todo o país. Outra característica do E7 sexual: apaixonar-se e ser capaz de tudo para vencer.

Desde o casamento, ele apoiou duas mulheres que levavam uma vida dupla. Por um lado, tem uma vida ordenada e formal com Fernanda del Carpio, com os seus filhos e uma intimidade sexual enfadonha, garantindo assim cuidado e segurança ao lado de uma mulher, como uma criança que procura no companheiro uma mãe generosa.

Por outro, continua a sua relação com Petra Cotes, numa vida de excessos, festas, refeições e sexo, tudo com o conhecimento explícito da sua esposa. Em alguma ocasião, Fernanda tenta envergonhá-lo mandando suas roupas em baús pela rua principal para que todo Macondo descubra sua falta de respeito, mas a autoindulgência de Aureliano Segundo lhe permite viver isso com naturalidade, sem qualquer tipo de ridículo. . O preço que você paga, entretanto, não é pequeno. A vida dupla e os excessos prejudicam sua condição física, ganhando peso considerável devido às competições alimentares.

Outro aspecto a destacar é a relação que estabelece com a filha mais velha, Meme, a quem protege da severidade da mulher, permitindo-lhe sair com rapazes americanos, encobrindo as

saídas nocturnas e rindo graças a ela. Trata-se da típica indulgência cúmplice realizada pelo E7 sexual com as pessoas ao seu redor, incentivando aquela rebelião para se sentir mais calmo com os seus e gerando laços envoltos em sigilo que protegem seu atrevimento e seus delírios. Após a enchente que assola Macondo, ele perde toda a sua fortuna, como temia Úrsula, e sua falta de previsão o leva à ruína. Mas Aureliano não fica no fracasso, não conseguiu sustentá-lo e também não assume a responsabilidade pela ruína. Pelo contrário, inventa-se outra fantasia narcísica de ter dinheiro e sucesso, conseguindo sobretudo não se sentir privado ou culpado. A partir daí, dedica-se a perseguir o tesouro enterrado pela bisavó por toda a propriedade, sem sucesso.

Sua nova fantasia não funciona para ele e a realidade se torna mais dura e maior do que suas invenções e imaginações. No final, é a vez dele desistir e vender os poucos animais que lhe restam para cobrir os custos dos estudos da outra filha. É um final triste, digno de um Sete sexual, para quem viver sem consciência do risco muitas vezes leva a situações desesperadoras e, sobretudo, a prejudicar os outros pelo facto de o fazerem avançar na vida com os seus planos imaginários sem ter em conta os emaranhados que ele gera.

Também importante na história é o fato de Aureliano Segundo e seu irmão José Arcadio terem sido trocados ao nascer. Representa a ideia de uma existência dual, cindida e fraudulenta, que está relacionada com o tema mítico do “duplo” (ou Doppelgänger: o duplo fantasmagórico de uma pessoa viva), que tem algumas implicações muito interessantes.

O filósofo Julian Baggini nos diz:

A ideia de que encontrar seu sócio prediz algo fatal é interessante, porque significa que você é seu pior inimigo [...] Ver-nos de fora nos permitiria realmente nos conhecermos, mas pensar que poderíamos nos ver como os outros nos veem é assustador.

E é que o duplo nos coloca em contato com as nossas partes negadas, ou com a de nós mesmos que nos completa, ou com a nossa própria condição egóica de sequestradores e seus plantadores da nossa parte mais essencial. É o caso de um E7 sexual, em que os aspectos da procrastinação, da negação da dor, do distanciamento fantasioso da realidade e da dor, da fraude, etc., nos falam tão claramente de uma suplantação da essência pelo ego.

Esta dualidade assombrará Aureliano Segundo por toda a vida: sua esposa e seu amante se conhecem e concordam em compartilhá-lo, e ele também tem uma vida completamente

diferente, dividida, com cada uma de suas duas esposas. Qual dessas duas vidas é melhor para Aureliano? Com a Fernanda ele emagrece, com a Petra ele engorda...

Com Fernanda ele vivencia sobriedade e até depressão; com Petra tudo é desperdício maníaco...

Aureliano Segundo morre no mesmo dia que seu irmão gêmeo José Arcadio. Os funerários confundem seus corpos, então o emaranhado da infância é restaurado no dia do enterro. No final, sua morte restaura o estado de confusão em que Aureliano ficou preso em vida.

Poderíamos dizer a este respeito que o engano Goico torna muito difícil para um Sete sexual saber quem ele é e, claro, nem aqueles que vivem com ele.

CAPÍTULO 11; Piadas e vinhetas

Barraca

Dois amigos estão dormindo em uma barraca no mato. No meio da noite um acorda e conta para o outro que é um E7 sexual:

—Manolo, acorda, olha!

—O que está acontecendo? -Manolo se alonga

—Você vê? Diga-me o que você vê? -pergunta o amigo com a voz um pouco angustiada.

—Bom, um céu amplo, com uma linda lua cheia, as estrelas brilhando intensamente -responde Manolo.

—O que mais?", pergunta o amigo.

—Vejo também a constelação de Leão, que está alinhada com Saturno ao norte, e a Ursa Maior, que está girando devido à primavera muito quente que estamos vivenciando.

-O que mais? O que mais?

--Uma estrela cadente que cruza o céu de leste a oeste e, por isso, devemos desejar o bem-estar de nossas vidas e do universo.

—Mas o que mais você vê? Algo muito importante

--Ah, eu entendo! Esse céu é como a nossa mente imutável e infinita, não manchada por nada e...

—Mas Manolo, há algo mais importante que isso agora, algo que é essencial para nós.

—não sei...- Manolo responde, um pouco atordoado. --Bem... nossa barraca foi roubada.

O macaco e o tigre

Um ator cômico desempregado vai pedir emprego em um zoológico. Ele conversa com o gerente e ele diz que sim, o macaco está morto e aquela vaga é gratuita, mas que ele deveria se fantasiar

e dizer: “Uh, uh!”. O ator aceita com alegria, ele até se emociona na atuação e monta em um cipó gritando: “Uh, uh!”, com tanto azar que o cipó quebra e cai na jaula do tigre. Assustado, o ator esquece seu papel de macaco e grita:

—Socorro, o tigre está me comendo!

Ao que o tigre responde:

—Cale a boca, eles vão nos expulsar!

CAPÍTULO 12; PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO E RECOMENDAÇÕES TERAPÊUTICAS

Por CRISTINA BUSI E ENRIQUE VILLATORO

O caminho de transformação de um E7 sexual é caracterizado por inúmeros problemas críticos que se manifestam desde o início. Um primeiro obstáculo é, de facto, a motivação para a mudança. Toda a estrutura de carácter do Sete sexual é organizada para manter uma relação alterada com a realidade e uma identificação de si mesmo como apaixonado pela vida. Todo estímulo é manipulado de acordo com essa exigência neurótica, até mesmo eventos dramáticos. Diante dessas premissas, é muito difícil para E7 sexual iniciar sua jornada a partir do reconhecimento de algum tipo de sofrimento em sua vida ou de uma busca ativa por ajuda. É mais fácil para ele solicitar apoio para resolver um problema específico sem questioná-lo a partir de uma atitude de responsabilidade individual.

“Quando o E7 sexual iniciar a terapia, muito provavelmente irá pedir ao terapeuta que o ajude a resolver questões como a fraqueza de sua vontade de colocar em prática seus tantos planos inventados, ou talvez seu relacionamento com seu parceiro esteja em apuros, já que o E7 sexual vem recebendo mais do que dá, sendo obrigado a fazer mudanças. O terapeuta também deve estar atento ao "sofismo da distração", espécie de defesa com a qual o E7 sexual insiste em ocupar o lugar de seu terapeuta e, assim, tornar-se o terapeuta ineficaz de si mesmo, inventando apenas soluções intelectuais para seus problemas. Através deste recurso, você gerará insights sedutores e brilhantes, além de evocar temas aparentemente profundos com os quais se questionará e responderá. Deixado por conta própria, ele criaria desenvolvimentos com associações livres vindas de sua fonte inesgotável de imaginação.”

A mola motivadora do processo de transformação é muitas vezes a mesma paixão neurótica, ou seja, a gula. O Sete sexual inicia a sua jornada de herói» como uma nova aventura na qual

participará com entusiasmo infantil, com a intenção de melhorar a sua vida e torná-la ainda mais agradável.

“Você precisa se concentrar em apenas uma terapia; Minha tendência durante anos tem sido entrar em muitas terapias diferentes (renascimento, ioga, meditação, Osho, PNL), mas fazê-lo superficialmente, sem ir fundo. Há necessidade de terapias terrenas, não abstratas.”

A mudança envolve um enraizamento progressivo e uma desilusão gradual, bem como a coabitação com um estado físico menos excitado. Em suma, a redução do constante estado de hipomania. A mudança estrutural requer longos períodos de tempo e um recipiente suficientemente variado, poliédrico. Por exemplo, o caminho proposto no programa SAT responde a características específicas: é flexível, estimulante e requer participação individual a longo prazo, mas ao mesmo tempo tem escalas de tempo operacionais curtas e intensas. Em conexão com um estado neurótico, o E7 sexual pode co iniciar sua jornada de transformação em absoluta inconsciência inicial.

“O trabalho com os eneatis tipos começou a me predispor à empatia e à compreensão dos motivos dos outros, despertando em mim um interesse real. E funcionou, embora a princípio inconscientemente, na confiança de que os meus limites e a minha neurose poderiam, se eu os observasse e transformasse, ser úteis a outros numa missão consciente de desenvolver um plano para a reabilitação da sociedade. Isto, que no início era apenas uma ideia entusiasmante, transformou-se numa consciência mais calorosa e empática e, mais tarde, numa forma de compaixão e amor para comigo mesmo, e também para com os meus colegas do SAT, uma forma de me abrir com mais coração para outros seres humanos.”

Portanto, os estágios iniciais do processo são organizados em conluio com a estrutura de caráter. Para usar uma metáfora, a tarefa não é estourar o balão nas mãos da criança, mas gradualmente interessá-la e envolvê-la em outras atividades que sejam igualmente divertidas, embora menos sonhadoras.

Um primeiro passo é o reconhecimento da estrutura de caráter, do vazio em que se baseia essa aparente felicidade. É uma passagem muito difícil porque o Sete sexual experimenta bem-estar subjetivo, está perpetuamente em estado de excitação, cultiva pensamentos felizes sobre a vida: sente-se e descreve-se como uma pessoa feliz.

Não é fácil sair deste estado voluntária e intencionalmente, exceto através de um desmascaramento progressivo e da intuição de um novo estado potencial de bem-estar.

“Ele também reclamará de si mesmo, provavelmente por não conseguir algo, pois o esforço implica a dor que ele evita, e o sucesso resulta em ter que assumir responsabilidades. Isso tem um preço: ter que abdicar da zona de conforto e fazer sacrifícios. Ele só se esforçará para fazer certas coisas, desde que seja o que mais gosta, e tenderá a fazer isso sempre, cada vez mais.”

O confronto em grupos do mesmo subtipo pode ser muito eficaz nesta primeira fase. A cola do grupo gera calor e adere enquanto ativa um componente espelhado. Como as crianças num acampamento de verão, tudo é uma piscadela de sorrisos, olhares, piadas, enquanto o confronto verbal prolongado como um fim em si mesmo, independentemente do feedback externo, não apoiado empaticamente, leva ao colapso fisiológico. Todos dizem “eu”, “eu” e “eu”>, focados apenas na capacidade de chamar a atenção do ouvinte.

“Fiquei muito atento tentando verificar se o terapeuta estava atento a tudo que eu falava para ele. Preparei alguma outra armadilha verbal para ele ver se ele estava realmente atendendo ao meu processo. Eu estava tão consciente disso que negligenciei o mais importante.”

Como pintinhos cantantes, eles agem por necessidade de atenção, lançando argumentos hiperbólicos. Neste primeiro processo de espelhamento, onde as estratégias interpessoais são amplificadas e as necessidades de reconhecimento são necessariamente frustradas, pode abrir-se um espaço de motivação autêntica.

“O trabalho com os eneatis, já no SAT I, quase imediatamente me deu a possibilidade de ir além do julgamento. As pessoas pareciam-me personagens de uma boa peça, no melhor sentido da palavra, com o seu mundo agora mais compreensível e as motivações ditadas pelas lentes neuróticas do seu eneatis. Entre eles, e no mesmo nível, também eu estava prestes a dar-me a conhecer.”

Uma questão fundamental é o contato com a carência, com o vazio, com a angústia básica.

“Vi a minha sedução, a compulsão de simpatizar com os outros como uma forma de egoísmo não reconhecido, e compreendi que não faço nada pelos outros que nem sempre seja para meu benefício.

Entendi em que consistia a minha fraude, que não tinha visto antes, e também reconheci a autoindulgência como uma forma de autoengano. Como minha tendência de pensar positivo, em vez de sabedoria, era antes uma incapacidade de entrar em contato com a dor e permanecer nela.”

“O excepcional, o extravagante, fingindo ser único, tem sido em algumas fases da minha vida uma verdadeira razão de ser. Sem isso, eu estava convencido de que ninguém iria me amar: os amigos iriam me abandonar, as mulheres iriam me ignorar... Essa atitude me levou a muitos erros, principalmente na minha vida sentimental. Não sabia cuidar dos meus sentimentos nem dos outros, só me interessava as coisas fascinantes para que não me deixassem em paz.”

Nesta fase é essencial criar vínculos genuinamente de apoio. Será necessário que o E7 sexual chegue equipado para esta passagem e é desejável que ele tenha começado a desenvolver algumas competências existenciais. Em primeiro lugar, a possibilidade de entrar em contacto com o próprio mundo emocional e diferenciá-lo, através, por exemplo, de intervenções de Gestalt-terapia ou da exploração de si através do teatro.

“Também me ajudou a estar em contato com o meu medo, a ouvi-lo e a poder conviver com ele, a reconhecê-lo.”

“O treinamento físico teatral me ajudou a me encarnar, já que eu era um personagem mental e intelectual.”

“O que me ajudou a substituir o apoio do mundo pelo autoapoio foi explorar as emoções, mantê-las e sentir uma profundidade dentro de mim, quando antes me sentia basicamente bidimensional. Descobrir um mundo interior não intelectual despertou em mim uma sede incrível de contato comigo mesmo.”

Outra aquisição fundamental é uma maior confiança no próprio corpo e uma escuta mais articulada de sinais sutis, à medida que o movimento autêntico pratica o incentivo.

“As sensações corporais do E7 sexual sempre abrigam capítulos de sua história e, ao mergulhar nelas, podem liberar emoções e sentimentos associados às imagens de sua raiva negada e de sua dor evitada. O terapeuta estará atento para aprofundar cada vez mais cada emoção, amplificando-as. Ele também retornará às sensações do peito, acessando imagens a elas, caso seu cliente se distraia novamente, o que é

muito provável que aconteça quando sua mente rápida interfere, interpretando-se ou agindo como comentarista. Alimentada para seduzir seu terapeuta com insights.”

“Com o processo terapêutico me abri ao teatro e à expressão corporal, trabalhando com a biomecânica e o teatro da carne de Art taud. Se antes eu sabia usar o corpo, técnica e intelectualmente (sou músico e instrutor de montanhismo), então tive que aprender do zero a ouvir o meu corpo, as suas necessidades, desejos e emoções.”

A prática do desapego por meio de algumas formas de meditação favorece a identificação progressiva com um self mais amplo que a estrutura de caráter, elemento que gera confiança na possibilidade de vivenciar a contenção, sem se deixar dominar, diante de experiências depressivas e angustiantes que de outra forma seriam viveria tão desesperado.

“Consegui explorar a meditação, que já praticava regularmente, de uma nova forma e com mais sugestões úteis disponíveis, e integrá-la mais no processo de transformação. Ao poder praticar Dzog chen todos os dias, o SAT V fez-me ter uma nova experiência sobre a natureza da mente, que espero que me ajude a aprofundar esta ferramenta para mim, que, dada a natureza mental do meu carácter, parece me fundamental, porque me faz entrar no corpo e no presente, numa calma interior que me centra.”

Somente com essa bagagem o Sete sexual poderá se render a uma queda necessária, e para ele devastadora, por terra.

“A pergunta do terapeuta deve ser dirigida ao nível concreto da terra e não ao céu do intelecto.”

“Comece a ver que o mundo não é apenas rosa; que o preto, o marrom escuro e o vermelho sangue também existem. entender e experimentar que sou uma pessoa muito sensível. Isso me ajudou a abraçar meu papel de menina e poder acompanhá-la agora como a adulta que sou.”

É uma expulsão autêntica e propícia do paraíso, e só um desejo de libertação sensivelmente ancorado pode levar esta personagem a um contacto mais autêntico com a sua essência. Nesse estágio, as experiências de pico podem ser úteis, tanto por meio de algum trabalho corporal quanto pelo uso de psicodélicos.

“O contato físico tem me ajudado muito, trabalhar com sonhos também tem sido importante, aí eu me defendo menos e me dou mais. O trabalho corporal tem sido muito útil, especialmente movimentos rítmicos hiperventilantes ou de transe, meditação em movimento de Osho e trabalho com plantas sagradas, é claro.”

É importante que haja um equilíbrio entre as dimensões dionisíaca e apolínea. O dionisíaco deve ocorrer de tal forma que o E7 sexual possa sustentar um potencial erótico firmemente ancorado em instâncias vitais.

“...O que aprendi com esse devaneio foi algo concreto. Mais uma vez, a vida me colocou em uma daquelas situações assustadoras que um E7 sexual ficaria feliz em não enfrentar. No entanto, não havia espaço para isso. Bem onde estava fechei os olhos, senti novamente aquele nó no estômago, escutei esses seres horríveis, deixei que eles se desenrolassem e, como no sonho, arrumei um deles e toquei nele por alguns minutos. Quando abri os olhos já estava mais calmo e senti como se tivesse tirado forças de outro lugar. Claro, tudo melhorou depois. Não evitando esse mundo, mas reconhecendo-o e enfrentando-o.”

“Além disso, coincidiu nessa época que conheci dois terapeutas americanos que faziam um trabalho experiencial com sexualidade que achei muito interessante e também iniciei esse processo de terapia sexual. Acho que essa terapia foi a que mais me ajudou a conter o desejo e a impulsividade.”

A dimensão apolínea será implementada como possibilidade de estruturar uma visão ampla, de contenção, estável e direcionada. O trabalho de transformação desse personagem atua diretamente, quase por impressão, erodindo a estrutura do personagem ao mesmo tempo em que cria novas formas de processar a experiência de vida. Só através deste minucioso trabalho de reestruturação se criam as bases para uma revisão biográfica, o reconhecimento dos factos dolorosos e o necessário processo reparador. Nessa fase, o E7 sexual também pode acessar intencionalmente a terapia individual.

“Com uma mãe gravemente deprimida, com mania suicida e paranóica, e um pai autoritário, pouco carinhoso e ausente, desenvolvi um personagem que tem dificuldade em expressar sua dor, porque não havia ninguém para ouvi-la, e isso em parte se transformou em uma incapacidade para ouvir isso.”

“Durante muito tempo senti, ao final da tarde, uma cócega no estômago que depois se transformou num nó e acabou por me inundar. Diariamente. Foi um sentimento de muita angústia, que me deprimiu muito, me deixou muito melancólico e me fez pensar em todo tipo de estratégias e engenhocas para apagá-lo. Depois de anos de terapia e desvios sobre o assunto, decidi contá-lo em uma sessão.”

Passar pela dor individual é possível graças ao desenvolvimento da compaixão. Envolve transportar esse núcleo ferido da autoexcitação forçada para um prazer menos intenso e mais duradouro, um prazer mesencefálico e não reptiliano. As intervenções deste período são fundamentalmente de natureza corporal e num ambiente caloroso, constante, acolhedor e contido, de tipo maternal.

“Me ajudou muito quando meu terapeuta atuou como figura paterna e me deu o reconhecimento e o carinho físico que meu pai não me deu. Isso para mim foi muito curativo. Ajudou-me a confiar no meu terapeuta no momento em que ele expressou as suas dificuldades e se mostrou mais como pessoa do que como terapeuta.”

“Como cliente, o que me ajudou foi a proximidade, a compaixão, que me confrontem com amor, que reconheçam a minha dor, que me mostrem a minha exigência, e a exigência me torna difícil e rebelde, a acusação sem vínculo, quando percebo o julgamento, quando me sinto acusado sem amor.”

“Descobrir que tinha inveja de alguém foi um alívio: significou não me sentir sozinho, porque pude reconhecer que havia alguém no mundo, alguém melhor que eu, alguém que eu poderia admirar.”

O encontro final realiza-se na passagem paterna, rumo àquela visão apolínea ampla e estável que só uma figura paterna pode dar e que se manifesta a um nível específico com características como maior congruência, consistência, constância...

“Acredito que o comprometimento e a perseverança no processo terapêutico foram a base do meu progresso. Até que eu me compromettesse a segui-lo regularmente, não fazia sentido começar. Gosto e ajuda-me que me confrontem de uma forma clara e contundente.”

“Tornou muito difícil para mim me render ao ver os fracassos do meu terapeuta, ao ver o ego dele, porque ele reagiu e me colocou acima de mim, e foi muito difícil para mim passar por essa fase. Claro que, uma

vez alcançado, foi-lhe dada uma dedicação total, ouvindo, aproveitando cada frase e confiando na sua intuição e sabedoria.”

O novo equilíbrio apoia uma operação global mais virtuosa, orientada para a sobriedade. Manifesta-se num maior enraizamento na realidade e numa vida relacional mais empática, orientada para a concretização de um plano de vida mais estável e coerente.

O Sete sexual é capaz, neste nível de transformação, de se reconhecer num nível existencial mais complexo, que perdeu em excitação e entusiasmo e ganhou em atribuição de significado, incluindo outros e com base numa nova capacidade de integrar o " aspectos negativos" da realidade.

“Ele fez retiros de meditação e trabalhou com psicodélicos e usinas de energia. No verão continuei a fazer os SATs, o que achei fantástico. Lembro-me de um deles quando, buscando seu reconhecimento, contei ao Cláudio todas as terapias que estava fazendo, e ele me disse que era um bom sinal ter colocado a gula a serviço do autoconhecimento, mas que, como na própria vida , ao fazer tanto ao mesmo tempo ele deveria estar assimilando pouco.”

“...é o meu trabalho que realmente me ajuda a ser sexual E7: Eu trabalho sozinho, cada novo livro é um novo desafio, a repetição e o tédio não têm lugar, a minha tarefa é feita em silêncio, olhando para dentro eu trabalho com as emoções e imaginação...”

Resumindo, no trabalho com o E7 sexual pode ser útil:

- reduzir a inflação do amor erótico através da comunicação sincera e constante, com um compromisso com um parceiro ou com um compromisso vital como a paternidade;
- entregar-se a tarefas generosas e não egocêntricas, como algum voluntariado, desde que não o utilize para engordar ainda mais a ideia grandiosa de si mesmo;
- constância com um processo de transformação concreto, restringindo sua tendência a bicar disciplinas por entusiasmo ou pseudo-paixão tão intensa quanto passageira.

“Dessa forma, quanto menos eu seduzia, menos buscava, uma noite apareceu aquela que hoje é minha esposa. Graças ao seu apoio, compreensão e confiança mútua, temos uma relação estável. Nem grandes paixões nem decepções. Entendi que estamos ali, sem nos sobrecarregar, vendo a nossa incapacidade de amar, aprendendo juntos e apostando no compromisso. Decidimos querer amar um ao outro. Ninguém

nos ensinou a amar e sentimos no jardim de infância, com todo o entusiasmo colocado nesse aprendizado apaixonante que é a convivência e a fidelidade ao outro. Já passamos por crises de cada um e de ambos.”

Os três amores em transformação

Quanto aos três amores, a transformação atua no sentido oposto ao da neurose, de modo que o desenvolvimento do amor compassivo e admirador tende a equalizar ou, melhor, a equilibrar a presença dos três amores nas vidas. do E7 sexual, perseguindo no horizonte a dissolução da hierarquia.

Para uma personagem dada a perder-se na fantasia, o contacto com a terra, com o tamanho real das coisas, é crucial. Os três amores, quando nivelados, ajudam você a caminhar em direção a um maior grau de coerência vital e a uma experiência mais ampla de autenticidade.

O amor compassivo é o primeiro a ser afetado pela transformação, provocada pelo encontro face a face com a sua dor. Sentindo sua ferida, ele aprende a sentir também a dor dos outros sem se deixar dominar. Permitir-se sentir dor é um retorno à terra, à verdadeira dimensão da realidade, e também é uma consciência importante, pois você percebe que sentir dor, tanto a sua quanto a dos outros, não te mata, o que rompe com a ideia maluca essa dor é insuportável.

Tornar a sua dor visível e tolerável leva você a ser capaz de tornar visível a dor dos outros de uma forma realista, e fingir que não a vê torna-se desnecessário. Esse fingimento é apenas uma das muitas estratégias desse subtipo, elaborada por medo de ter sua própria dor revelada.

A forma de aprender e “fazer ginástica” com amor compassivo é assumir compromissos, cuidar dos outros através de pequenas tarefas, mesmo que não sejam muito grandes, atos constantes que exigem presença diária. Muitos dos E7 sexuais se veem arraigados nesse tipo de amor ao se envolverem no cuidado dos filhos mais novos, dos idosos ou dos necessitados.

Particularmente terapêuticos são os laços familiares, pois, não estando relacionados com o exercício de uma profissão ou com atos episódicos de generosidade, exigem uma presença constante e confrontam-no diretamente com as suas responsabilidades. Aí você tem uma oportunidade maravilhosa de experimentar em primeira mão o amor benevolente, amando alguém sem medo de ser traído ou usado. Nesse sentido, para muitos tornar-se pais foi talvez o acontecimento mais significativo de suas vidas para alcançar o equilíbrio, acabar com a neurose

e conter a gula, pois exige deixar de lado a própria inconsistência e assumir o compromisso de responsabilidade na vida.

A experiência da paternidade é um veículo importante que direciona você para uma maior compreensão da compaixão. Como se ser pai fosse uma oportunidade de finalmente ter o luxo de cuidar da criança interior e talvez começar a curar a dor. Poderíamos dizer que o E7 sexual tem capacidade de ser um bom pai, se é que existe “um bom pai”; embora fosse mais correto dizer que ter filhos pode levá-lo a ser um bom pai e, portanto, uma pessoa melhor.

Quanto à transformação do amor erótico, reconhecer a própria dor e entrar em contato com suas necessidades o ajuda, paradoxalmente, a vivenciar o verdadeiro prazer, tão almejado e perseguido por esse subtipo. Ao tornar desnecessário evitar a dor, a busca compulsiva por novos desafios, tanto físicos quanto intelectuais, diminui, e o resultado é um aumento na capacidade de aproveitar o momento presente e aprender (finalmente!) a aproveitar os pequenos prazeres da vida.

Especialmente útil para o E7 sexual é o ensinamento de que os prazeres reais são muito menores do que se imaginava, mas por isso estão muito mais próximos, são mais frequentes e diários do que eu pensava. A vida deixa de parecer um filme onde se projetam prazeres hipotéticos e passa a ser um lugar real e tangível, onde há dor, mas também pequenos prazeres como respirar, curtir uma conversinha com um amigo ou colocar o parceiro para dormir.

Na sexualidade, como na vida, o Sete sexual aprende a viver o prazer do momento presente, e deixa de confundi-lo com a antecipação contínua do próximo momento, a constante imaginação de um prazer ainda maior. Mais uma pausa e um ótimo presente para esse subtipo.

No casal, o equilíbrio do amor erótico leva-o a aprender a conviver com o outro, a conhecer e respeitar os seus limites e os dos outros, a manter-se à direita, sem ultrapassagens ou avassaladores, diminuindo a sua necessidade constante e neurótica de ser o centro, sem derreter ou cortar bruscamente o outro.

O processo de admirar o amor se dá de forma semelhante aos anteriores. Aceitar a dor como ela vem, mais o prazer de descansar na realidade da vida, nas coisas do dia a dia, como o almoço, o jantar, as necessidades do casal, dos filhos... ajuda a redimensionar as enormes expectativas dele em relação a si mesmo e aos outros. A admiração genuína virá da redução dessas expectativas

grandiosas e, à medida que você se sentir mais normal, mais humano, também encontrará professores mais normais e mais humanos. Ao aprender a tornar-se pequeno, você também reduzirá o tamanho dos professores, que por sua vez se tornarão verdadeiros professores. Só então você estará pronto para receber seus ensinamentos e permitir a transformação.

Se em algum momento ele se achar digno dos maiores professores, através da dor descobrirá que deve aprender mais do que ninguém, especialmente com as crianças, com os ignorantes, com os pobres e com os ingênuos; até mesmo dos animais e dos ciclos da natureza. É assim quando seu caos interior lhe permite observar uma ordem de coisas da qual antes havia escapado.

Mais uma vez, o encolhimento do ego provocado pelo encontro com a sua dor revela-lhe como ele confunde amor verdadeiro com admiração e expectativa. A primeira pessoa que você precisa aprender a admirar de verdade, sem expectativas, é você mesmo. E fá-lo graças ao caminho através dos outros dois amores, especialmente através da compaixão. Quando, pela primeira vez, consegue sentir compaixão por si mesmo, deixa de exigir a si mesmo e aos outros. É aqui que ele pode começar a confiar em si mesmo, na sua autoridade, nas suas habilidades e na sua maturidade, para assumir as responsabilidades que historicamente delegou aos outros, através de artimanhas infantis.

Só quando deixa de procurar um pai e de esperar (ou exigir) dos outros o seu cuidado, o seu encorajamento, a sua ajuda, é que pode desenvolver uma admiração autêntica, isto é, desinteressada. Mas esta admiração surge do reconhecimento da sua real dimensão, que é infinitamente menor do que ele acreditava. Quanto mais descobre o pequeno, mais descobre que o mundo está cheio de guias, professores e referentes.

- O E7 social, com seu comportamento simpático, gentil e sedutor, facilita o relacionamento interpessoal até que este se transforme em um relacionamento íntimo, que é o que ele mais teme. Difere principalmente dos subtipos sexual e conservacionista por uma maior ambivalência em relação à paixão da gula.
- Dentre os subtipos, o social é o que mais busca a autoridade, o conservador é o que mais a confronta e o sexual é o que mais a questiona.
- O subtipo sócio-sexual é dotado de maior inteligência verbal e corporal, que utiliza para manter a atenção sobre si mesmo, para ser visto e aceito.

- O uso da fantasia é central para esse personagem. Embora o atinja menos que seu irmão sexual E7, é um elemento essencial para manter sua paz interior e reparar as feridas narcísicas que a vivência lhe causa. Nessas fantasias ele pode viver seu eu ideal, sua família ideal, seu mundo ideal, além de transmitir aquilo que não ousa brincar no mundo: seu impulso sexual mais cru e sua agressividade.
- A forma de fazê-lo sempre gerou polêmica entre nós que abordamos sua vida em busca de inspiração, pois às vezes ele parece mais movido pela paixão do que pela virtude. Além disso, recentemente Claudio Naranjo apresentou a hipótese de que poderia funcionar mais próximo do Sete sexual, e convidou-nos a aproximar-nos da figura de Rabindranath Tagore e de José Martí, este último personagem a quem dedicamos o capítulo que segue. seguir.
- Isso o diferencia da constelação de traços de um E7 sexual ou conservacionista, de excessos mais dramáticos em suas relações com o mundo e cujas ações tendem a ser menos convencionais. O subtipo conservação tem aquele egoísmo estratégico, aquele comportamento mafioso, sem chegar ao excesso de E8, o que o torna atrativo para os artistas. O Sete sexual transgride os limites tanto da convenção sexual quanto do místico, ele tem um élan artístico e a capacidade de fascinar com seus cantos de sereia. Ambos manifestam um dramatismo maior e por isso estarão mais habituados a habitar novelas, filmes e séries.

CASTANHA

O Eneagrama Completo

Sete Sexuais: “Suggestibilidad”

Setes Sexuais expressam a gula através uma necessidade de imaginar algo melhor do que a realidade comum. Glutões de coisas de um mundo superior, eles são sonhadores idealistas com paixão por viver em sua imaginação. Setes Sexuais olhar as coisas com o otimismo de quem está apaixonado; eles veem o mundo através óculos cor de rosa. “Suggestibilidad” refere-se a ser um tanto ingênuo e fácil de hipnotizar. Alegre e entusiasmado, eles se concentram em possibilidades emocionantes e fantasias prazerosas, e eles acredite que eles podem fazer tudo.

- Os Sete Sexuais canalizam a gula para um busca idealista pelo relacionamento definitivo e pelas melhores experiências imagináveis.

- E quando o impulso para a conexão sexual ou individual domina, o caráter Sete é expresso através de uma personalidade extremamente entusiasmada cuja gula por experiências prazerosas cria uma tendência para ver a realidade de uma forma extremamente positiva.
- Os Sete da Autopreservação e os Sete Sexuais devem ser fáceis de distinguir, pois representam dois extremos opostos de um continuum, do pragmático e materialista (Autopreservação) ao idealista e etéreo (Sexual). O subtipo Autopreservação é mais terreno e sensual – mais guloso no sentido literal da palavra – enquanto o Sete Sexual é mais “celestial” e entusiasmado, mais “olhando para cima” em termos de positividade e ideais elevados. Embora ambos os personagens se concentrem em tipos distintos de excesso, o Sete da Autopreservação é a personalidade mais astuta, astuta e pragmática entre os Sete, enquanto o Sete Sexual é mais um desfrutador alegre. Em contraste com os Sete Sexuais, os Sete da Autopreservação não são tanto idealistas, mas cinicamente desconfiados. Eles não são pessoas crédulas que são facilmente hipnotizadas (como são os Sete Sexuais); eles são mais práticos e concretos. O Sete da Autopreservação é o personagem mais astuto e estratégico dos três subtipos dos Sete. Eles podem exibir elementos do Tipo Seis, pois às vezes podem ficar com medo ou até paranóicos, embora esse não seja seu modo normal. E talvez paradoxalmente, os Sete da Autopreservação estão mais ativamente sedutor, sedutor e sexual do que os Sete Sexuais, que muitas vezes se concentram mais em um tipo de comunhão imaginada e idealizada do que sexo real. Enquanto o personagem dos Sete da Autopreservação se assemelha a um tipo de pessoa “playboy” ou “playgirl” - um apreciador de comida e sexo - os Sete Sexuais pode se contentar com o perfume das coisas. Os Setes de Autopreservação podem ter menos dificuldade do que os outros Setes em assumir compromissos.
- Quando os Setes de Autopreservação têm o instinto Sexual como seu segundo instinto mais dominante, eles podem se parecer mais com os Seis (mais isolados, excessivamente cuidadosos e estratégicos), e quando têm o instinto Social em segundo lugar, podem parecer mais com os magnânimos. Oitos (orientado para as pessoas e impulsivo).

Os Sete Sexuais: “Sugestibilidade”

Indivíduos com o subtipo Sete Sexuais são glutões por coisas do mundo superior - por vendo as coisas com otimismo como poderiam ser no mundo ideal de suas imaginações. Setes Sexuais são sonhadores com necessidade de imaginar algo melhor do que a dura realidade comum. Esses

Setes têm paixão por embelezando a realidade cotidiana, para sendo muito entusiasmado, e para idealizando coisas e vendo o mundo como melhor do que realmente é. Sua gula é expressa como uma necessidade de idealização. Setes Sexuais são não estou tão interessado nas coisas deste mundo como eles estão nas coisas de um mais dimensão altamente avançada. Eles olham para o céu como uma fuga da terra; eles são mais “celestial” do que “terrestre”. Pessoas com este subtipo são apreciadores alegres com uma necessidade de sonhar e idealizar e embelezar o comum. Seguindo esta tendência, podem ser muito idealista e um tanto ingênuo.

Esses Setes tendem a olhar as coisas com a otimismo de quem está apaixonado. Tudo fica melhor quando você está apaixonado, e o Sete Sexual se refugia nesse tipo de experiência ideal e positiva como forma de evitando inconscientemente o que pode ser desagradável na vida. Eles concentram-se em uma visão altamente positiva da vida para se distrair do desconfortável ou assustador emoções das quais prefeririam permanecer inconscientes. Diz-se que “o amor é cego”. Naranjo afirma que pode-se dizer que os Setes Sexuais são cegos no mesmo sentido: eles demonstrar um pouco de entusiasmo e otimismo demais e prestar atenção desproporcional aos dados positivos em uma situação. Esses Setes podem se apaixonar muito intensamente, e eles se relacionam com seu mundo através sonho e imaginação. Eles imagine o que o mundo poderia ser, e podem acreditar que esta visão otimista é real. Desta forma, os Setes Sexuais expressam necessidade de fantasiar, necessidade de sonhar ou necessidade de óculos cor de rosa. Esses Setes têm um tendência a ser muito feliz. Eles demonstram a necessidade de viver em um realidade encantada, fantasiar-para vivem em um mundo que eles criam em suas mentes em vez do mundo externo real. Isto pode ser visto como uma compensação excessiva que reflete um desejo inconsciente de negar ou evitar as partes dolorosas, chatas ou assustadoras da vida. Os Setes Sexuais tendem a experimentar um medo de ficar preso a esse tipo de sentimento e então refugiar-se no otimismo.

A necessidade deste Sete de sonhar é uma forma de idealização – uma paixão por ver a vida como ela poderia ser ou como eles imaginam que seja; um tendência de viver pela doçura em um mundo sonhado ou imaginado, e não na realidade comum e não tão interessante. Eles não quero prestar atenção a nada de ruim ou difícil que possa estar acontecendo. Os Setes Sexuais pensam: “Estou bem, está tudo bem”. Naranjo destaca que essa forma de pensar é muito terapêutica para quem não é Sete. Os Setes Sexuais muitas vezes tiveram algum tipo de experiência dolorosa enquanto

cresciam e eles adotou uma sensação de leveza como defesa contra sentir sua dor. Eles se refugiam defensivamente em um humor feliz, ou excessivamente feliz, e expansivo que funciona como uma forma de inconscientemente desviando-se de reconhecer e sentir uma dor mais profunda. É como andando levemente acima das coisas ou pairando em um nível elevado como meio de escapando das emoções desconfortáveis. O nome dado a este tipo é “Sugestibilidade”, o que implica uma prontidão para ser mentalmente flexível e imaginativo— mas também tem a ver com ser crédulo, fácil de hipnotizar e suscetível à infecção do entusiasmo. Naranjo aponta que as defesas cognitivas do Sexual Sevens são moldadas como sugestão, fantasia e ilusão.

Eles podem acreditar ingenuamente que as pessoas são o que dizem ser, e eles podem ser muito confiante, vendo o mundo e as pessoas lindas, talvez excessivamente positivo, termos. Eles correm para um futuro idílico e longe de um presente potencialmente desconfortável ou doloroso. Eles exibem uma prevalência do pensamento e da imaginação sobre o sentimento e o instinto. Em termos de estilo pessoal, os Setes Sexuais são pessoas que gosto de conversar muito. Eles são prolixo e entusiasmado com seu próprio discurso, e sua fala é caracterizada por um fluxo de “ideias e possibilidades maravilhosas.” Eles também podem jogar o papel do palhaço despreocupado a quem nada parece afetar. Pessoas com este subtipo tendem a usar humor irônico, que pode ser escapista, e eles testam limites através sedução e humor. Eles procuram aceitação, apreciação e reconhecimento, e eles manipular através da sedução. Setes Sexuais planejar e improvisar muito. Eles acreditam que podem fazer tudo e sentem necessidade de planejar ou montar estratégias de sucesso que garantir o seu prazer. Eles podem sentir ansiedade, no entanto, sobre o dificuldade de se envolver em muitos cenários de uma vez e ter que desistir de algo. Eles podem ter um energia inquieta e ansiosa, que pode assumir a forma exterior de fazer coisas em muitas frentes e de se envolver em muitas atividades ao mesmo tempo. Deles excitação e ansiedade podem obscurecer sua percepção da realidade.

Às vezes eles podem rebelar-se através da agressão passiva, o que eles tendem a fazer vivendo em sua imaginação—relacionando-se com as situações como gostariam que fossem e não agindo no mundo real. Setes Sexuais veja o mundo como um mercado de oportunidades excepcionais: quanto mais você aproveita, mais pode aproveitar. Esses Setes expressam entusiasmo sobre a possibilidade de consumir muitas experiências – tudo é emocionante e espetacular—como quem vai a uma padaria e quer experimentar de tudo um pouco. Eles encontram uma sensação de satisfação em poder ter tudo, em não perder ou perder nada. Ao contrário do que poderíamos

esperar deste subtipo Sete “Sexual”, este Sete é não tanto focados no sexo, mas na essência do amor. Setes Sexuais se apaixonar com muita facilidade, mas eles não estão tão interessados em fazer sexo com alguém como estão alcançando uma espécie de conexão final idealizada. A própria sexualidade permanece principalmente na cabeça para esses personagens.

É uma sexualidade normal por um lado, mas é uma promessa de uma abertura maior para um união mística por outro. Os Setes Sexuais são glutões por coisas do mundo superior, e isso os torna sonhadores. Eles muitas vezes sentir uma atração pela experiência espiritual ou metafísica, bem como a coisas extraordinárias ou esotéricas. Terrestre, coisas mundanas podem ser muito difíceis de suportar para uma pessoa que vive em um lugar mais realidade mental idealizada, e assim esse indivíduo pode ter uma intensa não gosta de atividades que consideram rotineiras, tediosas ou chatas. Para os Sete Sexuais, coisas terrenas exigem esforço, e pode, portanto, parecer chato ou tedioso, enquanto o mente funciona tão facilmente e sem atrito. É muito mais fácil imagine fazer algo do que realmente fazer. Portanto, este Sete encontra conforto – entregando-se a uma espécie de preguiça mundana – em imaginar em vez de fazer.

Os Setes Sexuais podem percorrer o caminho da gula à sobriedade, perceber quando eles estão vivendo em sua imaginação e não na realidade e se permitindo explorar por que eles estão fazendo isso e o que está acontecendo dentro deles quando permitem isso. Se você é esse Sete, aprenda a distinguir entre fantasia e realidade. Trabalhe na compreensão sua necessidade de embelezar a realidade e idealizar pessoas e coisas e explore os motivos e sentimentos por trás dessas tendências. Esteja alerta para identificar “argumentos lógicos” e racionalizações que sustentam fantasias que o impedem de crescer e avançar. Reconheça quando um a visão cor-de-rosa de algo está mascarando uma frustração ou medo mais profundo, e trabalhar para desenterrar esses sentimentos mais profundos. Trabalhe no aprendizado como tolerar a frustração para que você possa obter mais do que deseja e precisa no mundo real e não precise subsistir da fantasia. Observe se você está engajando-se em rebelião passivo-agressiva de qualquer tipo, e eu investigue o que pode estar motivando isso. Trabalhe para entre em contato com seus sentimentos mais profundos, incluindo medo, tristeza ou raiva. Seja honesto consigo mesmo quando você pensa que está trabalhando em um relacionamento, mas na verdade está apenas “trabalhando nisso” em sua imaginação. Esteja aberto para reconhecendo quando você fica desapontado na realidade de algo; quando não está à altura da sua idealização; e quando a ansiedade pode estar obscurecendo sua visão do que está acontecendo. Apoie-se em entrando

em contato com qualquer ansiedade você pode estar sentindo, em vez de agir, por meio do entusiasmo e da busca pelo prazer.

O guia do Eneagrama para acordar

Subtipo Sexual (Um para Um) 7

Este subtipo é idealista e sonha com um mundo melhor. Eles podem ter dificuldade em estar em contato com a realidade comum como eles viver mais da imaginação de como eles gostariam que as coisas fossem. Eles tendem a ser muito feliz e excessivamente entusiasmado-eles ver o mundo como melhor do que realmente é. Eles têm tendência a fantasiar e ser um tanto ingênuo, percebendo o mundo através “óculos cor de rosa”. Eles têm tendência a ser fascinado por ideias e pessoas. Eles podem parecer crédulo e suscetível às opiniões, interesses e energia de outras pessoas.

Sexual (Um para Um) 7 Sombra

Se este for o seu subtipo, seu idealismo, entusiasmo e otimismo pode levar você a desconectar da realidade de maneiras que você não vê. Você pode estar cego para as coisas você faz isso não serve a você (ou aos outros). Seu a criatividade pode vir com uma tendência a fantasiar, o que pode levar a ser excessivamente positivo. Você tende a exibir mais intolerância para lidar com a dor e a negatividade dados. Seu gula por ver o positivo em tudo pode significar que outras pessoas influenciam você facilmente. Você pode tender a evite lidar com a realidade de maneiras que causam danos reais.

Os 9 tipos de liderança

- One-to-One Sevens são sonhadores idealistas, que precisam imaginar algo melhor do que o que pode ser verdade em sua realidade cotidiana. Extremamente entusiasmados e otimistas, têm paixão por ver as coisas como poderiam ser ou como imaginam que sejam (em oposição a como realmente são).
- Planejadores imaginativos e criativos. Os Setes podem ir tão longe em suas visões utópicas imaginadas que perdem o contato com o que é real. É importante vincular uma visão à realidade para que você possa realmente fazer acontecer. E isso pode ser um

verdadeiro ponto cego para eles – eles (especialmente One-to-One Sevens) simplesmente acham que as coisas são muito mais incríveis do que realmente são.

Os Sete Líderes Um para Um (ou Focados no Relacionamento)

One-to-One Sevens são sonhadores idealistas que têm um foco muito forte em como as coisas poderiam ser ou como eles imaginam que seriam. Em contraste com os práticos Setes de Autopreservação, os Setes Um-para-Um têm a necessidade de idealizar a realidade e ver o mundo através de lentes cor de rosa. São “apreciadores” alegres que podem ser extremamente idealistas, a ponto de serem ingênuos. Eles tendem a ser muito entusiasmados e seu entusiasmo pode ser contagiante. E podem ser altamente sugestionáveis quando se trata de serem afetados pelo entusiasmo ou idealismo de outras pessoas. Esses Setes encaram a vida e o trabalho com extremo otimismo - eles têm uma tendência a serem felizes demais e são os Setes que têm mais dificuldade em absorver dados negativos. A sua visão altamente positiva da vida é uma forma de se distraírem daquilo que consideram uma sensação de realidade quase intolerável – especialmente quando a realidade é monótona, aborrecida ou difícil. Eles imaginam como as coisas poderiam ser e depois tendem a agir como se a visão positiva que imaginam fosse real. Eles podem viver mais no mundo feliz que criam em suas cabeças do que no mundo real, com seus problemas, engarrafamentos, lutas e dores. Como líderes, os One-to-One Sevens querem saber se está tudo bem – eu estou bem, você está bem e nós estamos bem. E pode ser difícil para eles ver e reconhecer quando as coisas não estão bem. Eles podem ser visionários nobres que sentem um intenso compromisso em manifestar a visão positiva de seu trabalho que criam em suas mentes. Alternativamente, eles podem causar problemas quando não prestam atenção a nada de ruim ou difícil que possa estar acontecendo – e não querem ver que não estão prestando atenção às coisas ruins que estão acontecendo. Quando estão menos autoconscientes, podem não reconhecer que estão vivendo mais na imaginação do que no mundo real. Mas quando compreendem a sua programação, conseguem equilibrar a necessidade de idealizar com uma noção clara do que realmente está a acontecer. Quando estes líderes têm inteligência emocional para reconhecer a sua tendência para evitar dados negativos, podem contrabalançar isso pedindo apoio na avaliação de todos os dados numa determinada situação. Quando o One-to-One Setes consegue perceber que sua paixão, otimismo e entusiasmo podem obscurecer sua visão de maneira negativa, eles podem aprender a estar mais conscientes de sua tendência de compensar excessivamente seu medo. Quando conseguem fazer isso, podem concentrar mais energia de maneira mais eficaz em tornar realidade algumas das coisas incríveis que imaginam.

LUCKOVICH

Os impulsos instintivos e o Eneagrama

Sexual

Setes, no estilo Gula, são alta energia e over-the-top, criando um espetáculo para deslumbrar ou entreter parceiros em potencial; ou, eles passarão para outro objeto de desejo se medo de rejeição ou tédio.

Setes Sexuais

Os Setes Sexuais querem experimentar a Liberdade Essencial em química, seus fascínios e suas parcerias românticas. A alta energia do Tipo Sete combinada com o busca de atração, superação de limites O impulso sexual produz personagens coloridos que estão dispostos a abandonar tudo o que estão fazendo em busca de algo que os cativou. Setes Sexuais são altamente criativo, com muitos talentos e muitas vezes com uma veia imaginativa e visionária, mas eles tendem a ter dificuldade em sustentar seus esforços. Este tipo está procurando compartilhar um tipo especial de atração e química com alguém exótico que estimula seu senso do que é possível. O objeto de desejo representa uma porta para um novo mundo e uma entrada em experiências que eles não poderiam ter previsto.

Há uma sensação de que cada parceiro, cada romance e cada mudança na evolução de um relacionamento de longo prazo parceria é uma nova descoberta. Quando eles têm um parceiro, eles tendem a ser muito comprometidos e se esforçam muito para manter as coisas novas e emocionantes, como organizar viagens exóticas ou ter experiências não convencionais. Quando desapegado, há uma fome de flertar divertidamente e explorar a energia interpessoal entre eles e muitos tipos diferentes de pessoas. Eles podem ter gula por excitação. Em um grau ainda maior do que outros Setes, os Setes Sexuais podem facilmente galvanizar a totalidade de sua energia e recursos em direção a uma pessoa ou experiência que os atraia com pouca inibição. Muito do seu talento, charme e sucesso vem dessa capacidade, mas eles podem pular completamente em um projeto ou pessoa, e depois o próximo e o próximo; a consequência é que a sua vida pode assumir um padrão em zigue-zague. Em buscando pessoas e experiências fascinantes, Setes Sexuais quero ser fascinante também. No entanto, a sua tendência para serem esticados pode levar a tendo muitos interesses, mas não muita proficiência em qualquer habilidade nem em

qualquer direção específica na vida, alimentando uma insegurança que eles podem compensar recorrer a ser ultrajante ou provocativo em vez de bem arredondado.

A monogamia pode ser difícil para qualquer um, mas alguns Setes Sexuais podem naturalmente inclinado para a monogamia. Outros podem achar isso um desafio e não aceitar isso simplesmente por medo de perder possíveis flertes e encontros sexuais. Eles podem fantasiar sobre escapar do relacionamento para a próxima experiência sexual. Outros Setes Sexuais podem aderir à monogamia quando a monogamia não é realmente compatível com eles de uma forma tentar “domar-se” e compensar por se sentir fora de controle ou compulsivo. Como um tipo baseado no Centro Intelectual, todos os Setes experimentam dificuldade em estar em contato com uma qualidade de conhecimento e discernimento interior. Quando a personalidade coopta o impulso sexual, ela interfere na inteligência e discriminação de atração e química, sendo substituído por excitação mental intensa, necessidade de estimulação e vendo as pessoas através de um véu de imaginação. Pode parecer quase como se outros se tornam personagens através das lentes de um conto de fadas ou história. Portanto, grande parte da base para a atração dos Setes Sexuais é o potencial simbólico que a pessoa e seu relacionamento podem abrir. O filtro da imaginação cria dificuldade para que os Setes Sexuais desequilibrados permaneçam com as sensações vivas da química, tornando falta de discernimento sobre quem ou o que seria realmente compatível versus meramente emocionante.

Em vez disso, os Setes Sexuais fixos depende de quão intensamente eles são estimulados por uma pessoa ou situação. A obstrução da imaginação sobre a experiência de alguém também pode facilmente se transformar em um padrão de perseguir “picos”. Portanto, o impulso sexual desejo de perder limites combina com o entusiasmo de Seven para criar um tipo que é famintos por experiências intensas e por terem suas expectativas abertas, o que impulsiona um impulso para a escalada. Os Setes Sexuais podem começar a se relacionar com pessoas e encontros como experiências a serem “consumidas”. Seus próprios sentimentos de otimismo e entusiasmo podem cegá-los tanto à forma como podem objectivar outras pessoas como ao custo pessoal de se enredarem nas pessoas sem serem profundamente “tocados”. Setes sexuais desequilibrados irão dificilmente permite que uma situação se desenvolva por si só, e em vez disso irá incitar as coisas junto com a provocação para aumentar a aposta ou adicionar algo à experiência. Quando isso acontece, os impulsos transgressivos e provocativos naturais do Impulso Sexual tornam-se intensificados pela atividade mental em direção ao exibicionismo exagerado e à fascinação pelo

perverso. Eles podem abordar a “perda de si mesmos” sendo chocantes ou ultrajantes, um elemento imprevisível que empurra a si mesmos e aos outros para fora de suas zonas de conforto.

Isso pode afastar a possibilidade de sinceridade e intimidade e minar sua atratividade. Mesmo que desejem compromisso, alguns Setes Sexuais podem acabar sendo um “caso de uma noite” ou uma curiosidade sexual passageira devido à medida em que podem se transformar em uma caricatura. À medida que os Setes Sexuais se tornam mais desequilibrados, abuso de substâncias, exaustão, automutilação, tomada de riscos sem sentido e ataques de ansiedade são comuns. Quando objetificam os outros, podem atacar o objeto da vida do seu desejo, agitar as coisas e depois seguir em frente rapidamente, deixando a vida do seu futuro cônjuge em desordem. Podem contar com os parceiros para cuidar deles física e materialmente, esgotando os seus recursos e justificando o seu comportamento sendo divertido e animado. Ao tentar aumentar a intensidade, Setes Sexuais desequilibrados são propensos a estimular parceiros e interesses românticos a participar em comportamentos degradantes ou destrutivos com eles, ou, em ser desapontado porque um parceiro romântico não consegue viver de acordo com suas fantasias, pode ser violento e abusivo. Quando os Setes Sexuais se ancoram em seus corpos, seu radar para o que é genuinamente animador se torna mais claro. A sua criatividade torna-se mais profunda e renovada e eles são capazes de deixar os seus corações serem tocados pela sua experiência.

ELI JAXON

Da Fixação à Liberdade

- O lado inferior pode ser subjugado em público, permitindo que o pensamento mágico se manifeste apenas em relacionamentos mais íntimos. O lado superior da dicotomia se manifesta como o vigarista ou o encantador. Embora eu ainda não tenha conhecido um Sete sexual que manifestasse o lado inferior da dicotomia, conheci Setes de autopreservação e Setes sociais em ambos os lados.

Sexual: sugestibilidade

A sugestibilidade do Sete sexual cria a condição de “mente de macaco”. Marcado por um curto período de atenção e fascínio contínuo pelo novo e exótico, os Setes sexuais são os

verdadeiros “viajantes cósmicos”. É extremamente raro encontrar um Sete sexual em um relacionamento de longo prazo. O relacionamento contínuo mais longo que conheço é de dois anos. Estes são os gourmets pedindo carona para explorar e desfrutar da variedade de culturas do mundo. Às vezes caluniado como tendo a atenção de uma galinha e a lealdade de uma cobra, Setes sexuais podem ser amigos leais. Eles adoro entrar em sua vida periodicamente e animá-lo, ou ajudá-lo a lidar com seus problemas. Contanto que você não precise deles enquanto eles estão viajando no Himalaia ou tomando sol na Tailândia, eles podem ser amigos de longa data, leais em seus próprios termos. Apenas não espere que eles se aprofundem muito na sua dor, muito menos na deles.

Sexual ~ Sugestibilidade:

Tim Leary, Ram Dass, Cary Grant, Bo Derek, Peter O'Toole

MAITRI

A Dimensão Espiritual do Eneagrama

7 • SUGESTIBILIDADE

Setes Sexuais tendem a fundir-se com quaisquer ideias, planos ou pessoas com quem eles entrem em contato. Então eles são facilmente influenciado, especialmente por seu parceiro ou alguém por quem se sente atraído. A perspectiva de um relacionamento com alguém desencadeia mapeamento e planejamento, e o o relacionamento é projetado no futuro, com infinitas possibilidades aparecendo logo além do horizonte. Então eles são sugestionável no sentido de ser facilmente influenciado e impactado, bem como no sentido de ser facilmente impelido para inúmeras fantasias sobre ou sobre um relacionamento. A paixão da gula aparece aqui nos muitos atrativos que os Setes Sexuais tendem a ter e em suas dificuldade em formar contato profundo e de longo prazo com uma pessoa.

PALMER

Compreendendo a si mesmo e aos outros em sua vida

Sugestionabilidade (fascínio) em relacionamentos individuais

Para Setes, novas experiências e ideias são intensificadas pela imaginação positiva na medida em que assumem a força dos fatos consumados.

DANIELS

<https://drdaviddaniels.com/type-7/>

Sexual (Sobrevivência do vínculo de pares): Fascínio / Sugestionabilidade

Os tipos 7 com um subtipo sexual lidam com o preconceito emocional indo atrás novas experiências, estímulos e possibilidades. Eles não quero ser limitado para qualquer coisa. O o desejo é abraçado.

Duran e Catalão

https://docs.google.com/document/d/1OldVmCicV3sCbojWJPGc_d4NsWjdJ3MV7wIV1bYdIwY/edit

SX7: Sugestibilidade -> Encantamento

O o entusiasmo pelas possibilidades torna esse tipo manipulador e crédulo. Eles são tão capaz de sugerir e instalar entusiasmo nos outros, apenas para se deixarem ser deslumbrado e manipulado por outra pessoa, projeto ou ideia. Eles estão procurando por alguém que deixe-os viver em um êxtase contínuo isso lhes confirma que o mundo é um lugar adequado para ser feliz. A base disto sugestão é uma forma de se apaixonar pela vida, onde só se vê o que é bom. Eles são grandes entusiastas que sair do caminho e levar uma coisa para outra, eles não tem uma energia que leva ao trabalho zeloso, mas sim a sonhos vividos mais intensamente que a sua realidade, que substituem a realidade até certo ponto. Por causa desse desejo perseguido, nós os chamamos de “Encantamento”, no sentido de que é uma conquista para se mostrarem charmosos, capaz de satisfazer todas as necessidades agradar a outra pessoa, e ao mesmo tempo encantado pelo próprio encantamento e pelo entusiasmo outro fornece para eles.

Haiti

https://docs.google.com/document/d/12_kgWWc_FR3jK-4mutyOVT_8BPXrQifQxfBd1EQcPyc/edit

- Existem pessoas que à primeira vista não parecem 7s, mas quando olhamos para os subtipos (principalmente o Social Seven, o contra-tipo), acabam se enquadrando perfeitamente no tipo. Em outras palavras, os Sete da Autopreservação e Os Sete Sexuais são o estereótipo dos Sete, enquanto o Social Seven é mais o estereótipo do “bom garoto”.

Sete Sexual: SUGESTIBILIDADE

Estes são os Setes que têm diversas formas de expressar a gula, embora ainda não tantas ou tão intensamente como Setes de Autopreservação. Estes são o mais “arejado” dos três Setes e, curiosamente, eles acaba não sendo muito sexual. Eles são sonhadores com tendência ao Encantamento. Eles não tenho a dureza dos Sete da Autopreservação. Eles se dão bem entusiasmo e criatividade, evitando as partes ruins da realidade. De qualquer maneira que puderem, façam o que puderem para continue sendo uma criança grande para sempre que sai bem. À primeira vista, parece que eles não gosto do conceito de compromisso. A figura de Síndrome de Peter Pan corresponde a este subtipo como um anel no dedo.

Além disso, eles raramente cai em excesso, sendo um subtipo que se dá bem em o mundo da fantasia e das ideias. Eles são idealistas, e seus a paixão, além da própria gula, é a sugestionabilidade. Com este subtipo desejo de ser sempre criança (como a Autopreservação Dois), eles funcionam a partir de sugestionabilidade e sugerir coisas para si mesmos. Eles são como encantadores de cobras que fazem o mundo cair aos seus pés e conseguem o que querem dessa forma. Ao mesmo tempo, convencem-se de que, se alguma coisa correr mal, foi para o melhor. Qualquer que seja o problema que enfrentem, eles vão reformular como uma oportunidade. Mas, como tudo na vida, se você se deixa levar por alguma coisa, mesmo com otimismo, um tapa na cara da realidade é certo.

<https://haiki.es/2022/05/27-formas-de-ser-del-ser/>

- O sete sexual é geralmente nas nuvens. Dói de flor em flor e não tem limites. Portanto, é do seu interesse coloque “terra” em sua vida e crie raízes. Aprender a se comprometer é o seu grande desafio.
- 7 SEXUAL: Sugestibilidade (auto-indulgente) / COMPROMISSO

